

O HOMEM QUE CAIU NA TERRA



DARKSIDE

O HOMEM QUE CAIU NA TERRA



DARKSIDE

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

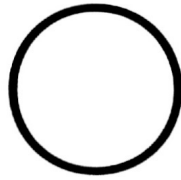
O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

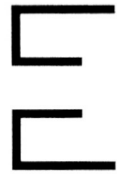


~~DARKSIDE~~





WALTER TEVIS
QUE CAIU NA TERRA



TRADUÇÃO
TAISSA
REIS

~~DARKSIDE~~

Sumário

Folha de rosto

Dedicatória

Epígrafe

A Queda de Ícaro, 1985

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Rumples Tiltskin, 1988

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Ícaro Afogado, 1990

Capítulo 1

Sobre o autor

Créditos

Para Jamie, que conhece Anthea melhor que eu

E foi assim que entrei
no mundo imperfeito
Buscando a companhia
visionária do amor, sua voz
Um instante contra o vento
(não sei para onde proferida),
Mas não por tempo
o suficiente para me apegar
a cada escolha desesperada.

HART CRANE

A QUEDA
DE ÍCARO
1985



Após andar por três quilômetros, encontrou uma cidade. Na entrada havia uma placa na qual se lia: “Haneyville. População: 1.400”. Estava bom, um tamanho razoável. Ainda era cedo – ele escolhera a manhã para a caminhada de três quilômetros porque estaria mais fresco – e não havia ninguém nas ruas. Andou por vários quarteirões sob a luz fraca, confuso pela estranheza do lugar, tenso e um pouco assustado. Tentou não pensar no que faria. Já havia pensado o bastante sobre aquilo até o momento.

Encontrou o que queria no pequeno centro comercial: uma loja minúscula chamada The Jewel Box. Na esquina próxima a ela havia um banco verde de madeira, e ele foi até lá para se sentar, com o corpo doendo pelo esforço da longa caminhada.

Viu um ser humano alguns minutos depois.

Era uma mulher, de aparência cansada e usando um vestido azul sem graça, se arrastando na direção dele rua acima. Ele rapidamente desviou o olhar, perplexo. Ela não parecia ser do jeito certo. Esperava que eles fossem mais ou menos do tamanho dele, mas essa era mais do que uma cabeça mais baixa. Seu rosto era mais rude do que esperava, e mais moreno. Sua aparência e a *sensação* que ela passava eram estranhas, mesmo ele já tendo imaginado que vê-los ao vivo não seria a mesma coisa que pela televisão.

Por fim, surgiram mais pessoas nas ruas e todas eram mais ou menos como a primeira que vira. Ouviu um homem comentar, ao passar por ele: “...é o que sempre digo, não se fazem mais carros como aquele”. E, apesar de a pronúncia ser estranha, menos definida do que ele esperara, conseguia entender o homem com facilidade.

Várias pessoas o encararam, algumas com suspeita, mas aquilo não o preocupou. Não esperava ser incomodado e, após observar os outros, estava confiante de que suas roupas conseguiriam passar por uma possível inspeção.

Aguardou dez minutos após a joalheria abrir antes de entrar. Havia um

homem atrás do balcão, um homem pequeno e rechonchudo vestindo camisa branca e gravata, tirando o pó das prateleiras. O homem parou de espanar, olhou para ele de forma meio estranha, e disse: “Pois não, senhor?”.

Sentiu-se alto demais, esquisito. E muito assustado, de repente. Sua boca se abriu para responder, mas nada saiu. Tentou sorrir, mas seu rosto pareceu congelar. Sentiu algo começar a entrar em pânico no fundo de seu ser e por um momento achou que fosse desmaiar.

O homem ainda o encarava e seu olhar pareceu não se alterar. “Pois não, senhor?”, disse ele novamente.

Com um grande esforço, ele conseguiu falar. “Eu... eu queria saber se você estaria interessado nesse... anel.” Quantas vezes praticara aquela pergunta inocente, dizendo-a várias e várias vezes para si mesmo? Ainda assim, soava estranha aos seus ouvidos, como um grupo ridículo de sílabas sem sentido.

O outro homem ainda o observava. “Que anel?”, disse ele.

“Ah.” Conseguiu sorrir, de alguma maneira. Tirou o anel de ouro de um dos dedos da mão esquerda e colocou-o no balcão, com medo de tocar na mão do homem. “Eu... Estava dirigindo por aqui e meu carro quebrou. Na estrada a alguns quilômetros daqui. Não tenho dinheiro nenhum, então pensei que talvez conseguisse vender esse anel. É bastante valioso.”

O homem girava o anel em suas mãos, de um lado para o outro, olhando para ele com suspeita. Finalmente, perguntou: “Onde conseguiu isso aqui?”.

O jeito que o homem dissera fez com que o ar se engasgasse em sua garganta. Será que havia algo errado? A cor do ouro? Algo em relação ao diamante? Tentou sorrir novamente. “Minha esposa me deu há alguns anos.”

A expressão do homem ainda estava fechada. “Como vou saber que não é roubado?”

“Ah.” Seu alívio foi imenso. “Meu nome está no anel.” Puxou sua carteira do bolso da camisa. “E eu tenho uma identificação.” Pegou o passaporte e colocou-o no balcão.

O homem olhou para o anel e leu em voz alta: “T.J., de Marie Newton. Aniversário de casamento, 1982. 18 k.”. Baixou o anel, pegou o passaporte e o folheou. “Inglaterra?”

“Sim, sou um intérprete das Nações Unidas. Essa é a minha primeira viagem para cá. Estou tentando conhecer o país.”

“Hmmm”, disse o homem, olhando novamente para o passaporte. “Bem que percebi que você tinha um sotaque.” Quando encontrou a foto no documento, leu o nome inscrito: “Thomas Jerome Newton.” E, olhando para cima novamente. “É, sem dúvidas quanto a isso. Realmente é você, tudo bem.”

Sorriu mais uma vez e dessa vez foi mais relaxado, mais genuíno, apesar de

ainda de sentir avoado, estranho, sempre com aquele peso tremendo de seu próprio corpo, o peso causado pela forte gravidade daquele lugar. Mas conseguiu dizer, de forma agradável: “Bem, então estaria interessado em comprar o anel...?”.

• • •

Recebeu sessenta dólares pelo anel e sabia que fora enganado. Mas o que tinha agora era muito mais valioso para ele do que o anel, mais do que as centenas de anéis iguais àquele que tinha consigo. Agora tinha os primeiros indícios de confiança, e tinha dinheiro.

Com parte do dinheiro, comprou duzentos e cinquenta gramas de bacon, seis ovos, pão, algumas batatas e vegetais: cinco quilos de comida ao todo, o máximo que conseguia carregar. Sua presença despertou certa curiosidade, mas ninguém fez qualquer pergunta e ele não ofereceu nenhuma resposta. Não faria diferença, já que não voltaria para aquela cidade do Kentucky.

Sentia-se bem o bastante quando deixou a cidade, apesar de todo o peso que carregava e das dores em suas articulações e costas, porque dera o primeiro passo, iniciara sua jornada: ganhara seu primeiro dinheiro americano. Mas quando estava a um quilômetro da cidade, andando por um campo deserto na direção da base das colinas onde ficava seu acampamento, tudo bateu nele de uma vez: a estranheza daquilo, o perigo, a dor e a preocupação que sentia. Ele caiu e ficou no chão, o corpo e a mente gritando pela violência que era feita contra eles por aquele lugar, um dos mais exóticos, diferentes e estranhos que havia.

Estava doente. Doença causada pela viagem longa e perigosa que fizera, por todos os remédios, pílulas, vacinas e nebulizações, estava doente de preocupação, de expectativa da crise e incrivelmente doente pelo fardo terrível que era o peso de seu corpo. Por anos, ele soube que quando a hora chegasse, quando finalmente pousasse e começasse a pôr em prática aquele plano complexo e esquematizado há tempos, sentiria algo assim. No entanto, por mais que tivesse estudado aquele lugar, por mais que tivesse ensaiado seu papel naquele plano, era tão incrivelmente estranho que o sentimento – já que agora *podia* sentir – era esmagador. Deitou-se na grama e passou muito mal.

Ele não era um homem, mas ainda assim se parecia muito com um. Tinha um e noventa e cinco de altura, e alguns homens eram ainda mais altos. Seu cabelo era branco como se fosse albino, mas o rosto era levemente bronzeado e os olhos de um azul pálido. Seu corpo era magro de forma improvável, as feições eram delicadas, os dedos longos e finos e a pele sem pelos era quase translúcida. Havia um aspecto élfico em seu rosto, um ar de garoto nos olhos grandes e

inteligentes, e o cabelo branco e cacheado estava um pouco abaixo das orelhas. Parecia bastante jovem.

Havia outras diferenças, também: suas unhas eram artificiais, por exemplo, já que não as possuía por natureza. Tinha somente quatro dedos em cada um dos pés e não tinha apêndice vermiforme ou dentes sisos. Seria impossível para ele ter soluços pois seu diafragma, assim como o restante de seu aparelho respiratório, era extremamente forte, altamente desenvolvido. A expansão de seu peito podia chegar a mais ou menos treze centímetros. Pesava muito pouco, cerca de quarenta quilos.

Ainda assim possuía cílios, sobrancelhas, polegares opositores, visão binocular e milhares das capacidades fisiológicas de um humano normal. Era imune a verrugas, mas úlceras estomacais, sarampo e cáries podiam afetá-lo. Era humano, mas não exatamente um *homem*. Também como os homens, era suscetível ao amor, medo, a dores intensas e à autopiedade.

Começou a se sentir melhor depois de meia hora. Seu estômago ainda se revirava e sentia como se não pudesse levantar a cabeça. Mas percebeu que a crise passara e começou a olhar para o mundo ao seu redor de forma mais objetiva. Sentou e olhou em volta, para o campo no qual se encontrava. Era um pasto imundo e murcho, com pequenas áreas de grama marrom, e pedaços de neve resfriada com aspecto de vidro. O céu estava claro e encoberto, então a luz difusa e suave não machucou seus olhos como o sol ofuscante de dois dias antes. Havia uma pequena casa e um celeiro do outro lado do amontoado de árvores escuras e quase sem vida que circundavam uma lagoa. Podia ver a água da lagoa através das árvores e aquela visão o fez arfar pela sua quantidade abundante. Já a vira antes daquela maneira em seus dois dias na Terra, mas ainda não se acostumara com ela. Era outra daquelas coisas que ele esperava, mas que ainda assim eram chocantes de se ver. Sabia, é claro, dos grandes oceanos e dos lagos e rios, sabia de suas existências desde que era menino, mas a visão real da profusão de água em apenas uma lagoa era de tirar o fôlego.

Também começou a ver um tipo de beleza na peculiaridade daquele campo. Era bastante diferente do que fora ensinado a esperar, o que logo descobriu ser verdade sobre várias coisas daquele mundo, mas ainda assim havia certo prazer para ele nas cores e texturas estranhas, nas novas paisagens e cheiros. Em seus sons também, pois seus ouvidos eram muito aguçados e podiam ouvir muitos barulhos diferentes e agradáveis na grama, os diversos atritos e estalos dos insetos que tinham sobrevivido ao clima frio do início de novembro e, quando colocava a cabeça sobre o chão, podia ouvir até mesmo os murmúrios sutis e baixos da própria terra.

De repente sentiu uma agitação no ar, uma revoada de asas negras, e então

escutou um chamado rouco e pesaroso e uma dezena de corvos voaram sobre sua cabeça e para longe através dos campos. O antheano observou-os até que estivessem fora de vista, e sorriu. Aquele seria, no fim das contas, um bom mundo...

• • •

Seu acampamento ficava numa área desolada escolhida cuidadosamente: uma jazida de carvão abandonada ao leste de Kentucky. Não havia nada ao seu redor por vários quilômetros a não ser terra nua, pequenos trechos de uma vegetação rasteira pálida e alguns elevados de pedra enegrecida. Sua tenda estava montada próxima a um desses elevados, quase invisível contra as pedras. Era cinza e feita do que parecia ser algodão trançado.

Estava praticamente exausto quando chegou nela, e teve que descansar por vários minutos antes de abrir a sacola e tirar dela a comida. Fez isso com cuidado, calçando luvas finas antes de tocar nos pacotes e colocando-os em uma pequena mesa dobrável. Tirou um grupo de instrumentos de debaixo da mesa e arrumou-os ao lado do que comprara em Haneyville. Olhou para os ovos, o aipo, o rabanete, o arroz, o feijão, as batatas, as salsichas e as cenouras e sorriu para si mesmo por um momento. A comida não parecia perigosa.

Então ele pegou um dos pequenos instrumentos metálicos, inseriu-o em uma das pontas da batata e iniciou a análise qualitativa...

Três horas depois, ele tinha comido a cenoura crua e mordido o rabanete, que queimou sua língua. A comida era boa – bastante estranha, mas boa. Fez uma fogueira e cozinhou o ovo e a batata. Enterrou a salsicha, já que encontrou alguns aminoácidos nela dos quais não estava muito certo, mas não havia muito perigo para ele no restante da comida além da sempre presente bactéria. Tudo correu como o esperado. Descobriu que a batata era deliciosa, apesar de todos os carboidratos.

Estava muito cansado. Mas, antes de deitar em sua barraca, saiu para olhar o local onde tinha destruído o motor e os instrumentos da sua nave para um passageiro dois dias antes, em seu primeiro dia na Terra.

2.

A música era o *Quinteto para Clarinete em Lá Maior* de Mozart. Pouco antes do *allegretto*, Farnsworth ajustou o retorno do grave em cada um dos pré-amplificadores e aumentou o volume de leve. Acomodou-se pesadamente na poltrona de couro. Gostava do *allegretto* com os graves fortes. Eles davam ao clarinete uma ressonância que, por si só, já parecia ter algum tipo de significado. Encarou a janela emoldurada por cortinas que dava para a Fifth Avenue. Dobrou os dedos roliços e ouviu a música se elevar.

Quando terminou e a fita parou de girar, ele olhou para o batente da porta que levava ao escritório exterior e viu que a empregada estava parada ali pacientemente, esperando por ele. Olhou para o relógio de porcelana da cornija da lareira e franziu a testa. Então olhou para a empregada e disse: “Sim?”.

“Um sr. Newton está aqui, senhor.”

“Newton?” Não conhecia nenhum Newton rico. “O que será que ele quer?”

“Ele não disse, senhor”, respondeu e levantou uma sobrancelha de leve. “Ele é estranho, senhor. E parece muito... importante.”

Refletiu por um momento e pediu: “Deixe-o entrar”.

A empregada estava certa, o homem era bastante estranho. Alto, magro e com cabelos brancos, tinha uma estrutura óssea muito fina e delicada. Sua pele era lisa e o rosto juvenil, mas os olhos eram muito estranhos, como se fossem fracos, sensitivos demais, mas ainda assim possuía um olhar que era antigo, sábio e cansado. O homem vestia um terno cinza-escuro de aparência cara. Andou até uma cadeira e se sentou com cuidado, acomodando-se no assento como se carregasse uma grande quantidade de peso. Olhou para Farnsworth e sorriu. “Oliver Farnsworth?”

“Gostaria de uma bebida, sr. Newton?”

“Um copo d’água, por favor.”

Farnsworth deu de ombros mentalmente e designou a ordem à empregada. Então, quando ela saiu, olhou para seu convidado e se inclinou com aquele gesto

universal que significa “vamos começar”.

Newton, no entanto, continuou sentado com a postura ereta, as mãos longas e magras cruzadas em seu colo, e disse: “Entendo que você é bom com patentes, certo?” Havia o traço de um sotaque em sua voz e a sua dicção era muito precisa, formal demais. Farnsworth não conseguiu identificar o sotaque.

“Sim”, respondeu, e acrescentou, de forma um pouco rude: “Funciono em horário comercial, sr. Newton”.

Newton pareceu não ouvi-lo. Seu tom era gentil e caloroso: “Sei, na verdade, que você é o melhor homem nos Estados Unidos quando se trata de patentes. E também que é bastante caro”.

“Sim, eu sou bom.”

“Ótimo”, disse o outro. Estendeu o braço para o lado de sua cadeira e ergueu sua pasta.

“E o que você quer?” Farnsworth olhou novamente para o relógio.

“Gostaria de planejar algumas coisas com você.”

O homem alto retirou um envelope de sua pasta.

“Não está muito tarde?”

Newton abriu o envelope e tirou um maço de notas, amarradas por um elástico de borracha. Olhou para cima e sorriu de forma cordial.

“Poderia vir buscá-las? Andar é muito difícil para mim. Minhas pernas...”

Incomodado, Farnsworth se levantou da poltrona, andou até o homem, pegou o dinheiro, voltou e se sentou novamente. Eram notas de mil dólares.

“Há dez delas”, disse Newton.

“Está sendo bastante melodramático, não é verdade?” Colocou o maço no bolso de seu roupão. “E para que servirá isso?”

“Para hoje à noite”, respondeu Newton. “Para mais ou menos três horas da sua atenção dedicada.”

“Mas por que diabos à noite?”

O outro deu de ombros casualmente.

“Ah, por várias razões. Privacidade é uma delas.”

“Você poderia conseguir a minha atenção por menos de dez mil dólares.”

“Sim. Mas eu também queria impressioná-lo pela... importância da nossa conversa.”

“Muito bem.” Farnsworth se acomodou na poltrona. “Vamos conversar.”

O homem magro parecia relaxado, mas não se recostou na cadeira. “Primeiro”, disse ele, “quanto dinheiro ganha por ano, sr. Farnsworth?”

“Não recebo um salário.”

“Muito bem. Quanto ganhou no ano *passado*?”

“Tudo bem, você pagou por isso. Aproximadamente cento e quarenta mil.”

“Entendo. Você pode ser considerado rico, então?”

“Sim.”

“Mas gostaria de ainda mais dinheiro?”

Aquilo estava ficando ridículo. Era como um programa de televisão ruim. Mas o outro homem o estava pagando, logo, o melhor para ele era continuar com a programação. Tirou um cigarro de uma caixa de couro e disse: “É claro que gostaria de mais”.

Newton se inclinou apenas um pouco para a frente antes de falar.

“Muito mais, sr. Farnsworth?”, disse com um sorriso, começando a gostar muito da situação.

Também era uma jogada, mas alcançou seu objetivo. “Sim”, respondeu. “Cigarro?” Estendeu a caixa para o convidado.

Ignorando a oferta, o homem com o cabelo branco encaracolado continuou: “Posso deixá-lo muito rico, sr. Farnsworth, se puder dedicar os próximos cinco anos da sua vida inteiramente a mim”.

Farnsworth manteve seu rosto sem expressão e acendeu o cigarro enquanto sua mente trabalhava rapidamente, revirando essa estranha entrevista por inteiro, tentando desvendar a situação e levando em conta a pequena chance de a oferta daquele homem ser verdadeira. Mas o homem, por mais estranho que fosse, tinha dinheiro. Seria sábio continuar com a brincadeira por mais um tempo. A empregada voltou com uma bandeja de prata com copos e gelo.

Newton pegou seu copo da bandeja com cautela e segurou-o em uma das mãos enquanto, com a outra, retirou uma caixa de aspirinas do bolso, abriu-a com o polegar e jogou um dos comprimidos na água. O comprimido se dissolveu, branco e turvo. Ele segurou o copo e observou-o por um tempo, para então começar a bebê-lo de forma bastante lenta.

Farnsworth era advogado, tinha um olhar para os detalhes. Viu instantaneamente que havia algo estranho sobre a caixa de aspirinas. Era um objeto comum, obviamente da marca Bayer, mas havia algo errado nela. E alguma coisa também não estava certa na maneira pela qual Newton bebia sua água, lenta e cuidadosamente para não derramar nem uma gota, como se fosse preciosa. E a água ficara turva com apenas uma aspirina, o que parecia incorreto. Ele teria que testar com uma aspirina mais tarde, quando o homem tivesse ido embora, para ver o que aconteceria.

Antes que a empregada saísse, Newton pediu a ela que levasse sua pasta para Farnsworth. Quando ela se foi, tomou um último gole apaixonado e pousou o copo ainda quase cheio ao seu lado sobre a mesa. “Existem algumas coisas na pasta que eu gostaria que lesse.”

Farnsworth abriu a mala, encontrou um maço grosso de papéis e puxou-os

para seu colo. Os papéis, logo percebeu, tinham uma textura estranha. Apesar de serem extremamente finos, eram duros e, ainda assim, flexíveis. A folha de cima continha, em sua maioria, fórmulas químicas impressas com cuidado em tinta azulada. Ele folheou o restante: diagramas de circuitos, gráficos e desenhos esquemáticos do que pareciam ser equipamentos de fábricas. Ferramentas e mecanismos. À primeira vista, algumas das fórmulas pareciam familiares. Olhou para cima. “Eletrônicos?”

“Sim, em parte. Você conhece esse tipo de equipamento?”

Farnsworth não respondeu. Se o outro homem sabia de qualquer coisa sobre ele, sabia que havia lutado meia dúzia de batalhas como líder de um grupo de quase quarenta advogados pela vida empresarial de um dos maiores conglomerados de fabricação de componentes eletrônicos do mundo. Começou a ler os papéis...

• • •

Newton estava sentado reto em sua cadeira, olhando para o homem, com seu cabelo branco brilhando na luz vinda do lustre. Sorria, mas seu corpo inteiro doía. Após um tempo, pegou o copo e começou a bebericar a água que, por toda a sua longa vida, fora o bem mais precioso de sua casa. Bebeu lentamente e observou Farnsworth ler, e a tensão que sentia, a ansiedade cuidadosamente oculta que esse escritório incrivelmente estranho lhe proporcionava, o medo que esse humano gordo com sua papada crescente, sua testa retesada e seus pequenos olhos porcos o fizera sentir, começaram a deixá-lo. Sabia que conquistara aquele homem. Viera ao lugar certo...

• • •

Mais de duas horas se passaram antes que Farnsworth erguesse os olhos da documentação. Durante aquele tempo, bebera três copos de uísque. Seus olhos estavam rosados nas pontas. Piscou na direção de Newton, primeiro quase sem vê-lo e depois focando seus pequenos olhos arregalados nele.

“Então?”, perguntou Newton, ainda sorrindo.

O homem gordo respirou fundo e sacudiu a cabeça como se tentando organizar os pensamentos. Quando falou, sua voz estava suave, hesitante e extremamente cautelosa. “Não entendo todas elas”, disse. “Apenas algumas. Poucas. Não entendo de ótica ou filmes fotográficos.” Voltou a olhar para os papéis em suas mãos, como se para ter certeza de que ainda estavam lá. “Sou um advogado, sr. Newton. Um advogado.” E então sua voz se ergueu de repente, forte e trêmula, o corpo gordo e os olhos pequenos determinados e alertas. “Mas entendo de eletrônicos e conheço máquinas. Acho que consigo entender seu...

amplificador e também acho que compreendo sua televisão e...” Ele se interrompeu momentaneamente, piscando. “Meu Deus, acho que eles podem ser produzidos da maneira que diz.” Soltou a respiração lentamente. “Me parecem convincentes, sr. Newton. Acho que vão funcionar.”

Newton ainda sorria para ele. “Vão, sim. Todos eles”, disse o homem.

Farnsworth pegou um cigarro e o acendeu, se acalmando. “Terei que conferi-los. Os metais, os circuitos...” E, subitamente, se interrompeu com o cigarro preso entre os dedos roliços. “Por Deus, homem! Você sabe o que tudo isso significa? Sabe que tem nove patentes básicas, eu disse *básicas*, nisto aqui?” Levantou um papel com a mão rechonchuda. “Apenas nessa transmissão por vídeo e nesse pequeno retificador? E... Sabe o que isso significa?”

A expressão de Newton não se alterou. “Sim, eu sei o que significa”, respondeu.

Farnsworth aspirou lentamente a fumaça do cigarro. “Se estiver certo, sr. Newton”, disse, a voz se acalmando, “se estiver certo, você pode ter a RCA, a Eastman Kodak. Meu Deus, você pode ser dono da DuPont. Sabe o que tem aqui?”

Newton o encarou com intensidade. “Eu sei o que tenho aqui”, respondeu.

• • •

Levaram seis horas para dirigir até a casa de campo de Farnsworth. Newton tentou acompanhar a conversa durante parte do tempo, se segurando no canto do banco de trás da limusine, mas a aceleração forte do carro causava dor demais ao seu corpo já sobrecarregado com a pressão de uma gravidade com a qual sabia que levaria anos para se acostumar, e foi forçado a dizer ao advogado que estava muito cansado e precisava descansar. Fechou os olhos, deixou que o assento acolchoado suportasse seu peso ao máximo e suportou a dor tanto quanto pôde. O ar dentro do carro também estava muito quente para ele, na temperatura dos dias mais quentes em casa.

Por fim, enquanto atravessavam os limites da cidade, a direção do chofer se tornou mais estável e os solavancos do carro parando e voltando a andar começaram a diminuir. Olhou algumas vezes para Farnsworth. O advogado não cochilava. Estava sentado com os cotovelos sobre os joelhos, ainda folheando a papelada que Newton entregara para ele e seus pequenos olhos estavam brilhantes e intensos.

A casa era enorme, isolada em meio a uma grande área arborizada. A construção e as árvores pareciam úmidas, com um brilho fraco na luz cinzenta da manhã, que parecia com a luz do meio-dia de Anthea. Era relaxante para seus olhos sensíveis demais. Gostava da floresta, do sentimento de vida silencioso em

meio a ela, da umidade brilhante – a sensação da água e das frutas que abundavam nessa terra –, e até mesmo dos gorjeios e trinados contínuos dos insetos. Seria uma fonte eterna de prazer se comparada ao seu próprio mundo, à seca, ao vazio e ao silêncio dos enormes desertos que ficavam entre as cidades quase vazias nas quais o único som era o choro do vento frio incessante que falava da agonia de seu próprio povo moribundo...

Um criado, com os olhos pesados e usando um roupão, os encontrou na porta. Farnsworth o dispensou, pedindo por café, e então, quando ele se foi, gritou que precisava preparar um quarto para seu hóspede e que não receberia ligações por pelo menos três dias. Farnsworth o conduziu à biblioteca.

O cômodo era muito grande e decorado de forma até mais extravagante que o escritório no apartamento de Nova York. Obviamente, Farnsworth lia as melhores revistas para os homens ricos. No meio da biblioteca, havia a estátua na cor branca de uma mulher nua segurando uma lira elaborada. Duas das paredes eram cobertas por estantes de livros e na terceira havia uma pintura imensa de uma figura religiosa que Newton reconheceu como Jesus, pregado em uma cruz de madeira. O rosto naquela imagem o assustou: sua magreza e os olhos grandes e penetrantes poderiam ser os da face de um antheano.

Olhou para Farnsworth que, apesar de perplexo, agora mantinha a compostura, recostando-se na poltrona com as mãos pequenas unidas sobre a barriga, observando seu hóspede. Os olhos dos dois se encontraram em um momento constrangedor e o advogado desviou o olhar.

No momento seguinte, retomou o olhar e perguntou: “Muito bem, sr. Newton, quais são os seus planos?”.

Seu interlocutor sorriu. “São bastante simples. Quero ganhar a maior quantidade de dinheiro possível e da maneira mais rápida que puder.”

O rosto do advogado não mostrava expressão alguma, mas sua voz soava irônica. “Sua simplicidade tem alguma elegância, sr. Newton”, disse ele. “Quanto dinheiro você tem em mente?”

Newton olhou em volta de forma distraída para os caros *objets d’art* espalhados pelo cômodo. “Quanto podemos ganhar em, digamos, cinco anos?”

Farnsworth o observou por um momento e ficou de pé. Cambaleou, cansado, até a estante e começou a girar alguns pequenos botões até que os alto-falantes, escondidos em algum lugar, tocassem música de violinos. Newton não reconheceu a melodia, mas era calma e complexa. Ajustando os controles, Farnsworth declarou: “Isso depende de dois fatores”.

“Que são?”

“Primeiro, o quão honestamente o senhor quer conduzir isso, sr. Newton?”

Newton voltou sua atenção para Farnsworth. “De forma completamente

honesto”, respondeu. “Legalmente.”

“Entendo...” Farnsworth não parecia conseguir ajustar o controle do soprano ao seu gosto. “Bem, então vamos ao segundo: qual será a minha participação?”

“Dez por cento do lucro líquido. Cinco por cento de todas as ações da empresa.”

Farnsworth retirou os dedos do controle do amplificador de forma brusca. Retornou lentamente para sua cadeira e sorriu ligeiramente. “Tudo bem, sr. Newton”, disse ele. “Acho que posso conseguir um lucro líquido de... trezentos milhões de dólares, em cinco anos.”

Newton refletiu um pouco e respondeu: “Acho que não será o suficiente”.

Farnsworth o encarou por um longo minuto com as sobrancelhas arqueadas antes de perguntar: “Não será o suficiente para *o quê*, sr. Newton?”.

Os olhos de Newton se estreitaram. “Para um... projeto de pesquisa. Um projeto muito caro.”

“Garanto que será o suficiente.”

“Vamos supor”, continuou o homem alto, “que eu possa fornecer a você um processo de refinamento de petróleo mais ou menos quinze por cento mais eficiente do que qualquer outro em uso atualmente. Isso faria com que sua previsão chegasse aos quinhentos milhões?”

“O seu... processo, ele poderia ser implementado em um ano?”

Newton concordou. “Dentro de um ano poderia superar a produção da Standard Oil Company, para quem poderíamos arrendá-lo, creio eu.”

Farnsworth o encarava novamente. Disse, por fim: “Amanhã começaremos a organizar a documentação”.

“Muito bem.” Newton se levantou, rígido, de sua cadeira. “Poderemos então falar sobre os acordos com mais detalhes. Existem somente dois pontos importantes, na verdade: que você obtenha o dinheiro honestamente e que eu só precise manter o mínimo de contato possível com outras pessoas que não você.”

O quarto ficava no andar de cima e, a princípio, pensou que não conseguiria subir as escadas. Mas o fez, avançando um degrau de cada vez, enquanto Farnsworth subia ao seu lado sem falar nada. Depois de lhe indicar seu quarto, o advogado virou-se para ele e disse: “Você é um homem incomum, sr. Newton. Se importa que eu pergunte onde nasceu?”.

A pergunta tomou-o de surpresa, mas ele manteve a compostura. “Nem um pouco”, respondeu. “Sou do Kentucky, sr. Farnsworth.”

As sobrancelhas do advogado se ergueram levemente. “Entendo...”, disse, então se virou e andou pesadamente pelo corredor, cujo piso de mármore fazia seus passos ecoarem...

O quarto tinha o pé-direito alto e era decorado com exuberância. Percebeu

que havia uma televisão embutida na parede de forma que poderia assisti-la de sua cama e sorriu, mesmo cansado, ao vê-la. Teria que ligá-la em algum momento para ver como era a recepção deles, comparada com a de Anthea. E seria divertido ver alguns dos programas novamente. Sempre gostara dos faroestes, apesar de os programas de perguntas e respostas e os “educacionais” de domingo terem fornecido a ele e à sua família a maior parte das informações que conseguira memorizar. Não assistia a programas de TV há... Quanto tempo a viagem tinha demorado? ...quatro meses. E estava na Terra havia dois meses, conseguindo dinheiro, estudando germes que causavam doenças, a comida e a água, aperfeiçoando seu sotaque, lendo os jornais e se preparando para a entrevista crucial com Farnsworth.

Olhou pela janela para a luz brilhante da manhã e para o pálido céu azul. Em algum lugar daquele céu, possivelmente na exata direção para onde olhava, estava Anthea. Um lugar frio, moribundo, mas do qual sentia saudades. Um lugar onde havia pessoas que amava e que não veria por um bom tempo... Mas as veria novamente.

Fechou as cortinas e, lentamente, deitou seu corpo cansado e dolorido sobre a cama. De alguma forma, toda a sua empolgação parecia ter sumido, e ele estava relaxado e calmo. Adormeceu em poucos minutos.

Os raios de sol da tarde o acordaram e, apesar de machucarem seus olhos com o seu brilho, já que as cortinas eram translúcidas, acordou se sentindo agradavelmente descansado. Provavelmente por causa da maciez do colchão, comparado à daqueles dos hotéis obscuros onde se hospedara, e do alívio causado pelo sucesso da noite anterior. Ficou deitado na cama pensando por vários minutos, até que se levantou e foi até o banheiro. Havia um barbeador elétrico para seu uso, junto com sabão, toalhas de rosto e de banho. Sorriu ao vê-los, porque antheanos não tinham barba. Abriu o registro da pia e observou a água cair por um tempo, fascinado como sempre pela sua visão. Lavou o rosto sem usar o sabão, que irritava a sua pele, mas com o creme de um vidro de sua mala. Tomou seus comprimidos habituais, trocou de roupa e foi para o andar de baixo para começar a ganhar meio bilhão de dólares.

• • •

Naquela noite, seis horas de conversa e planejamento depois, ficou por bastante tempo na varanda do quarto, aproveitando o ar fresco e observando o escuro céu noturno. As estrelas e os planetas pareciam estranhos, piscando na atmosfera pesada, e gostou de vê-los em posições diferentes. Mas sabia muito pouco de astronomia e os padrões eram confusos para ele, a não ser aquelas estrelas do Grande Carro e de algumas constelações menores. Finalmente retornou ao seu

quarto. Seria agradável saber qual deles era Anthea, mas não sabia dizer...

Em uma tarde de primavera incomumente abafada, o professor Nathan Bryce, ao subir as escadas em direção ao seu apartamento no quarto andar, descobriu um rolo de munição de espoleta no chão do terceiro. Ao se lembrar do som alto, no corredor, de armas de espoleta disparando do dia anterior, recolheu-o com a intenção de jogá-lo fora no vaso sanitário quando chegasse ao seu apartamento. Demorou um pouco para reconhecer o pequeno rolo, porque este era amarelo. Na sua época, as espoletas sempre eram vermelhas, com um sombreado de ferrugem peculiar, o que sempre lhe pareceu a cor ideal para espoletas, bombinhas e esse tipo de coisa. Mas aparentemente estavam fazendo algumas amarelas agora, da mesma forma que se faziam geladeiras rosa, copos de alumínio amarelos e outras maravilhas sem sentido. Continuou a subir as escadas, suando e pensando em algumas das substâncias químicas que seriam usadas na criação dos copos de alumínio repuxado. Imaginou que os homens das cavernas que bebiam das próprias mãos calejadas em concha poderiam ter se virado perfeitamente sem todo o aprendizado complexo sobre engenharia química – aquele conhecimento maldito e sofisticado do comportamento molecular e de seus processos comerciais – que ele, Nathan Bryce, era pago para entender, além de escrever artigos científicos sobre eles.

Quando finalmente chegou ao apartamento, já tinha esquecido das espoletas. Havia muitas outras coisas nas quais pensar. Ainda parada no mesmo lugar onde esteve pelas últimas seis semanas, de um lado de sua grande e desgastada mesa de carvalho, ficava uma pilha desordenada de trabalhos de alunos, uma visão horrorosa. Ao seu lado havia um aquecedor a gás antigo pintado de cinza, um anacronismo naqueles tempos de aquecimento elétrico, e em cima de seu venerável tampo de ferro trabalhado estava uma pilha bagunçada e ameaçadora de cadernos de registros de laboratório dos alunos. Estavam empilhados até alcançarem tal altura que o pequeno quadro de Lasansky que ficava pendurado muito acima do aquecedor estava quase completamente coberto por eles. Apenas

um par de olhos marcados estava à mostra – olhos, provavelmente, de um deus cansado da ciência, olhando em aflição muda sobre os relatórios do laboratório. Havia sido o professor Bryce, já que um homem dado a um tipo peculiar de humor ácido, quem pensara naquilo. Também percebeu que a pequena obra – era o rosto barbado de um homem –, uma das poucas coisas de valor que encontrara em três anos naquela cidade do Centro-Oeste, agora era impossível de ser vista por causa dos trabalhos de seus estudantes.

No lado da mesa que não estava amontoadado de coisas ficava sua máquina de escrever, como outro deus mundano – um deus grosseiro, trivial e exigente demais –, ainda com a décima sétima página de um artigo sobre os efeitos de radiações ionizantes sobre resinas de poliéster, um artigo sem demanda, sem compromisso e que provavelmente nunca seria concluído. O olhar de Bryce encontrou essa confusão sombria: as folhas dos trabalhos espalhadas como uma cidade de castelos de cartas bombardeada, as soluções infundáveis e assustadoramente organizadas dos estudantes para equações de oxirredução e para os preparos industriais de ácidos desagradáveis, e o artigo igualmente tedioso sobre resinas de poliéster. Olhou para aquelas coisas por trinta segundos, com as mãos enfiadas nos bolsos de seu casaco, em uma tristeza sombria. Então, como estava quente naquele cômodo, tirou o casaco, jogou-o no sofá de brocado dourado, enfiou a mão por baixo da camisa para coçar a barriga, andou até a cozinha e começou a fazer café. A pia estava com pilhas de retortas, béqueres e pequenos jarros sujos, junto com pratos de café da manhã, um deles manchado de gema de ovo. Observando aquela confusão impossível, sentiu uma súbita vontade de gritar em desespero, mas não o fez. Meramente ficou parado por um minuto e disse, em voz alta: “Bryce, você é uma maldita bagunça”. Encontrou um béquer razoavelmente limpo, o enxaguou, encheu-o com café em pó e água quente da pia, misturou-os com um termômetro de laboratório e bebeu tudo de uma vez, encarando através do béquer o quadro grande e caro de Bruegel, intitulado *A Queda de Ícaro*, que ficava pendurado na parede acima do fogão branco. Uma bela imagem. Uma que ele já amara, mas com a qual agora estava meramente acostumado. O prazer que ele lhe dava tinha se tornado apenas intelectual – gostava da cor, das formas, das coisas que um entusiasta das artes gosta – e sabia perfeitamente bem que era um mau sinal ou talvez, algo pior, que aquele sentimento tivesse muito a ver com a pilha infeliz de relatórios que se acumulavam em sua mesa na sala ao lado. Ao terminar o café, ele recitou em uma voz suave e ritualística, sem qualquer expressão ou sentimento, as linhas do poema de Auden sobre a pintura:

*... o delicado barco de luxo que devia ter visto
Algo surpreendente, um rapaz despencando do céu,
Precisava ir a alguma parte e continuou calmamente a velejar.*^[1]

Colocou o béquér sujo sobre o fogão, arregaçou as mangas, tirou a gravata e começou a encher a pia com água quente, observando a espuma do detergente borbulhar sob a pressão da torneira como uma criatura multicelular, os olhos compostos de um grande inseto albino. Enfiou o vidro através da espuma e na água quente sob ela, encontrou a esponja e começou a trabalhar. Tinha que começar por algum lugar, afinal...

Quatro horas depois, ele havia reunido uma pequena pilha de trabalhos para os quais dera nota e começou a mexer nos bolsos à procura de um elástico para prendê-los juntos. Foi quando encontrou o rolo de munição de espoleta. Ele o tirou do bolso, segurou-o na mão aberta por um momento e deu um sorriso besta. Não soltava uma espoleta há trinta anos – não desde que, em um tempo antigo de inocência e espinhas, passara das armas de espoleta e de *A Child's Garden of Verses* para o kit de química de aparência verdadeira que seu avô lhe dera como um cutucão direto do Destino. Sentiu uma vontade repentina de ter uma arma de espoleta. Achou que gostaria de atirar algumas ali, naquele apartamento vazio, uma a uma. Lembrou-se de como, sabe lá Deus quantos anos antes, imaginara o que aconteceria se você acendesse um rolo inteiro de espoletas, uma ideia radicalmente agradável. Mas ele nunca chegou a tentar. Bem, não havia momento melhor do que aquele. Levantou-se, sorrindo abertamente, e foi para a cozinha. Arrumou a fileira de espoletas em uma folha de gaze de cobre, que colocou em cima de um tripé. Derramou um pouco de álcool de uma lamparina nelas, murmurando de forma presunçosa: “Ignição positiva”. Pegou uma lasca de madeira de uma pilha, acendeu-a com seu isqueiro e encostou-a com cuidado nas espoletas. Ficou surpreso e feliz com os resultados: esperava apenas uma série irregular de pequenos sons de *phrrt* e um pouco de fumaça cinzenta de pólvora, mas em seu lugar conseguiu, enquanto o rolo dançava loucamente dentro da gaze de cobre, uma linda confusão de *bangs* altos e satisfatórios. Estranhamente, nenhuma fumaça subiu do resíduo escuro, nem nenhum odor. Aquilo era estranho. *Meu Deus*, pensou ele, *como essas coisas acontecem rápido!* Algum outro pobre cientista já tinha encontrado um substituto para a pólvora. Imaginou por um instante o que aquilo poderia ser e então deu de ombros. Talvez desse uma olhada quando tivesse tempo. Mas sentiu falta do cheiro de pólvora, um cheiro bom e pungente. Olhou para o relógio: sete e meia. Do lado de fora o crepúsculo primaveril caía. Já passava da hora da janta. Foi até o banheiro e lavou as mãos e o rosto, sacudindo a cabeça para sua própria aparência cansada e

cinzenta no espelho. Buscou o casaco no sofá, vestiu-o e saiu. Observou a escada despretensiosamente ao descê-la, procurando outro rolo de espoletas, mas não havia mais nenhum.

Depois de um hambúrguer e uma xícara de café, decidiu assistir a um filme. Tivera um dia difícil – quatro horas de expediente no laboratório, três como professor e quatro lendo aqueles trabalhos idiotas. Andou em direção ao centro, esperando que o cinema estivesse passando um filme de ficção científica, um com dinossauros ressuscitados com seus cérebros de pássaro e marchando maravilhados por Manhattan, ou com invasores insetívoros de Marte que vieram destruir a porcaria do mundo inteiro (que já vai tarde) para que eles pudessem comer os insetos. Mas não havia nada desse tipo passando e ele se conformou com um musical, comprando pipoca e uma barra de doce antes de entrar no pequeno auditório escuro e procurar um assento isolado na fileira do corredor. Começou a comer a pipoca para tentar tirar da boca o gosto da mostarda barata do hambúrguer. Um cinejornal estava sendo exibido e ele o assistiu sem empolgação, com o leve medo que aquele tipo de coisa podia causar nele. Esse mostrava fotos de protestos na África. *Há quantos anos aconteciam protestos na África? Desde o começo da década de 1960?*, pensou. Um discurso de um político da Costa do Ouro começou, no qual ameaçava o uso de “armas táticas de hidrogênio” contra alguns “fomentadores” infelizes. Bryce se contorceu no assento, envergonhado pela sua profissão. Anos antes, quando era um estudante de graduação com uma perspectiva brilhante, trabalhara por um tempo no projeto original da bomba de hidrogênio. Como o pobre e velho Oppenheimer, tinha questionamentos sérios naquela época. A tela mudou para fotos de plataformas de mísseis nas margens do rio do Congo, então para corridas de foguetes tripulados na Argentina e, por fim, para a moda de Nova York, com vestidos tomara-que-caia para mulheres e calças de babado masculinas. Mas Bryce não conseguia tirar os africanos da cabeça. Aqueles jovens negros sérios eram os netos das famílias empoeiradas e taciturnas que eram exibidas na *National Geographic*, cutucadas em inúmeros consultórios médicos e nos gabinetes de parentes respeitáveis. Lembrou-se dos peitos caídos das mulheres, do inevitável lenço vermelho no pescoço em todas as fotografias coloridas. Os descendentes daquelas pessoas estavam vestindo uniformes e indo para universidades, bebendo martinis e fazendo suas próprias bombas de hidrogênio.

O musical começou com cores fortes e vulgares, como se pudesse ofuscar e apagar as memórias do cinejornal à força. Tinha o nome de *The Shari Leslie Story* e era sem graça e barulhento. Bryce tentou se deixar envolver pelos movimentos e cores sem propósito, mas descobriu que não conseguia e teve que se contentar primeiro com as nádegas firmes e as longas pernas da jovem mulher

do filme. Aquela já era uma distração suficiente por si só, mas era o tipo de distração que podia ser tão dolorosa quanto absurda para um viúvo de meia-idade. Contorcendo-se ao ser confrontado por uma sensualidade gritante, desviou sua atenção para a fotografia do filme, e pela primeira vez se deu conta de que a qualidade técnica das imagens era impressionante. As linhas e os detalhes, apesar de ampliados em uma enorme tela Dupliscopes, pareciam tão nítidos quanto em uma foto impressa. Piscou, observando aquilo tudo, e limpou os óculos com o lenço. Não havia dúvida, as imagens eram perfeitas. Sabia um pouco de fotoquímica, aquela qualidade de imagem não parecia ser possível, pelo que conhecia de processos de transferência de cor e filmes em cor de três emulsões. Impressionado, se pegou assoviando baixinho, e assistiu ao restante do filme com um interesse maior, apenas ocasionalmente distraído quando uma das figuras rosadas retirou o sutiã, algo com que ele nunca tinha conseguido se acostumar de ver em filmes.

Antes de sair da sala de cinema, parou por um momento para procurar o anúncio dos patrocinadores do filme e ver o que eles falariam sobre o processo de colorização. Não foi nem um pouco difícil encontrá-lo. Exibida com destaque sobre os anúncios espalhafatosos havia uma faixa na qual se lia: “A mais recente e nova sensação da cor, AS CORES DO WORLD-COLOR”. Não havia mais nada além daquilo, a não ser pelo pequeno “R” circulado que significava “marca registrada” e, em uma fonte mínima mais abaixo, “Registrado pela W.E. Corp.”. Tentou imaginar combinações que se encaixariam naquelas iniciais, mas com a peculiaridade extravagante que sua mente funcionava eventualmente, as únicas coisas nas quais pensou eram absurdas: Wan Eagles, Wamsutta Enchiladas, Wealthy Engineers, Worldly Eros. Deu de ombros e começou a andar com as mãos no bolso pela rua escura até o coração de néon da pequena cidade universitária.

Inquieto e um pouco irritado, sem querer ir para casa e olhar para aqueles trabalhos de novo, se percebeu procurando por um daqueles bares nos quais os estudantes bebiam cerveja. Encontrou um chamado Henry’s, um pequeno lugar artístico com canecas de cerveja alemãs na vitrine. Já estivera ali antes, mas apenas de manhã. Era um de seus poucos vícios atuais. Descobrira que, desde quando sua esposa morrera, oito anos antes – em um hospital brilhante com um tumor de quase um quilo e meio no estômago –, que havia algumas coisas a serem ditas em favor de beber pela manhã. Descobrira, por acidente, que estar de leve, mas definitivamente bêbado, podia ser algo agradável em uma manhã cinzenta e sombria – daquelas manhãs com um clima sem graça e apático –, e transformar melancolia em prazer. Mas aquilo tinha que ser conduzido com a precisão de um químico: coisas ruins podiam acontecer caso cometesse um erro.

Havia inúmeros penhascos dos quais poderia cair e, em dias cinzentos, a autocomiseração e o luto sempre estavam rondando como ratos esfomeados, logo além da embriaguez matutina. Mas ele era um homem instruído e sabia daquelas coisas. Assim como a morfina, tudo dependia de ter as quantidades certas.

Abriu a porta do Henry's e foi recebido pela agonia tênue de um jukebox que dominava o centro do salão, pulsando em sons graves e luz vermelha, como um coração doente e frenético. Andou, com um pouco de insegurança, por entre fileiras de cabines de plástico, normalmente vazias e sem cor durante as manhãs, mas agora lotadas de estudantes. Alguns deles murmuravam uns com os outros de forma séria, muitos tinham barba e estavam meticulosamente desarrumados – como anarquistas teatrais ou “agentes de um poder estrangeiro” dos filmes antigos dos anos 1930. E além das barbas? Poetas? Revolucionários? Um deles, aluno de sua matéria de química orgânica, escrevia artigos para o jornal da faculdade sobre o amor livre e o “cadáver pútrido da ética cristã, que polui as nascentes da vida”. Bryce acenou para ele e o garoto o encarou, envergonhado, acima da barba malfeita. A maioria daqueles garotos vinha das áreas rurais de Nebraska e de Iowa, assinando petições pelo desarmamento e discutindo socialismo. Sentiu-se inquieto de repente, um velho bolchevique cansado com seu casaco de lã em meio à nova classe econômica.

Encontrou um espaço apertado no balcão e pediu um copo de cerveja para uma mulher com uma franja que começava a ficar grisalha e óculos de aros pretos. Nunca a vira antes, ele era servido de manhã por um velho taciturno e pessimista chamado Arthur. Seria o marido daquela mulher? Sorriu para ela delicadamente ao pegar a cerveja, na qual deu um gole rápido, se sentindo desconfortável e com vontade de ir embora. No jukebox, agora atrás dele, um disco começou a tocar uma música folk, com uma citara metálica sendo dedilhada. *Oh Lordie, pick a bale of cotton! Oh Lordie...* Ao seu lado uma garota branca conversava com outra de aparência triste sobre a “estrutura” da poesia e perguntava a ela se o poema “funcionava”, um tipo de conversa que fazia Bryce se arrepiar. Quão sábias essas malditas crianças eram? Foi quando se lembrou do próprio papo-furado que declamava durante o ano em que tinha se formado em Literatura, quando tinha seus vinte e poucos anos: “níveis de significado”, “o problema semântico”, “o nível simbólico”. Bem, havia um monte de substitutos para o conhecimento e a sabedoria, metáforas falsas por todos os lados. Terminou sua cerveja e, sem saber o motivo, pediu outra, apesar de querer ir embora para se afastar do barulho e daquela presunção. Não estava sendo injusto com aquelas crianças, já que era um babaca pomposo? Jovens sempre pareciam tolos, enganados pelas aparências – assim como todo mundo.

Melhor eles deixarem as barbas crescer do que entrar em fraternidades ou se tornar oradores. Aprenderiam o suficiente sobre aquele tipo de idiotice vazia logo mais, após saírem do colégio, fazerem a barba e começarem a procurar emprego. Ou ele também estaria equivocado sobre aquilo? Sempre haveria uma chance de que eles – pelo menos parte deles – fossem como Ezra Pound, que nunca fariam a barba e se tornariam fascistas, anarquistas e socialistas brilhantes e barulhentos, e morreriam no anonimato de cidades europeias, os autores de belos poemas, pintores de obras significativas, homens sem sorte e sem um nome a ser reconhecido. Terminou a cerveja e pediu mais uma. Ao bebê-la, a imagem do pôster lhe passou pela cabeça, assim como aquela frase, “As cores do mundo”, e percebeu que o “W” da W.E. Corp. podia ser de “Worldcolor”. Ou, pelo menos, de “World”. E o “E”? Eliminação? Exibicionismo? Erotismo? Ou, pensou com um sorriso sombrio, simplesmente “escape”? Sorriu com um ar de sabedoria para a garota ao seu lado, que agora falava sobre a “textura” da linguagem. Ela não podia ter mais que dezoito anos. Olhou-o em dúvida com seus sérios olhos escuros. Foi quando sentiu algo machucá-lo: ela era tão bonita. Parou de sorrir, terminou sua cerveja rapidamente e foi embora. Enquanto passava pelas cabines no caminho para a rua, o aluno barbudo de química orgânica disse: “Olá, professor Bryce”. Sua voz estava bastante decente. Bryce acenou para ele, resmungou algo e forçou a saída através da porta para a noite morna.

Eram onze horas, mas ele não queria ir para casa. Pensou em ligar para Gelber, seu único amigo mais próximo na faculdade, mas decidiu não o fazer. Gelber era um homem solidário, mas não parecia haver algo a se falar naquele momento. Não queria falar sobre si mesmo, seus medos, seu desejo barato, sua vida terrível e tola. Continuou a andar.

Logo antes da meia-noite, ele parou na única farmácia 24 horas da cidade, que estava vazia a não ser por um atendente idoso atrás do brilhante balcão de plástico que servia refeições. Sentou, pediu café e, depois que seus olhos se acostumaram com o brilho falso das luzes fluorescentes, começou a olhar preguiçosamente para o balcão, lendo os rótulos em exibição nos vidros de aspirinas, no equipamento de vídeo, nos pacotes de lâminas de barbear... Estava cochilando e a cabeça começava a doer. A cerveja, a luz... Loções bronzeadoras e pentes de bolso. Algo chamou a sua atenção e a manteve lá. Worldcolor: Filme para câmera de 35mm, impresso em cada uma das fileiras de caixas azuis quadradas, perto dos pentes de bolso, sob uma carteira de cortadores de unhas. Aquilo o assustou, mesmo sem saber por quê. O atendente estava parado perto dele e Bryce disse, de repente: “Deixe-me ver aquele rolo de filme, por favor”.

O atendente apertou os olhos em sua direção – será que a luz também

machucava seus olhos? – e perguntou: “Qual rolo?”.

“O colorido. Da Worldcolor.”

“Ah, eu não...”

“É claro, eu sei.” Estava surpreso com a impaciência em sua voz. Não tinha o hábito de interromper as pessoas.

O velho franziu a testa levemente, se moveu e pegou uma caixa do rolo de filme. Colocou-o no balcão em frente a Bryce com uma firmeza exagerada, sem dizer nada.

Bryce pegou a caixa e observou a embalagem. Sob as letras grandes estava escrito, em tamanho menor: “Um filme colorido sem granulação e perfeitamente balanceado”. E abaixo daquilo, ainda: “Velocidade do Instituto Nacional Americano de Padrões (ASA) de filmagem: de 200 a 3.000, com uma revelação confiável.” *Meu Deus!*, pensou ele, *a velocidade não pode ser tão alta assim. E variável, ainda?*

Olhou para o atendente e perguntou: “Quanto é isso aqui?”.

“Seis dólares. Esse é para trinta e seis fotos. Para vinte fotos custa dois e setenta e cinco.”

Segurou a caixa e sentiu-a leve em suas mãos. “Bem caro, né?”

O atendente deu um sorriso forçado, em um tipo de irritação especial de velhos. “Não quando você não tem que pagar pela revelação dele.”

“Ah, entendi. Eles revelam por você. Então você recebe um envelope para enviar pelos correios...” Parou de falar. Era uma conversa estúpida. Alguém tinha inventado um filme novo. Por que isso importaria para ele? Não era um fotógrafo.

Depois de uma pausa, o atendente disse: “Não”. E, virando-se na direção da porta, completou: “Ele se revela sozinho”.

“Ele o quê?”

“Se revela sozinho. Olha, você quer comprar o rolo de filme?”

Sem responder, girou a caixa em suas mãos. Em cada lado estava impresso, em negrito, as palavras “Autorrevelável”. E aquilo o atingiu: *Por que não ouvi falar sobre isso nos periódicos de química? Um novo processo...*

“Sim”, disse, de forma distraída, ao olhar a embalagem. Nela, na parte de baixo, estavam as letras miúdas: W.E. Corp. “Sim, eu vou comprá-lo.” Se atrapalhou para pegar sua carteira e deu ao homem seis notas amassadas. “Como ele funciona?”

“Você o coloca de volta na lata.” O homem pegou o dinheiro. Parecia ter se acalmado, estava menos truculento.

“De volta na lata?”

“A latinha em que ele vem. Você o coloca de volta na lata quando tiver

tirado todas as fotos. Aí aperta um botãozinho que fica em cima da lata. Ele te explica. Tem as instruções dentro da caixa. Você aperta o botão uma ou mais vezes, depende do que eles chamam de ‘a velocidade do filme’. E é só isso.”

“Ah.” Ele levantou, deixando o café para trás e colocando a caixa no bolso do casaco com cuidado. No caminho para a saída, ele perguntou ao atendente: “Há quanto tempo isso está à venda?”.

“O filme? Umas duas ou três semanas. Funciona bem, a gente vende um monte dele.”

Seguiu direto para casa, pensando no filme. Como algo podia ser tão bom e tão fácil daquele jeito? Sem pensar, tirou a caixa do bolso e a abriu. Dentro dela havia uma lata de metal azul com um parafuso no topo e um botão vermelho saindo dela. Abriu a lata. Enrolado em um manual de instruções estava um filme de 35 milímetros de aparência normal. Sob a parte de cima da lata, embaixo do botão, ficava uma pequena rede. Passou o dedo sobre ela. Parecia ser feita de porcelana.

Em casa, ele retirou uma câmera Argus antiga de dentro de uma gaveta. Antes de carregá-la, puxou mais ou menos trinta centímetros do filme de dentro do rolo, expondo-o, e o rasgou. Parecia mais simples ao toque, sem o aspecto escorregadio habitual de uma emulsão gelatinosa. Carregou a câmera com o restante do rolo e o gastou rapidamente, tirando fotos aleatórias das paredes, do aquecedor, da pilha de papéis em sua mesa, tirando fotos em velocidade 800 na penumbra. Quando terminou, revelou o filme na lata, apertando o botão oito vezes e a abrindo, cheirando a lata no processo. Um leve gás azulado com um cheiro azedo irreconhecível saiu dela. Não havia nenhum líquido na lata. Revelação a gás? Retirou o filme de forma brusca, puxando a tira do rolo e, a erguendo contra a luz, se deparou com uma sequência de transparências perfeitas em cores e detalhes que pareciam reais. Assoviou alto e disse: “Caramba”. Pegou o pedaço de filme em branco e a transparência e as levou para a cozinha. Começou a arrumar seu material para uma análise rápida, alinhando fileiras de béqueres, pegando o equipamento de titulação. De repente, estava trabalhando de maneira fervorosa, e não parou para pensar no que o tinha deixado tão curioso sobre aquilo. Algo sobre a situação estava o perturbando, mas ignorou o sentimento – estava ocupado demais...

• • •

Cinco horas depois, às seis da manhã, com um céu cinzento e repleto de sons de pássaros do lado de fora da janela, ele se deixou cair pesadamente em uma cadeira da cozinha, segurando um pedaço pequeno do filme. Não havia tentado de tudo com ele, mas tentara o bastante para saber que nenhum dos químicos

convencionais de fotografia, nenhum dos saís de prata, estava naquele filme. Sentou, os olhos vermelhos, mirando um ponto à frente, por vários minutos. Então se levantou, andou com grande dificuldade até o quarto e despencou, exausto, na cama desfeita. Antes de cair no sono, ainda vestido, com os pássaros cantando do lado de fora da janela e o sol se erguendo, ele disse em voz alta, em um tom seco e rouco: “Tem que ser uma tecnologia inteiramente nova... Alguém escavando a ciência das ruínas maias... ou de outro planeta...”.

[1] Auden, W.H. “Musée des Beaux Arts”. In: _____. *Poemas*; trad. José Paulo Paes, João Moura Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 87–88.

4.

As pessoas andavam de um lado para o outro nas calçadas, em multidões apressadas e em constante mudança, vestidas em trajes leves de primavera. Parecia haver jovens mulheres em todos os lugares, saltos altos clicando (ele conseguia ouvi-los, mesmo de dentro do carro), muitas delas em trajes reluzentes, suas roupas brilhando de forma sobrenatural na luz forte da manhã. Gostava da visão das pessoas e cores – apesar de elas machucarem seus olhos sensíveis –, e pediu ao motorista para diminuir a velocidade na Park Avenue. O dia estava agradável, um dos primeiros dias realmente claros da sua segunda primavera na Terra. Recostou-se, sorrindo, contra as almofadas feitas especialmente para ele e o carro seguiu para o centro da cidade em velocidade baixa e constante. Arthur, o motorista, era muito bom. Foi escolhido por sua suavidade, sua habilidade de manter uma velocidade constante e por evitar movimentos bruscos.

Entraram na Fifth Avenue, no centro, estacionando em frente ao antigo prédio comercial de Farnsworth, que ostentava, de um dos lados da entrada, uma placa de latão na qual se lia em discretas letras maiúsculas: WORLD ENTERPRISES CORPORATION. Newton ajustou seus óculos escuros para um nível maior, para protegê-lo da luz do sol na rua, e saiu da limusine. De pé, na calçada, se alongou, sentindo o sol – morno para as pessoas à sua volta e de um calor agradável para ele – em seu rosto.

Arthur colocou a cabeça para fora da janela e perguntou: “Devo aguardar, sr. Newton?”.

Esticou-se de novo, aproveitando a luz do sol e o ar fresco. Não saía de seu apartamento fazia um mês. “Não”, disse ele. “Eu ligarei para você, Arthur. Duvido que precisarei dos seus serviços novamente antes do início da noite. Pode assistir a um filme, se quiser.”

Entrou no prédio pelo saguão principal, passando pelas filas nos elevadores comuns e foi para o exclusivo no final do corredor, onde um atendente o

aguardava, rígido, o uniforme impecável. Newton sorriu para si mesmo; podia imaginar a torrente de ordens que deveriam ter corrido por ali no dia anterior, quando ligou e avisou que iria até lá na manhã seguinte. Não ia ao escritório havia três meses. Raramente saía de seu apartamento. O jovem ascensorista lhe desejou, em uma voz ensaiada e nervosa, um “Bom dia, sr. Newton”. Ele sorriu e entrou na cabine.

O elevador o levou lenta e delicadamente até o sétimo andar, onde antigamente ficava o escritório de advocacia de Farnsworth, que o aguardava quando saiu da cabine. O advogado estava vestido como um monarca em um terno cinza de seda, uma joia vermelha brilhava em seu dedo anular gordo e de manicure perfeita. “Está com a aparência boa, sr. Newton”, disse ele, tomando a mão do outro com um cuidado gentil. Farnsworth era observador. Notara, rapidamente, que Newton se contraía quando era tocado de forma bruta.

“Obrigada, Oliver. Estou me sentindo especialmente bem.”

Farnsworth o acompanhou pelo corredor, para além dos escritórios, até um conjunto de salas com a placa “W.E. Corp.”. Passaram por uma bateria de secretárias, que permaneceram em um silêncio respeitoso enquanto os dois se aproximavam, e entraram no escritório do advogado, com “O.Y. Farnsworth, presidente” em pequenas letras de latão gravado na porta.

Do lado de dentro, o escritório estava decorado como antes, com diversas peças no estilo rococó dominadas pela mesa Caffieri enorme e grotescamente ornamentada. A sala estava, como sempre, preenchida por música – dessa vez, uma peça para violino. Era desagradável aos ouvidos de Newton, mas ele não disse nada.

Uma empregada lhes trouxe chá enquanto conversavam por alguns minutos – Newton aprendera a gostar de chá, apesar de ter que bebê-lo morno – e eles começaram a falar de negócios: sua situação nos tribunais; a organização e reorganização das diretorias; as empresas holdings; bolsas, licenças e royalties; o financiamento de novas plantas, a compra de antigas; mercados, preços e a flutuação do interesse público nos setenta e três artigos de consumo que eles criaram – antenas de televisão, transistores, filmes fotográficos e detectores de radiação; e as aproximadamente trezentas patentes que haviam arrendado, desde processos de refinamento de óleo até um substituto inofensivo para a pólvora que era usada em brinquedos infantis. Newton tinha consciência do maravilhamento de Farnsworth – até mais que o normal – com seu domínio daqueles assuntos e disse a si mesmo que seria inteligente cometer alguns enganos intencionais em suas lembranças de valores e detalhes. Apesar disso, era agradável e excitante – embora soubesse que eram a vaidade e o orgulho bobo que lhe davam esse prazer – usar sua mente antheana para estas questões.

Era como se uma daquelas pessoas – ele sempre pensava nelas como “aquelas pessoas”, mesmo tendo aprendido a gostar e admirá-las – estivesse lidando com um grupo de chimpanzés muito alertas e engenhosos. Gostava deles e, em sua vaidade humana fundamental, era incapaz de resistir ao simples prazer de exercer sua superioridade mental para a comoção atônita deles. Ainda assim, por mais agradável que fosse, ele tinha que lembrar que aquelas pessoas eram mais perigosas que chimpanzés, e havia milhares de anos desde que qualquer um deles vira um antheano sem disfarce.

Continuaram a conversar até a empregada lhes trazer o almoço – sanduíches de tiras de frango com uma garrafa de vinho Rhine para Farnsworth; biscoitos de aveia e um copo de água para Newton. Descobriu que aveia era uma das comidas mais digestíveis para as características peculiares de seu organismo, e ele a comia com frequência. Falaram por mais um tempo sobre a atividade complexa que era financiar tantos empreendimentos diversos. Newton aprendeu a gostar de seu papel naquele jogo para seu próprio bem. Teve que entender desde o mais básico – havia muitas coisas sobre esta sociedade e este planeta que não podiam ser aprendidas assistindo à televisão – e ele percebeu ter uma inclinação natural para isso, possivelmente uma herança de seus ancestrais da época antiga e poderosa da glória da cultura antheana. Ela aconteceu no mesmo período em que essa Terra passava pela segunda era do gelo – o tempo do capitalismo implacável e da guerra, antes das fontes de energia antheanas se exaurirem e a água acabar. Gostava de brincar com as operações e números das finanças, mesmo que esse poder lhe concedesse apenas pouca empolgação e que ele tivesse entrado no jogo com um baralho inteiro que apenas dezenas de milhares de anos de eletrônicos, química e ópticos antheanos podiam lhe fornecer. Mas nem por um instante ele esqueceu o motivo que o trouxera à Terra. Estava sempre com ele, inevitável, como a dor latente que ainda residia em seus músculos fortalecidos, mas permanentemente cansados, como a estranheza impossível, não importa quão conhecida se tornasse, daquele planeta enorme e diverso.

Ele gostava de Farnsworth. Gostava dos poucos humanos que conhecia. Não tinha convivência com nenhuma mulher porque as temia, por motivos que nem ele conseguia entender. Ficava triste, às vezes, que sua segurança tornasse tão arriscado conhecer melhor essas pessoas. Farnsworth, por mais hedonista que fosse, era um homem astuto, um apostador robusto no jogo das finanças. Um homem que necessitava de vigilância ocasional, possivelmente perigoso, mas com uma mente que possuía muitas facetas interessantes e sutis. Ele não havia ganhado essa quantidade enorme de dinheiro – dinheiro que Newton triplicara para ele – simplesmente por sua reputação.

Quando deixou claro o suficiente para Farnsworth o que queria que fosse feito, ele se recostou na cadeira um pouco, descansando, e então disse: “Oliver, agora que o dinheiro está começando a... acumular, há mais uma coisa que eu preciso fazer. Conversei com você antes sobre um projeto de pesquisa...”.

Farnsworth não pareceu surpreso. Mas ele provavelmente estava esperando que o motivo de sua visita fosse algo mais importante. “Sim, sr. Newton?”

Ele sorriu com gentileza em resposta. “Vai ser um tipo diferente de empreendimento. E, temo, um do tipo caro. Imagino que você vá ter um pouco de trabalho para organizá-lo, pelo menos do aspecto financeiro.” Olhou pela janela, para a fileira discreta de lojas cinzentas da Fifth Avenue e para as árvores. “Ele não deverá ter fins lucrativos e acho que o melhor a se fazer é montar uma fundação de pesquisa.”

“Uma fundação de pesquisa?” O advogado franziu os lábios.

“Sim.” Virou-se de volta para Farnsworth. “Sim, acho que podemos incorporá-la no Kentucky, com mais ou menos todo o capital que eu conseguir reunir. Deve ser algo em torno de quarenta milhões de dólares, eu acho – se conseguirmos que os bancos nos ajudem.”

As sobrancelhas de Farnsworth se ergueram repentinamente. “*Quarenta milhões?* O senhor não vale nem a metade disso, sr. Newton. Talvez daqui a seis meses, mas apenas começamos a...”

“Sim, eu sei. Mas acho que vou vender a minha participação na Worldcolor para a Eastman Kodak, completamente. Você pode manter a sua parte se quiser, é claro. Imagino que a Eastman vá utilizá-la de forma inteligente. Eles estão preparados para gastar bastante dinheiro para consegui-la, com a condição de que eu não tenha participação em uma companhia de filmes em cor pelos próximos cinco anos.”

Farnsworth estava ficando com o rosto vermelho. “Mas isso não é como vender uma opção vitalícia do Tesouro norte-americano?”

“Acho que sim. Mas preciso do capital e você sabe que existe o perigo incômodo de ações antitruste relacionadas a essas patentes. E a Kodak tem um acesso melhor aos mercados globais do que nós. Na verdade, estaremos nos poupando de muitos problemas.”

Farnsworth balançou a cabeça, um pouco mais conformado. “Se eu tivesse os direitos autorais da Bíblia, com certeza não os venderia para a editora Random House. Mas acho que você sabe o que está fazendo. Você sempre sabe.”

Na Universidade Estadual de Pendley, em Iowa, Nathan Bryce foi até o escritório do chefe de seu departamento. O cargo do professor Canutti era de coordenador e conselheiro departamental, o que é mais ou menos o título da maioria dos chefes de departamento hoje em dia, desde a época em que a grande mudança de nomenclatura transformou todos os vendedores em representantes de campo e todos os faxineiros em zeladores. Essa mudança demorou um pouco mais para alcançar as universidades, mas o tempo chegou e hoje em dia não há mais secretárias, apenas assistentes e auxiliares administrativos; não existem mais chefes, apenas coordenadores.

O professor Canutti, cabelo com corte militar, fumante de cachimbos e com a compleição expressiva, o recebeu com um sorriso aberto, acenou para que atravessasse o carpete turquesa até uma cadeira de plástico e disse: “Que bom vê-lo, Nate”.

Bryce contraiu-se quase visivelmente ao ser chamado de Nate e, olhando para o relógio como se estivesse com pressa, comentou: “Estou curioso sobre uma coisa, professor Canutti”. Ele não estava com pressa alguma, a não ser para terminar aquela reunião. Agora que as provas haviam terminado, ele não tinha nada para fazer por uma semana.

Canutti deu um sorriso compreensivo e Bryce se xingou momentaneamente por ter, de fato, ido se encontrar com aquele jogador de golfe idiota. Mas Canutti podia saber de algo útil para ele; pelo menos não era um idiota em química.

Bryce retirou uma caixa do bolso e a colocou na mesa de Canutti. “Já viu esse novo filme?”, perguntou.

Canutti segurou a caixa em sua mão macia e sem calos e olhou-a por um momento, intrigado. “Worldcolor? Sim, já o usei, Nate.” O colocou de volta na mesa, como se com algum propósito. “É um filme muito bom. Se revela sozinho.”

“Sabe como ele funciona?”

Canutti tragou o fumo de seu cachimbo, que estava apagado, pensativamente. “Não, Nate. Não posso dizer que entendo. Como qualquer outro filme, creio eu. Apenas um pouco mais... sofisticado.” Sorriu de seu gracejo.

“Não exatamente.” Bryce pegou a caixa, pesando-a em sua mão e observando o rosto sem expressão de Canutti. “Fiz alguns testes e fiquei imensamente chocado. Sabe, os melhores filmes coloridos passam por três emulsões diferentes, uma para cada cor primária. Bem, esse não passa por emulsão alguma.”

Canutti ergueu as sobrancelhas. *É melhor mesmo que esteja surpreso, seu idiota*, pensou Bryce. Retirando o cachimbo da boca, Canutti disse: “Parece impossível. Onde fica a fotossensibilidade?”

“Na base, aparentemente. E parece ser composta por sais de bário – sabe lá Deus como. Sais de bário cristalinos em dispersão aleatória. E”, fez uma pausa, respirando fundo, “a revelação é gasosa – em um pequeno receptáculo sob a tampa da lata. Tentei descobrir o que está nele e as únicas coisas das quais estou certo são nitrato de potássio, um pouco de peróxido e algo que, nossa senhora, agia como cobalto. E tudo é levemente radioativo, o que pode explicar alguma coisa, apesar de não saber ao certo o quê.”

Canutti aguardou educadamente o longo tempo que sua exposição pedia e comentou: “Parece incrível, Nate. Onde eles o fabricam?”

“Há uma fábrica no Kentucky. Mas a incorporadora fica em Nova York, pelo que consegui descobrir. Eles não têm ações em bolsas de valores.”

Canutti adotou uma expressão séria ao ouvir aquilo. Provavelmente, pensou Bryce, aquela reservada para ocasiões solenes, como ser admitido a um novo clube privado. “Entendo. Bem, isso é complicado, não é mesmo?”

Complicado? Que diabos aquilo queria dizer? É claro que era complicado. Era impossível. “Sim, é complicado. Era sobre isso que eu queria falar com você.” Hesitou a princípio, relutante em pedir um favor àquele extrovertidozinho pomposo. “Queria continuar investigando, descobrir como diabos isso funciona. Estava pensando se podia utilizar um dos laboratórios de pesquisa grandes do porão, pelo menos no intervalo entre os semestres. E seria bom ter um estudante como assistente, se houver algum disponível.”

Canutti se reclinou profundamente em sua cadeira coberta de plástico durante metade de seu discurso, como se Bryce o tivesse empurrado fisicamente contra as almofadas de espuma macias e fofas.

“Os laboratórios estão todos em uso, Nate”, disse ele. “Você sabe que temos mais projetos industriais e militares do que conseguimos lidar. Por que não escreve para a empresa que fabrica o filme e pergunta para eles?”

Tentou manter o tom de voz estável. “Já escrevi para eles. Não respondem às

correspondências. Ninguém sabe nada sobre eles. Não há nada sobre eles nas publicações, nem mesmo na *American Photochemistry*.” Interrompeu-se. “Olhe, a única coisa de que preciso é um laboratório, professor Canutti... Consigo me virar sem um assistente.”

“Walt. Walt Canutti. Mas os laboratórios estão ocupados, Nate. O coordenador Johnson me comeria vivo se eu...”

“Olhe... Walt... Isto é uma pesquisa *básica*. Johnson sempre está fazendo discursos sobre pesquisa básica, não é verdade? A espinha dorsal da ciência. Parece que tudo o que fazemos aqui é desenvolver modos mais baratos de fazer inseticidas e aperfeiçoar bombas de gás.”

Canutti ergueu as sobrancelhas, seu corpo roliço ainda abraçado pelas almofadas de espuma. “Não temos o hábito de falar sobre nossos projetos militares desta maneira, Nate. Nossa pesquisa tática aplicada é...”

“Tudo bem, tudo bem.” Esforçou-se para baixar o tom de voz, tentando fazê-la soar normal. “Creio que matar pessoas seja básico. Também é parte da vida do país. Mas esse filme...”

Canutti corou com o sarcasmo. “Olhe, Nate, o que você quer fazer é brincar com um processo comercial. E, mais ainda, com um que já funciona perfeitamente bem. Para quê ficar esquentando a cabeça com isso? Então o filme é um pouco diferente, e daí? Melhor ainda.”

“Meu Deus”, disse ele, “este filme é mais do que um pouco diferente. Dá para perceber isso. É um químico, e melhor do que eu. Não consegue enxergar as técnicas que esta coisa sugere? Jesus, saís de bário e revelação a gás!” Lembrou-se de repente do rolo de filme ainda em sua mão e o ergueu como se fosse uma cobra ou uma relíquia sagrada. “É como se nós fôssemos... Como se fôssemos homens das cavernas, espantando moscas de nossas axilas e um de nós encontrasse um rolo de espoletas...” E então, instantaneamente, foi como se algo o tivesse atingido e ele parou de falar, pensando: *Meu Deus do Céu, aquele rolo de espoletas!* “...e as jogasse no fogo. Pense na tradição, na tradição técnica que envolve montar uma tira de papel com pequenos montes de pólvora em uma fileira encadeada, para que possamos ouvir os pequenos *pop, pop, pop!* Ou, se desse um relógio de pulso a um romano na antiguidade e ele soubesse o que é um relógio de sol...” Não terminou a comparação, ainda pensando naquele rolo de espoletas, em como elas dispararam com um barulho tão alto, mas sem nenhum cheiro de pólvora.

Canutti sorriu friamente. “Bem, Nate, você é muito eloquente. Mas eu não ficaria tão preocupado com algo que uma equipe de pesquisa superavançada desenvolveu.” Tentou ser engraçado, fazer piada para aliviar a tensão. “Duvido que tenhamos sido visitados por homens do futuro. Pelo menos não para nos

venderem filme fotográfico.”

Bryce se levantou, apertando a caixa de filme em sua mão. Começou a falar em voz baixa: “Equipe de pesquisa superavançada, uma ova! E pelo que eu sei, pela maneira que este filme não usa nem mesmo uma técnica química das que vem sendo criadas há mais de cem anos para a revelação de fotografias, este processo pode, sim, ser extraterrestre. Ou então há um gênio se escondendo em algum lugar de Kentucky que vai nos vender máquinas de movimento perpétuo na semana que vem”. Virou-se, de forma abrupta, cansado daquela reunião, e começou a andar em direção à porta.

Como uma mãe brigando com um filho que sai correndo após uma má-criação, Canutti o avisou: “Não falaria muito sobre coisas extraterrestres, Nate. É claro que eu entendo o que você quer dizer...”.

“É claro que entende”, disse Bryce, e foi embora.

Voltou diretamente para casa no monotrilho da tarde e começou a procurar – ou, no caso, a tentar ouvir – garotos atirando com armas de espoleta.

6.

Cinco minutos depois que deixou o aeroporto, percebeu que tinha cometido um erro grave. Não devia ter tentado ir tão para o Sul no meio do verão, não importa quão necessário fosse. Podia ter enviado Farnsworth ou outra pessoa para comprar a propriedade, para acertar as coisas. A temperatura estava acima dos trinta graus e, por ser incapaz fisicamente de transpirar e seu corpo ser feito para aguentar temperaturas por volta dos cinco, estava passando mal quase ao ponto de desmaiar no banco de trás da limusine do aeroporto que o conduzia, pressionando seu corpo ainda sensível à gravidade contra as almofadas duras, a caminho do centro de Louisville.

Apesar disso, depois de dois anos na Terra e dos dez anos de treinamento físico pelos quais passou antes de partir de Anthea, era capaz de aguentar dor e se manter consciente, mesmo que confuso, apenas por sua força de vontade. Foi capaz de ir da limusine até a recepção do hotel e de lá até o elevador – sentiu-se aliviado de constatar que era um elevador lento e suave – e para seu quarto no terceiro andar, onde se deixou cair sobre a cama no momento em que o mensageiro o deixou sozinho. Depois de um tempo, ele conseguiu chegar ao ar-condicionado e ligá-lo na temperatura mais fria. Então voltou para a cama. Era um bom aparelho, baseado em um conjunto de patentes que ele arrendara para a empresa que o fabricou. Em pouco tempo o quarto ficou confortável o suficiente para ele, mas deixou o aparelho ligado, grato que sua contribuição para a ciência tenha transformado aquelas pequenas caixas horrorosas que eram tão necessárias para ele em objetos silenciosos.

Era meio-dia e, depois de se acomodar, chamou o serviço de quarto para que lhe trouxessem uma garrafa de Chablis e um pouco de queijo. Bebia vinho há pouco tempo, desde que se encantara em descobrir que fazia o mesmo efeito nele que nos terráqueos. O vinho era bom, apesar de o queijo estar um pouco borrachudo. Ligou a televisão, que também era construída a partir de patentes da W.E. Corp., e se aconchegou em uma poltrona, determinado a se divertir, já que

não conseguiria fazer mais nada durante aquela tarde quente.

Havia mais de um ano que deixara de ver televisão e lhe parecia tão estranho estar assistindo novamente, ali, naquela suíte felpuda e vulgarmente moderna – e tão parecida com os apartamentos nos quais os detetives dos programas de televisão moravam, com suas poltronas, estantes de livros nunca usadas, quadros abstratos e bares privativos com bancadas de plástico – em Louisville, Kentucky. Observando os pequenos homens e mulheres humanos se movendo pela tela da mesma maneira que assistira por tanto tempo em casa, em Anthea. Lembrava daqueles dias enquanto bebia o vinho fresco e provava o queijo – comidas estranhas e incomuns – enquanto a música de fundo de uma história de amor preenchia o quarto frio e as vozes em um volume baixo, que o pequeno alto-falante emitia, eram captadas pelos seus ouvidos sensíveis de outro mundo como os grunhidos e resmungos alienígenas que eles realmente eram; tão diferentes dos ronronados de sua própria língua, apesar de uma ter se desenvolvido da outra, eras antes. Permitiu-se pensar, pela primeira vez em meses, nas conversas agradáveis com velhos amigos de Anthea, nas comidas leves e delicadas que comia em casa, nos filhos e na esposa. Talvez fosse a temperatura fresca do quarto, acalmando-o da viagem esgotante naquele verão; talvez o álcool, ainda uma novidade em suas veias, que o levou a um estado tão semelhante à nostalgia humana – sentimental, egoísta e amargo. Queria, de repente, ouvir o som da sua língua sendo falada, ver as cores luminosas do solo antheano, sentir o cheiro acre do deserto, ouvir os sons marcados da música de Anthea e observar as paredes dos prédios, tão finas que pareciam feitas de seda, a poeira das cidades. E queria sua esposa, com a sexualidade do corpo esguio antheano – uma dor quieta e insistente. Então, olhando para as paredes cinzentas e discretas daquele quarto, para sua decoração vulgar, sentiu nojo, cansado deste lugar barato e alienígena, essa cultura berrante, vocal, sem raízes e sensual, esse agregado de macacos espertos, incomodados e egoístas – vulgares e indiferentes enquanto sua civilização, assim como a ponte de Londres e todas as outras, estava caindo, estava caindo.

Começou a sentir o que já sentira algumas vezes: uma letargia pesada, cansaço do mundo, uma fadiga profunda causada por este planeta ocupado e destrutivo demais e todos os seus barulhos tremeluzentes. Sentia como se pudesse desistir de tudo, que tinha sido idiota, imensamente idiota em começar tudo aquilo vinte anos antes. Olhou em volta de novo, cansado. O que estava fazendo ali, naquele mundo estranho, o terceiro a partir do Sol, a centenas de milhares de quilômetros da sua casa? Levantou-se, desligou a televisão e voltou a sentar na poltrona, ainda bebendo o vinho, sentindo o efeito do álcool e não se importando com ele.

Assistira a programas norte-americanos, britânicos e russos por quinze anos. Seus colegas haviam reunido uma coleção enorme de transmissões monitoradas e gravadas e na época em que os Estados Unidos começaram a exibir uma programação contínua na televisão, quarenta anos antes, eles já haviam decifrado a maioria das sutilezas da língua através das transmissões de rádio FM. Estudara todos os dias, aprendendo a língua, os costumes, a história e a geografia, tudo o que estava disponível, até que memorizara, por comparação exaustiva, o significado de termos obscuros como “amarelo”, “Waterloo” e “república democrática” – este último algo que não possuía uma equivalência de forma alguma em Anthea. E, enquanto trabalhava e estudava e praticava exercícios físicos intermináveis, enquanto agonizava em antecipação por anos, eles haviam deliberado, decidindo se aquela viagem deveria realmente ser feita. Havia tão pouca energia que não as baterias solares no deserto. Seria necessário tanto combustível para enviar mesmo um único antheano através do abismo vazio, possivelmente para a própria morte, possivelmente para ser recebido por um mundo já destruído e morto, um mundo que poderia até então ser, assim como Anthea, com sucata atômica espalhada por ele, o resíduo queimado da raiva primata. Mas, por fim, eles o informaram de que tentariam fazer a viagem em uma das naves muito antigas que ainda restavam no subterrâneo. Foi comunicado com antecedência de um ano que os planos eram definitivos e que a nave estaria pronta quando os planetas assumissem a posição propícia para a travessia. Não fora capaz de controlar o tremor em suas mãos quando contara à esposa que a decisão havia sido tomada.

• • •

Esperou no quarto do hotel, sem se mover da poltrona, até as cinco da tarde. Foi quando se levantou, ligou para o escritório da imobiliária e disse que podiam aguardá-lo às cinco e meia. Saiu do quarto, deixando a garrafa de vinho parcialmente vazia no bar. Esperava que o clima estivesse bem mais fresco àquela hora, o que não aconteceu.

Escolhera aquele hotel por ficar a três quarteirões do escritório que iria visitar, no qual iniciaria a enorme operação imobiliária que já planejava. Conseguiu caminhar a distância até lá, mas o ar sombrio, pesado e quente de forma agonizante que parecia forrar as ruas como se fosse uma espuma protetora o deixara tonto, confuso e fraco. Por alguns momentos, pensou em voltar para o hotel e pedir ao corretor que viesse até ele, mas continuou a caminhar.

Quando encontrou o edifício, descobriu algo que o assustou: o escritório ficava no décimo nono andar. Não esperava prédios altos no Kentucky e não previra aquilo. Subir pelas escadas estava fora de questão e ele não sabia nada

sobre aqueles elevadores. Se andasse em um que subisse rápido demais ou sacudisse, poderia ser desastroso para seu corpo já afetado pela gravidade. Mas os elevadores pareciam novos e bem-feitos, e pelo menos o prédio possuía ar-condicionado. Entrou em um, vazio a não ser pelo ascensorista, um homem de aparência pacata vestindo um uniforme manchado de tabaco. Outro passageiro entrou, uma mulher bonita e rechonchuda que chegou correndo, sem ar, no último instante. Quando o ascensorista fechou as portas de latão, Newton pediu pelo décimo nono andar e a mulher pelo décimo segundo, e o velho colocou a mão na alavanca manual de controle de forma preguiçosa e um pouco insultante. Foi quando Newton percebeu, horrorizado, que esse não era um elevador moderno em que você apenas apertava os botões dos andares, mas um antigo reformado. Mas o reconhecimento daquele fato se deu tarde demais já que, antes que conseguisse protestar, sentiu o estômago se retorcer e os músculos se contraírem de dor enquanto o elevador balançou, hesitou, balançou de novo e se lançou para cima, dobrando por um momento seu peso já triplicado. Foi então que tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Viu a mulher encarando-o e sabia que seu nariz devia estar sangrando, sujando a frente de sua camisa e, ao olhar para baixo, teve certeza daquele fato. Ao mesmo tempo, ele ouviu – ou sentiu, em seu corpo estremecido – suas pernas desabarem em um frágil estalo, e caiu no chão do elevador, enrolado de forma grotesca, uma das pernas horivelmente atravessada sob ele enquanto perdia a consciência, sua mente caindo em uma escuridão tão profunda quanto a do vazio que o separava de sua casa.

• • •

Já estivera inconsciente duas vezes na vida: uma durante o treinamento na centrífuga, em casa, e outra durante a aceleração máxima da decolagem, na nave. Nas duas vezes, se recuperou rapidamente, despertando para a confusão e a dor. Dessa vez, ele também acordou para as dores de um corpo maltratado e a confusão assustadora de não saber onde estava. Deitado de costas em algo plano e macio, havia luzes brilhantes em seus olhos. Ele apertou as pálpebras e se contraiu, virando a cabeça. Estava deitado em algum tipo de sofá. Do outro lado do cômodo, uma mulher estava de pé em frente a uma mesa, segurando um telefone. Ela o observava. Encarou-a, e então percebeu quem ela era: a mulher do elevador.

Ela hesitou ao vê-lo acordado e parecia não saber o que fazer com o telefone, segurando-o fracamente. Sorriu de leve para ele. “Você está bem, moço?”

A voz dele parecia com a de uma pessoa diferente, fraca e suave. “Acho que sim. Não tenho certeza...” Suas pernas estavam esticadas em frente a ele. Tinha medo de tentar movê-las. O sangue na camisa ainda parecia grudento, mas já

estava frio. Não podia ter estado inconsciente por muito tempo. “Acho que machuquei minhas pernas...”

A mulher o observou com um ar sério, balançando a cabeça. “Machucou, com certeza. Uma delas se torceu como um fio de arame velho.”

Continuou olhando para ela, sem saber o que dizer, tentando pensar no que deveria fazer. Não podia ir para um hospital; fariam exames, raios X...

“Estou tentando conseguir um médico para você há cinco minutos.” A voz dela estava rouca e parecia assustada. “Já liguei para três e eles não podem vir.”

Ele piscou na direção dela, tentando pensar claramente. “Não”, disse ele. “Não! Não chame...”

“Não chamar um médico? Mas você tem que ver um médico, moço. Você se machucou muito.” Ela parecia em dúvida. Preocupada, mas apavorada demais para ter qualquer suspeita.

“Não.” Ele tentou continuar a falar, mas foi tomado por um enjoo repentino e, sem conseguir perceber o que estava acontecendo, vomitou ao lado do sofá, suas pernas explodindo de dor com cada convulsão. Exausto, ele se deitou de novo, mas as luzes eram brilhantes demais e queimavam seus olhos mesmo fechados – através de suas pálpebras finas e transparentes –, e então jogou seus braços em frente a eles com um grunhido para protegê-los.

De algum modo, ele vomitar a tinha acalmado. Talvez fosse a humanidade reconhecível daquele ato. Sua voz ficou mais calma. “Posso ajudar? Tem algo que eu possa fazer para ajudar?” Ela hesitou. “Posso pegar um drinque para você...”

“Não. Eu não quero...” *O que ele iria fazer?*

De repente, a voz dela parecia aliviada, como se houvesse estado próxima da histeria e tivesse conseguido escapar dela por pouco. “Você está uma bagunça”, disse ela.

“Imagino.” Virou o rosto para o encosto do sofá, tentando evitar as luzes. “Você pode... Você pode só me deixar sozinho? Vou ficar melhor... Se conseguir descansar.”

Ela riu delicadamente. “Não sei como você vai conseguir. Isso aqui é um escritório, vai vir um monte de gente de manhã. Foi o cara do elevador que me deu a chave.”

“Ah.” Ele tinha que fazer algo em relação à dor ou não conseguiria se manter consciente por muito tempo. “Olha”, disse ele, “eu tenho a chave do meu quarto de hotel no bolso, do hotel Brown. É a três quarteirões daqui, só seguir a rua e...”

“Eu sei onde o hotel Brown fica.”

“Ah. Que bom. Você pode levar a chave e pegar uma mala preta que está no

armário do quarto? E trazê-la para mim? Os meus... remédios estão lá. Por favor.”

Ela ficou em silêncio.

“Posso te pagar...”

“Não é com isso que estou preocupada.” Ele se virou e abriu os olhos para observá-la por um instante. Seu rosto redondo estava contraído, as sobrancelhas franzidas como se fizesse graça de uma expressão séria. Então riu abertamente, sem olhar para ele. “Não sei se eles me deixariam entrar no hotel Brown ou em um dos quartos como se fosse meu.”

“Por que não?” Seu peito doía ao falar. Sentia como se fosse desmaiar de novo a qualquer momento. “Por que não poderia?”

“Você não sabe muito sobre roupas, não é, moço? Parece que nunca teve que se preocupar com isso. Não estou usando nada além de um vestido simples, que ainda por cima está rasgado. E eles podem não gostar muito do meu hálito.”

“Ah!”, exclamou ele.

“Gim. Mas talvez eu possa...” Ela parecia pensativa. “Não, não teria como.”

Sentiu-se escapando novamente, seu corpo parecia flutuar. Piscando, forçou-se a se manter acordado, tentando ignorar a fraqueza e a dor. “Na minha carteira. Pegue as notas de vinte. Dê o dinheiro para os mensageiros. Você consegue.” O cômodo estava girando à sua volta, as luzes diminuindo e parecendo se mover em uma procissão turva à sua frente. “Por favor.”

Sentiu que ela estava mexendo nos bolsos dele, o hálito quente em seu rosto e, após um momento, ouviu-a arfar. “Meu Deus!”, exclamou ela. “Você está carregado de dinheiro! Ah, mas eu podia fugir com isso aqui...”

“Não faça isso”, pediu ele. “Por favor, me ajude. Sou rico. Eu posso...”

“Não vou fugir”, respondeu ela, com ar desanimado. E depois, com mais energia: “Aguenta firme, moço. Vou voltar com os seus remédios, mesmo que tenha que comprar o hotel inteiro. Agora vê se descansa”.

Ainda a ouviu fechar a porta antes de desmaiar...

Parecia ter se passado apenas um momento quando ela voltou para o escritório, ofegante, e abriu a mala em cima da mesa.

Depois que ele tomou as cápsulas para a dor e os comprimidos que ajudariam a curar as suas pernas, o ascensorista entrou na sala com um homem que dizia ser o superintendente do prédio e Newton teve que assegurá-los de que não processaria ninguém e que, de verdade, ele estava se sentindo normal e que tudo ficaria bem. Não, não precisava de uma ambulância e sim, assinaria um termo isentando o prédio de qualquer responsabilidade. Agora, será que eles conseguiriam chamar um táxi para ele? Havia quase desmaiado várias vezes durante aquela discussão frenética, e quando ela acabara, desmaiou de fato.

Acordou em um táxi com a mulher. Ela o sacudia com gentileza. “Para onde você quer ir?”, perguntou ela. “Onde é a sua casa?”
Ele a encarou. “Eu... Eu não sei ao certo.”

Desviou o olhar de sua leitura, um pouco assustado. Não percebera que ela estava na sala. Fazia aquilo com frequência; parecia surgir do nada, e sua voz rouca e séria conseguia irritá-lo. Mas era uma boa mulher e nem um pouco desconfiada. Ele havia passado a gostar muito dela nas últimas quatro semanas, como se fosse um tipo de animal de estimação útil. Mudou a posição da perna para uma mais confortável antes de responder. “Você vai para a igreja hoje à tarde, não é?” Olhou para ela por cima do ombro. Devia ter acabado de entrar; carregava uma sacola plástica de compras vermelha, acomodando-a contra os seios grandes como se fosse uma criança.

Sorriu de maneira um pouco ridícula e ele percebeu que ela provavelmente já estava um pouco embriagada, mesmo que ainda estivessem no começo da tarde. “Era isso que eu estava dizendo, sr. Newton. Achei que você pudesse querer ir para a igreja.” Ela apoiou a sacola sobre a mesa ao lado do ar-condicionado – o que ele comprara durante sua primeira semana na casa dela. “Trouxe vinho para você”, disse ela.

Ele se virou de volta na direção da perna, esticada em frente a ele em cima de uma caixinha desconjuntada que se mantinha no lugar com o peso de histórias em quadrinhos antigas, o único material de leitura que ela possuía. Estava incomodado. Ela ter comprado vinho significava que tinha a intenção de ficar bêbada naquela noite e, mesmo ela aguentando bem o álcool, ele sempre ficava apreensivo quanto à embriaguez dela. Apesar de ela comentar com frequência e certo maravilhamento sobre a fragilidade e leveza dele, provavelmente não tinha ideia do dano que podia causar ao seu corpo – seus ossos finos que pareciam de pássaros – se um dia tropeçasse e caísse sobre ele, ou meramente batesse nele com um pouco mais de força. Era uma mulher robusta e encorpada, que tinha pelo menos vinte quilos a mais que ele. “Foi muita gentileza sua trazer o vinho, Betty Jo”, disse ele. “Está gelado?”

“Aham”, respondeu. “Gelado demais, até.” Ela tirou a garrafa da sacola e ele

a ouviu tilintar contra seus outros companheiros ainda ocultos. A mulher passou a mão sobre ela, pensativa. “Dessa vez eu não comprei no Reichmann. Hoje foi o dia do cheque da previdência social e eu comprei a garrafa assim que saí do prédio deles. Tem uma lojinha lá que se chama Goldie’s Quickie. Eles fazem muito dinheiro com os benefícios do governo.” Pegou um copo de uma fileira deles, que ficavam em cima da estante antiga pintada de vermelho, e o colocou na prateleira da janela. Com um tipo de descaso preguiçoso que caracterizada sua relação com o álcool, tirou uma garrafa de gim da sacola e agora estava parada com uma garrafa de vinho em uma mão e uma de gim na outra, como se indecisa sobre qual das duas soltar primeiro. “Eles guardam todos os vinhos em uma geladeira normal e eles ficam gelados demais. Devia ter comprado no Reichmann.” Finalmente guardou a garrafa de vinho e abriu a de gim.

“Não tem problema”, disse ele. “Não deve demorar muito para esquentar.”

“Vou deixar tudo aqui e quando você quiser um pouco é só pedir, tá?” Serviu-se de meio copo de gim e foi para a pequena cozinha. Ele ouviu o barulho do pote de açúcar, a colher separando a quantidade que ela sempre colocava em seu gim, e ela voltou um minuto depois, bebendo enquanto andava. “Caramba, como eu gosto de gim!”, disse ela, satisfeita consigo mesma.

“Não acho que vou poder ir à igreja.”

Ela parecia genuinamente decepcionada. Foi para perto dele e sentou de forma desastrada na cadeira coberta de chita que ficava em frente à dele, puxando a saia para cima dos joelhos com uma das mãos enquanto segurava o copo com a outra. “Desculpa. É uma igreja muito boa e de classe também. Você não estaria nem um pouco deslocado.”

Ele reparou, pela primeira vez, que ela usava um anel de diamantes. Provavelmente o tinha comprado com o dinheiro dele. Não se ressentia dela; a mulher o merecera pelo quanto estava cuidando dele. Apesar de seus hábitos e das conversas, era uma enfermeira excelente. E não demonstrava curiosidade sobre ele.

Não querendo se estender sobre a igreja, ele permaneceu em silêncio enquanto ela se acomodava confortavelmente na cadeira e começava a levar o gim a sério. Era o tipo de frequentadora da igreja sentimental e irregular que os entrevistadores na televisão chamariam de profundamente religiosa – dizia que sua religião era uma enorme fonte de força para ela. Consistia basicamente em ir às pregações de domingo à tarde sobre magnetismo pessoal e na de quarta-feira à noite sobre homens que obtiveram sucesso nos empregos através da prece. Sua fé era baseada em um princípio de que não importa o que aconteça, tudo vai ficar bem; sua moralidade era de que cada um deveria decidir o que era melhor para si mesmo. Betty Jo aparentemente havia decidido por gim e descanso, assim como

muitos outros.

Após algumas semanas vivendo com aquela mulher, ele aprendera bastante sobre um aspecto da sociedade norte-americana sobre o qual a televisão não o alertara de maneira alguma. Sabia sobre a prosperidade geral que tinha crescido continuamente, como alguma erva daninha muito resistente, pelos quarenta anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, e sabia como essa riqueza fora distribuída e gasta pela quase completamente inclusiva classe média que, a cada ano que passava, gastava mais tempo em trabalhos menos produtivos e ganhava mais dinheiro por isso. Era sobre aquela classe média repleta de comodidades e de roupas caras que quase todos os programas falavam, para que alguém de fora facilmente tivesse a noção de que todos os norte-americanos eram jovens, bronzeados, objetivos e ambiciosos. Ao conhecer Betty Jo, ele aprendera que havia um grande substrato da sociedade que era completamente indiferente a esse arquétipo de classe média, que uma massa enorme e indiferente de pessoas basicamente não possuía ambições ou valores. Lera o bastante sobre história para entender que pessoas como Betty Jo haviam sido os pobres da era industrial, mas que agora eram os industriais bem-nascidos, vivendo confortavelmente em casas construídas pelo governo – Betty Jo alugava um imóvel de três cômodos em um antigo complexo enorme de residências de tijolo, que agora se tornara praticamente uma favela – com os cheques de uma incrível diversidade de órgãos do governo: previdência social federal e estadual, auxílio de emergência, bolsa de assistência aos pobres. A sociedade norte-americana era tão rica que conseguia manter oito ou dez milhões de membros da classe social de Betty Jo em um tipo de luxo desprezível nas cidades, de gim e móveis usados, enquanto a maioria do país bronzeava seu rosto saudável ao lado de suas piscinas suburbanas e seguia as recentes tendências da moda sobre roupas, educação dos filhos, bebidas e esposas, participando de incontáveis jogos com religião, psicanálise e “passatempos criativos”. Com a exceção de Farnsworth, que pertencia a outra classe ainda mais rara, que era a dos ricos de verdade, todos os homens que Newton conhecera eram desta classe média. Todos eles eram muito parecidos e, se você os pegasse de surpresa antes do aperto de mão amigável ou da máscara habitual de presunção e charme jovial, tinham um ar meio abatido, um pouco perdido. Newton tinha a impressão de que Betty Jo, com o gim, o tédio, os gatos e os móveis usados, estava levando a melhor naquele arranjo social.

Ela dera uma festa uma vez, com algumas “amigas” da vizinhança. Newton se mantivera no quarto e fora da linha de visão, mas conseguira ouvi-las bem o bastante, cantando hinos como “Rock of Ages” e “Faith of Our Fathers” e se embriagando de gim e sentimentalismo, e lhe pareceu que elas haviam

encontrado um tipo melhor de satisfação nessa perversão emocional do que a classe média obtinha de seus banquetes de churrasco romanos, de nadar bêbados à meia-noite e do sexo rápido. Mesmo assim, até Betty Jo não era correta em relação àquelas canções da infância, já que, depois que as outras mulheres voltavam embriagadas para seus próprios imóveis de três cômodos, ela se deitava com Newton na cama e ria da idiotice da religião evangelista da Igreja Batista que cantava hinos, na qual sua família do Kentucky a havia criado e de como ela havia “crescido para além de tudo aquilo, se bem que, às vezes, era até fofo cantar aquelas músicas”. Newton não disse nada sobre aquilo, mas não podia deixar de imaginar. Vira o programa de celebração evangelista várias vezes nas gravações antigas das televisões de Anthea, e uma igreja “moderna” que “fazia um uso criativo de Deus”, cuja música consistia apenas em um órgão eletrônico tocando valsas de Strauss e partes do prelúdio de *The Poet and Peasant*. Não tinha certeza que essas pessoas tinham sido muito espertas quanto ao desenvolvimento daquela manifestação estranha delas, algo que era totalmente ausente em Anthea – mas pela qual provavelmente os antheanos, em suas visitas ao planeta em tempos remotos, eram culpados –, esse conjunto peculiar de premissas e promessas chamado religião. Não entendia aquilo muito bem, no entanto. Os antheanos acreditavam, é claro, que provavelmente havia deuses no universo, ou criaturas que podiam ser chamadas de deuses, mas não era algo que tivesse muita importância para eles, como realmente importava para os humanos. Apesar disso, a antiga crença humana no pecado e na redenção tinha significado para ele e, como todos os antheanos, ele tinha familiaridade com o sentimento de culpa e a necessidade de sua expiação. Ainda assim, os humanos pareciam agora construir edificações folgadas de crenças convenientes e sentimentos para substituir suas religiões, e ele não tinha certeza do que pensar daquilo. Não podia imaginar por que Betty Jo estava tão preocupada com a suposta força que recebia em doses semanais de sua igreja sintética, uma modalidade de força que parecia menos certa e mais problemática do que aquela que obtinha de seu gim.

Depois de um tempo, ele pediu a ela um pouco de vinho, que ela pegou de bom grado, entregando-lhe uma pequena taça de vidro que comprara especialmente para ele e servindo-o com experiência. Ele a consumiu consideravelmente rápido. Durante sua convalescência, aprendera a apreciar o álcool consideravelmente.

“Bem”, disse ele, enquanto ela lhe servia a segunda taça, “acho que vou poder me mudar daqui na semana que vem.”

Ela hesitou por um momento e terminou de servir-lhe o vinho. Então perguntou: “Por que, Tommy?”. Ela o chamava de Tommy de vez em quando,

quando estava ficando bêbada. “Não tem por que ter pressa.”

8.

Meu deus, ele era esquisito. Alto e magro e os olhos saltando como os de um pássaro. Mas ele se movia como um gato, mesmo com a perna quebrada. Tomava remédios o tempo todo e nunca se barbeava. Parecia que também não dormia. Ela levantava algumas vezes à noite, com a garganta seca e a cabeça girando, culpa do gim, caso não tivesse tomado cuidado, e ali estaria ele, na sala, com a perna para cima, lendo ou ouvindo aquele pequeno e antigo toca-discos dourado que o homem gordo tinha trazido para ele de Nova York, ou apenas estaria sentado na cadeira com as mãos sob o queixo, encarando a parede com os lábios apertados e a mente sabe-se lá onde. Ela tentava se movimentar em silêncio naquelas ocasiões para não perturbá-lo, mas ele sempre a ouvia, não importa o quão quieta ela fosse, e ela percebia que o deixava perplexo. Mas ele sempre sorria para ela e às vezes dizia uma ou duas palavras. Uma vez, na segunda semana, ele parecia tão perdido e sozinho, sentado, olhando para a parede como se tentasse encontrar algo ali com o que pudesse conversar. Ele parecia, com sua perna retorcida, com um passarinho machucado que tinha caído de seu ninho. Dava tanta pena que ela tinha vontade de envolver a cabeça dele em seus braços e fazer carinho, cuidando dele como uma mãe. Mas ela não o fizera; sabia que não gostava de ser tocado. E ele era tão delicado que ela podia machucá-lo. Nunca esqueceria da sua leveza quando o carregara daquele elevador, em seu primeiro encontro, com o sangue manchando a camisa e a perna torta como um arame curvado.

Terminou de pentear o cabelo e começou a passar batom. Era a primeira vez que usava o batom e a sombra prateada que as meninas mais novas usavam e, quando acabou, olhou-se no espelho com certo prazer. Para quem tinha quarenta anos, ela até que não era uma visão ruim, se escondesse as pequenas marcas arroxeadas em volta dos olhos causadas pelo gim e pelo açúcar. Elas estavam escondidas naquela noite, com uma maquiagem comprada especialmente para aquele fim.

Depois de se admirar por um tempo, começou a se vestir, escolhendo o conjunto fino de calcinha e sutiã dourados que comprara naquela tarde, mais a calça carmesim e uma blusa para combinar. Brincos berrantes e, finalmente, os brilhos prateados nos cabelos. Parecia outra pessoa e, ao se olhar no espelho, a princípio se sentiu um pouco envergonhada. Que tipo de besteira ela estava fazendo, se vestindo daquele jeito? Mas, no fundo, naquele registro vago e raramente pensado no qual enumerava sem dó as garrafas de gim e guardava as lembranças desagradáveis de um marido morto, felizmente, ela sabia perfeitamente o que estava fazendo. Mas não trouxe aquele pensamento à tona para inspecioná-lo. Era uma especialista naquela técnica. Um momento depois, ela já se sentia mais acostumada àquela aparência nova de matrona sensual, então pegou seu copo de gim de cima da cômoda com uma das mãos e com a outra alisou a calça carmesim apertada, e abriu a porta, entrando no cômodo em que Tommy estava sentado.

Ele estava ao telefone e ela conseguia enxergar aquele advogado, Farnsworth, na pequena tela. Eles normalmente se falavam três ou quatro vezes por dia; uma vez Farnsworth viera com uma comitiva de jovens de aparência séria e passaram o dia discutindo e argumentando em sua sala de estar, ignorando-a como se fosse parte da decoração. A não ser por Tommy, é claro, que fora educado e gentil e agradeceu gentilmente quando ela trouxe café e ofereceu gim para os homens.

Ela ficou sentada no sofá enquanto ele conversava com Farnsworth e pegou uma revista em quadrinhos antiga, olhando preguiçosamente para algumas das páginas mais sensuais enquanto terminava a bebida. Logo se entediou e Tommy ainda estava falando sobre um tipo de projeto de pesquisa que estavam conduzindo mais ao sul do estado e sobre vender participações disto e daquilo. Largou a revista, terminou a bebida, pegou um dos livros dele e sentou no criado-mudo. Ele tinha mandado enviar centenas de livros para a casa dela e o cômodo estava ficando apertado com eles. O livro acabou sendo um de poesia e ela o largou rapidamente, pegando outro. O título era *Motores Termonucleares* e estava cheio de linhas e números. Começou a se sentir boba novamente, vestida daquele jeito. Levantou-se e serviu dois copos de gim, resolutamente, deixando um em cima da televisão e levando o outro de volta para o sofá com ela. Mesmo se sentindo boba, percebeu que se sentou no sofá automaticamente em uma pose sedutora de estrela de cinema, esticando as pernas robustas de forma preguiçosa. Começou a observá-lo sobre a borda do copo, viu o brilho da lâmpada em seus cabelos brancos e em sua delicada pele morena, quase transparente, e olhou para sua mão feminina que pendia leve e casualmente na mesa. Naquele momento, começou a pensar conscientemente no que estava fazendo e, à meia-luz e com o

gim esquentando seu estômago, começou a sentir um toque de empolgação maliciosa por estar flertando com a possibilidade de sentir aquele corpo estranho e delicado contra o dela. Ao olhar para ele e deixar sua imaginação brincar com aquela ideia, sabia que a emoção especial vinha da estranheza dele – de sua natureza exótica, não sexual e tão pouco masculinizada. Talvez ela fosse como aquelas mulheres que gostam de fazer amor com esquisitos e aleijados. Bem, ele era as duas coisas – e ela não ligava para isso naquele momento, não estava envergonhada, as calças justas e o gim lhe dando coragem. Se ela pudesse excitá-lo – se ele pudesse ser excitado – ela ficaria orgulhosa. E se não pudesse, ele era um homem bom e não ficaria ofendido. Sentiu seu coração bater por ele, uma sensação ligeira e cálida. Enquanto terminava a bebida, sentiu, pela primeira vez em muitos anos, uma emoção que lembrava algo como amor, junto com o desejo que estava alimentando o dia inteiro – desde a manhã, quando saíra em seu antigo vestido estampado e comprara calcinhas e brincos, maquiagem e calças novas, sem admitir para si mesma o objetivo final do plano vago que sua mente concebera.

Bebeu ainda mais uma dose, dizendo para si mesma que tinha que ir devagar; mas estava ficando nervosa com a espera. Agora ele estava falando sobre alguém chamado Bryce e Farnsworth dizia que este tal Bryce estava tentando se encontrar com ele e queria trabalhar para eles, mas que queria primeiro ver Tommy, e Tommy estava dizendo que aquilo era impossível e Farnsworth dizia que precisavam de todos os homens com o nível de instrução de Bryce que pudessem conseguir. Começou a ficar impaciente. Quem se importava com esse Bryce? Foi então que Tommy encerrou a conversa de forma abrupta, desligou o telefone e, depois de ficar em silêncio por um minuto, olhou para ela, sorrindo pensativamente. “Minha nova casa está pronta, mais ao sul do estado. Você gostaria de ir comigo? Como minha governanta?”

Bem, aquilo foi um choque. Ela piscou para ele.

“Governanta?”

“Sim. A casa vai estar pronta no sábado, mas ainda há os móveis para arrumar, coisas desse tipo para resolver. Vou precisar de alguém para me ajudar com tudo. E”, ele sorriu, levantando-se com a ajuda da bengala e mancando até ela, “você sabe como eu não gosto de me encontrar com pessoas estranhas. Você poderia falar com as pessoas por mim.” Ele se manteve em pé em frente a ela.

Ela piscou na direção dele, mais uma vez. “Servi uma bebida para você. Na televisão.” Era difícil acreditar na oferta dele. Ela sabia sobre a casa desde que o pessoal da imobiliária veio visitá-lo, na segunda semana: uma enorme mansão antiga que ele estava comprando, junto com trezentos e sessenta hectares de terra ao leste, perto das montanhas.

Ele pegou o copo, o cheirou e perguntou: “Gim?”.

“Achei que você devia experimentar”, disse ela. “É muito bom. Doce.”

“Não”, respondeu ele. “Não. Mas gostaria de beber um pouco de vinho com você.”

“É claro, Tommy.” Ela se levantou, vacilando um pouco, e foi para a cozinha pegar a garrafa de Sauterne e a taça dele.

“Você não precisa de mim”, disse ela, da cozinha.

A voz dele respondeu, solene: “É claro que preciso, Betty Jo”.

Voltou para a sala, se aproximando dele enquanto lhe entregava a taça. Era um homem tão bom. Quase se sentia envergonhada por tentar seduzi-lo, como se ele fosse um bebê. Não podia evitar aquela diversão embriagada. Ele provavelmente não entendia o que era aquilo tudo. Provavelmente foi o tipo de criança que mijava em uma jarra de prata e fugia se uma garota tentasse encostar nele. Ou talvez fosse gay – qualquer um que lesse o tempo todo e tivesse a aparência dele... Mas ele não falava como um gay. Ela gostava de ouvido falar. Ele estava parecendo cansado; mas ele parecia cansado o tempo todo.

Ele sentou, dolorido, na poltrona, e descansou a bengala ao seu lado, no chão. Ela sentou no sofá e depois deitou de lado, encarando-o. Ele olhava para ela, mal parecendo enxergá-la. Ela se sentia esquisita quando ele ficava daquele jeito.

“Estou vestindo roupas novas”, disse ela.

“Está mesmo.”

“Pois é, estou mesmo.” Ela riu, insegura. “A calça foi sessenta e cinco e a blusa foi cinquenta, também comprei calcinhas douradas e brincos.” Ergueu uma perna para mostrar a calça em vermelho-vivo e coçou o joelho por cima do tecido. “Com o dinheiro que você me dá, eu poderia me vestir como uma estrela de cinema, se quisesse. Podia arrumar meu rosto, perder peso e tudo, sabia?” Passou a mão nos brincos, pensativa, dando pequenos puxões neles e passando o polegar pelo ouro metálico e macio, apreciando as pequenas pontadas de dor em suas orelhas. “Mas eu não sei. Fui desleixada por muito tempo. Desde que eu e o Barney começamos a receber a previdência social, os auxílios e essas coisas, eu parei de me cuidar e, diabos, você acaba gostando de ficar desse jeito.”

Ele não disse nada por um tempo e eles ficaram sentados em silêncio enquanto ela terminava a bebida. Finalmente, ele perguntou: “Você vai comigo para a casa nova?”.

Ela se espreguiçou e bocejou, começando a se sentir cansada. “Tem certeza de que precisa mesmo de mim?”

Ele piscou para ela e por um momento sua expressão parecia com uma que ela nunca tinha visto antes em seu rosto, como se estivesse implorando a ela.

“Sim, eu preciso mesmo de você”, respondeu ele. “Eu não conheço muita gente...”

“É claro”, disse ela. “Eu vou.” Ela gesticulou, cansada. “Seria uma baita idiota se não fosse, de qualquer maneira, já que imagino que você vá me pagar o dobro do que eu mereço.”

“Que bom.” O rosto dele relaxou um pouco, ele se recostou na poltrona e pegou um livro.

Antes que ele começasse a ler, ela lembrou de seus planos, já sem a mesma empolgação, e, após um momento de dúvida relutante, fez uma última tentativa. Mas estava com sono e não conseguiu fazer a pergunta com muito sentimento. “Você é casado, Tommy?” A intenção da pergunta devia ser bem óbvia.

Se ele tinha alguma ideia de onde ela queria chegar, não demonstrou. “Sou casado, sim”, respondeu, baixando o livro educadamente para o colo e olhando para ela.

Envergonhada, ela logo disse: “Só queria saber. Como ela é? A sua esposa?”.

“Ah, ela é parecida comigo, eu acho. Alta e magra.”

Sua vergonha estava, de algum modo, se transformando em irritação. Terminou a bebida e comentou, quase como em desafio: “Eu era magra”. Mas então, cansada daquilo tudo, levantou-se e caminhou até a porta do quarto. Tinha mesmo sido tudo uma besteira. E talvez ele fosse gay – o fato de ser casado não provava nada. Era peculiar, de qualquer maneira. Um homem bom e rico, mas estranho como leite fresco. Ainda irritada, ela lhe desejou boa noite, foi para o quarto e começou a despir as roupas caras. Sentou na beirada da cama, em sua roupa de dormir, pensando; estava muito mais confortável sem as roupas justas. Quando finalmente se deitou, com a mente vazia, não teve dificuldade para cair em um sono profundo, preenchido de forma agradável com sonhos tranquilos.

Eles sobrevoaram as montanhas, mas o pequeno avião era tão estável e o piloto tão experiente que não houve nenhuma inclinação, quase nenhuma sensação de movimento. Sobrevoaram Harlan, no Kentucky, uma cidade sombria, espalhada pela base das montanhas, e passaram por campos vastos e áridos até diminuírem a altitude em um vale. Bryce, com um copo de uísque na mão, viu o brilho longínquo de um lago, sua superfície estática brilhando como uma moeda nova e valiosa; e então baixaram mais ainda, perdendo o lago de vista, e pousaram em uma nova e larga faixa de concreto que ficava do lado plano do vale, entre palha de vassoura e argila revirada, como um diagrama euclidiano selvagem desenhado com giz cinza por algum deus da geometria.

Bryce saiu do avião para o estardalhaço dos golpes das máquinas de terraplenagem e a confusão dos homens de camisa cáqui, as faces vermelhas pelo calor do verão e gritando com a voz rouca uns para os outros no processo de construir prédios não identificáveis. Havia depósitos de máquinas, algum tipo de plataforma enorme de concreto, uma fileira de barracas. Ele ficou desconcertado após sair da calma e do frescor proporcionado pelo ar-condicionado do avião – o avião pessoal de Thomas Jerome Newton, enviado a Louisville para buscá-lo –, confuso pelo calor e pelo barulho, por toda aquela atividade febril e inexplicada.

Um jovem, de aspecto rústico como em uma propaganda de cigarro, se aproximou dele. O homem usava um capacete de fibras; as mangas dobradas da camisa exibiam uma abundância de músculos jovens e bronzeados; tinha o aspecto exato de um herói daqueles livros parcialmente esquecidos que tinham feito Bryce, em uma época obscura da pré-adolescência, se dedicar a virar um engenheiro – engenheiro químico, um homem da ciência, mas também da ação. Ele não sorriu para o jovem, pensando em seu próprio cabelo grisalho e sua pança e no gosto do uísque em sua boca; mas assentiu para cumprimentá-lo.

O homem esticou a mão. “Você é o professor Bryce?”

Ele apertou a mão oferecida, esperando um forçado toque firme, mas ficou

positivamente surpreso em receber um toque gentil. “Não sou mais um professor”, disse ele, “mas, sim, sou Bryce.”

“Bom, muito bom. Sou Hopkins. O encarregado.” O homem era tão amigoso quanto um cachorro, como se estivesse pedindo sua aprovação. “O que achou de tudo, dr. Bryce?” Acenou para as fileiras de prédios se erguendo. Logo além deles havia uma torre alta, aparentemente um tipo de antena de transmissão.

Bryce limpou a garganta. “Não sei.” Começou a perguntar o que estavam construindo, mas decidiu que sua ignorância seria vergonhosa. Por que aquele palhaço gordo, Farnsworth, não disse a ele para que estava sendo contratado? “O sr. Newton está me aguardando?”, perguntou em voz alta sem olhar para o homem.

“É claro, é claro.” Mostrando eficiência repentinamente, o jovem o conduziu até o outro lado do avião, onde um pequeno carro de monotrilho, oculto anteriormente, repousava em cima de trilhos de um brilho fraco que serpenteavam até as montanhas à borda do vale como uma linha fina de grafite. Hopkins abriu a porta de correr, revelando o estofamento de couro polido e um interior agradavelmente escuro. “Isso o levará até a casa em cinco minutos.”

“A casa? Quão longe ela fica?”

“Mais ou menos seis quilômetros. Vou ligar para avisar da sua chegada e Brinnarde irá recebê-lo. Brinnarde é o secretário do sr. Newton, provavelmente será ele quem conduzirá a entrevista.”

Bryce hesitou antes de entrar no carro. *Não vou conhecer o sr. Newton?* O pensamento o chateou; depois daqueles dois anos, não conhecer o homem que inventou a Worldcolor, que operava as maiores refinarias de óleo no Texas, que tinha desenvolvido a televisão 3-D, negativos de filmes reutilizáveis, o processo de transferência de cor automático por fluidos – o homem que era ou o gênio mais inventivo e original do mundo, ou um extraterrestre.

O jovem franziu a testa. “Duvido. Estou aqui há seis meses e nunca o vi, a não ser por trás da janela do carro em que você vai entrar. Mais ou menos uma vez na semana ele vem até aqui, para observar tudo, creio eu. Mas nunca sai do carro, e é tão escuro aí dentro que não dá pra ver o rosto dele, apenas sua sombra, olhando para fora.”

Bryce se acomodou no carro. “Ele nunca sai?” Indicou o avião com a cabeça, onde uma equipe de mecânicos, parecendo ter saído do nada, começava a checar o jato. “Para voar para... outros lugares?”

Bryce teve a impressão de que Hopkins sorrisse de um jeito meio bobo, tonto. “Apenas à noite, e então você não consegue vê-lo. É um homem alto, vigoroso e magro. Foi o piloto quem me contou; mas é basicamente isso. Esse piloto não é de falar muito.”

“Entendo.” Tocou em um botão na porta e ela deslizou de volta para o lugar, sem fazer barulho. Enquanto se fechava, Hopkins lhe desejou boa sorte, ao que agradeceu, mas não tinha certeza se sua voz fora cortada pela porta ou não.

Como o avião, o carro era à prova de som e muito fresco. Também como o avião, ele começou a se mover com uma aceleração quase imperceptível, ganhando velocidade de forma tão delicada que mal havia a sensação de movimento. Ele aumentou a transparência das janelas virando a pequena maçaneta prateada, que estava obviamente ali com este propósito, e observou os barracões de construção de alumínio de aparência frágil e os grupos de trabalhadores – uma visão incomum e, ele percebeu, satisfatória, naqueles dias de fábricas automatizadas e jornadas de trabalho de seis horas. Os homens pareciam ávidos, trabalhando com vontade e suando sob o sol do Kentucky. Ocorreu a ele que deviam ser muito bem pagos para irem até aquele lugar árido, tão longe de campos de golfe, salões municipais de apostas e outros consolos dos trabalhadores. Viu um jovem rapaz – tantos deles pareciam jovens – sentado sobre um trator enorme, sorrindo de prazer ao empurrar grandes quantidades de lama; por um momento, Bryce o invejou por seu trabalho e sua confiança jovial e inquestionável, confortável sob o sol quente.

No momento seguinte, ele saíra do canteiro de obras e estava serpenteando pelas montanhas de vegetação densa, se movendo com tanta rapidez que as árvores mais próximas eram um borrão de luz do sol e folhas verdes, de luz e sombras. Recostou-se nas almofadas extraordinariamente confortáveis, tentando aproveitar o passeio. Mas ele estava muito empolgado para relaxar, muito tenso pela velocidade com que as coisas estavam acontecendo e por toda a empolgação de um lugar novo e estranho – tão abençoadamente longe de Iowa, de estudantes universitários, de intelectuais barbudos, de homens como Canutti. Olhou pela janela, observando os clarões de luz, sombra, verde iluminado e sombras escuras, cada vez mais velozes. E, de repente, enquanto o carro acelerava sobre uma elevação, ele viu o brilho do lago, desdobrado sobre um vale como uma folha de metal em um lindo tom azul acinzentado, um círculo gigante e sereno. Logo além dele se erguia, sob a sombra da montanha, uma antiga casa branca imensa, com um pórtico de colunas brancas e janelas largas e fechadas, tranquila e sólida nas margens do grande lago, como se fosse a base de uma montanha. Então a casa e o lago sumiram quando o caminho do monotrilho se inclinou para baixo, e ele percebeu que o veículo começava a desacelerar. No minuto seguinte, a casa e o lago reapareceram e o carro entrou devagar na curva ampla de uma descida e deslizou às margens do lago, inclinando-se delicadamente com a curva do trilho, e ele viu um homem de pé, aguardando-o, ao lado da casa. O carro parou com delicadeza e Bryce respirou fundo, tocou na maçaneta, observou a

porta de madeira deslizar silenciosamente e saiu para as sombras da montanha, o cheiro dos pinheiros e o som gentil e quase inaudível da água batendo em ondas contra a margem do lago. O homem era baixo e escuro, com pequenos olhos brilhantes e um bigode. Avançou em direção a Bryce, sorrindo com cordialidade. “Dr. Bryce?” Seu sotaque era francês.

Sentindo-se repentinamente emocionado, respondeu, esticando a mão para um aperto: “Monsieur Brinnarde? *Enchanté*”.

O homem tomou sua mão, as sobrancelhas ligeiramente levantadas. “*Soyez le bienvenu, Monsieur le Docteur. Monsieur Newton vous attend. Alors...*”

Bryce perdeu o fôlego. “Newton vai me receber?”

“Sim. Eu o levarei até ele.”

Ele foi recebido por três gatos dentro da casa, que o encararam do chão, onde estavam brincando. Pareciam ser gatos comuns de rua, mas bem alimentados e desdenhando a sua chegada. Não gostava de gatos. O francês o conduziu silenciosamente pela sala de estar e para cima por uma escadaria com um espesso carpete. Havia quadros nas paredes – quadros estranhos e de aparência cara feitos por pintores que não reconheceu. Em formato de curva, a escadaria era bastante larga. Percebeu que tinha uma daquelas cadeiras motorizadas, que agora estava dobrada, que podia se mover para cima e para baixo pelo corrimão. Será que Newton era deficiente físico? Não parecia haver outra pessoa na casa além deles dois e dos gatos. Olhou para trás: eles ainda o encaravam com seus grandes olhos curiosos e insolentes.

No alto das escadas ficava um salão em cujo final havia uma porta, que obviamente levava aos aposentos de Newton. Ela se abriu e uma mulher robusta e de olhos relativamente tristes saiu, vestindo um avental. Andou até ele, piscou e disse: “Você deve ser o professor Bryce”. A voz dela, amável e rouca, era carregada de um sotaque caipira.

Assentiu e ela o conduziu através da porta. Ele entrou sozinho, percebendo, para seu desespero, que sua respiração estava agitada e as pernas, bambas.

O quarto era imenso e o ar do ambiente era frio. A luz vinha fraca de uma janela saliente enorme e apenas ligeiramente transparente que tinha vista para o lago. Parecia haver móveis por todo o lugar, em um arranjo de cores desnorteantes – as formas pesadas dos sofás, uma mesa, escrivaninhas, absorvendo os azuis, o cinza e os laranja-escuros enquanto seus olhos se acostumavam à luz amarelada da penumbra. Dois quadros o observavam na parede ao fundo; o primeiro era uma gravação de um pássaro gigante, uma garça ou um grou-americano; o outro, uma abstração nervosa feita por alguém como Paul Klee. Talvez fosse um Klee. As duas obras não combinavam. Em um dos cantos ficava uma gaiola enorme, com um papagaio vermelho e roxo em seu

interior que, aparentemente, dormia. E, andando vagarosamente em direção a ele com uma bengala, havia um homem alto e magro, de feições indistintas. “Professor Bryce?” Sua voz era clara, com um leve sotaque, mas agradável.

“Sou eu. O senhor é... sr. Newton?”

“Isso mesmo. Por que não nos sentamos e conversamos um pouco?”

Ele sentou e conversaram por vários minutos. Newton era agradável, fácil de lidar, um pouco empertigado em seus modos, mas sem ser imponente ou esnobe. Era naturalmente muito digno e falou sobre o quadro que Bryce mencionara – era um Klee, no final das contas – demonstrando interesse e inteligência. Ele se levantou por um momento ao falar sobre a pintura para mostrar um detalhe e Bryce conseguiu observar seu rosto com clareza pela primeira vez. Era um bom rosto, com belos traços, quase feminino, e um ar estranho nele. Na mesma hora, o pensamento, aquele pensamento absurdo com o qual brincava há mais de um ano, voltou com força à sua mente. Observar o homem estranho e alto apontar seu dedo delicado para um quadro estranho e de traçado nervoso ali, na penumbra, fez com que ele não parecesse nem um pouco absurdo. Sim, era verdade; e quando Newton se virou de volta para ele, sorriu e disse: “Acho que deveríamos tomar uma bebida, professor Bryce”, a ilusão se desfez completamente e a razão de Bryce voltou para o lugar. Havia muitos homens de aparência estranho nesse mundo além daquele, e já haviam existido outros inventores brilhantes antes dele.

“Eu gostaria de uma bebida”, respondeu ele. “Sei que o senhor é um homem ocupado.”

“Ah, não mesmo.” Newton sorriu abertamente, indo até a porta. “Não hoje, pelo menos. O que gostaria de beber?”

“Uísque.” E começou a completar: “Se tiver um pouco”, mas se interrompeu. Imaginou que Newton o teria. “Uísque e água.”

Em vez de apertar um botão ou tocar um gongo – naquela casa, tocar um gongo não pareceria algo estranho –, Newton simplesmente abriu a porta e chamou: “Betty Jo”. Quando ela respondeu, ele disse “Traga o uísque com água e gelo para o professor Bryce. Eu gostaria do meu gim com bitter”. Então fechou a porta e voltou para a cadeira. “Só comecei a gostar de gim há pouco tempo”, disse. Bryce estremeceu por dentro com a ideia de beber gim com bitter.

“Bem, professor Bryce, o que achou das nossas obras? Acredito que tenha visto toda a... atividade quando saiu do avião.”

Recostou-se na cadeira, agora se sentindo mais tranquilo. Newton parecia muito cortês, genuinamente interessado em ouvir o que ele tinha a dizer. “Sim, pareceu bastante interessante. Mas, para falar a verdade, não sei o que você está construindo.”

Newton o encarou e riu. “Mas Oliver não lhe contou, em Nova York?”

Bryce sacudiu a cabeça, em negativa.

“Ele consegue ser bem discreto. Com certeza não queria que ele chegasse a esse ponto.” Sorriu e, pela primeira vez, Bryce se sentiu levemente incomodado por aquele sorriso, apesar de não conseguir identificar o que exatamente o incomodava. “Talvez tenha sido por isso que pediu para se encontrar comigo?”

Aparentemente ele só queria que o homem escondesse um pouco. “Talvez”, disse Bryce. “Mas também tinha outros motivos.”

“Sim...” Newton começou a falar algo, mas parou quando a porta se abriu e Betty Jo entrou, carregando as garrafas e canecas em uma bandeja. Bryce observou-a com cuidado. Era uma mulher de meia-idade ligeiramente bonita, do tipo que você espera encontrar em uma matinê ou em um clube de bridge. Ainda assim, seu rosto não era vazio ou estúpido, e havia um calor, um traço de bom humor ou admiração, em volta dos olhos dela e em seus lábios grossos. Mas parecia um pouco deslocada como a única empregada visível daquele milionário. Ela não disse nada ao deixar as bebidas e, ao passar por ele a caminho da porta, ele ficou admirado pelos cheiros inconfundíveis de álcool e perfume que ela carregava.

O uísque acabara de ser aberto e ele se serviu de uma dose com certa diversão e encanto. Era assim que cientistas milionários faziam as coisas? Alguém pede uma bebida e um serviçal embriagado lhe traz uma garrafa fechada? Talvez fosse a melhor forma. Os dois se serviram em silêncio e, depois da primeira dose, Newton disse, repentinamente: “É um veículo espacial”.

Bryce piscou, sem entender o que o homem queria dizer. “O que disse?”

“O que estão construindo aqui, vai ser um veículo espacial.”

“Ah...” Era surpreendente, mas nada absurdo. Uma sonda espacial não tripulada era comum, de um jeito ou de outro... Até os cubanos haviam construído uma alguns meses antes. “Então você quer que eu trabalhe na estrutura metálica?”

“Não.” Newton bebericava sua caneca lentamente e olhava pela janela, como se estivesse pensando em outra coisa. “A estrutura já está definida. Gostaria que você trabalhasse nos sistemas de alimentação de combustível – encontrar os materiais que consigam conter alguns dos químicos, como os combustíveis, detritos e coisas do tipo.” Virou-se de volta para Bryce, sorrindo mais uma vez, que percebeu que o sorriso era levemente inquietante pela apreensão incompreensível que ele passava, “Infelizmente, sei muito pouco sobre materiais – resistência ao calor, a ácidos e a estresse. Oliver me disse que você é uma das melhores pessoas para esse tipo de trabalho.”

“Farnsworth pode estar me superestimando, mas tenho uma experiência

razoável com este tipo de coisa.”

Isso pareceu encerrar o assunto e os dois ficaram em silêncio por um tempo. Desde o momento em que Newton mencionara um veículo espacial, obviamente a suspeita anterior retornara. Mas com ela veio a réplica óbvia – se Newton fosse de outro planeta, por mais irracional que parecesse, ele e seu povo não estariam construindo uma espaçonave. Seria a única coisa que eles com certeza já teriam. Sorriu para o nível barato de ficção científica do seu discurso interior. Se Newton fosse um marciano ou um venusiano, com certeza ele estaria importando raios de calor para fritar Nova York ou planejando desintegrar Chicago, ou carregando jovens garotas para cavernas subterrâneas para sacrifícios de outro mundo. Betty Jo? Agora que estava se sentindo imaginativo por causa do uísque e do cansaço, quase riu daquele pensamento; Betty Jo em um pôster de filme, com Newton em um capacete de plástico, ameaçando-a com uma arma a laser, uma arma prateada e grossa com tubos de convecção pesados e pequenos ziguezagues brilhantes saindo dela. Newton ainda estava distraído olhando para fora da janela. Já terminara sua primeira dose de gim e tinha se servido de outra. Um marciano bêbado? Um extraterrestre que bebia gim com bitter?

Newton já falara repentinamente antes – mas sem ser rude – e agora o fazia novamente, virando-se para ele: “Por que queria me ver, sr. Bryce?”. Seu tom não era exigente, apenas curioso.

A pergunta o pegou de guarda baixa e ele hesitou, servindo-se de outra dose para disfarçar a pausa. “Estava impressionado com o seu trabalho. Os filmes fotográficos – a cores, de raios X – e suas inovações eletrônicas. São as ideias mais... as ideias mais originais que vi em anos.”

“Obrigado.” Agora Newton parecia mais interessado. “Achava que poucas pessoas soubessem que eu era... responsável por essas coisas.”

Algo sobre o modo cansado e sem paixão com o qual Newton falava o fez se sentir um pouco envergonhado, envergonhado pela curiosidade que o fizera ligar a W.E. Corporation a Farnsworth, e intimidar Farnsworth a marcar aquela reunião. Sentia-se como uma criança que tentara conseguir a atenção de um pai tolerante e falhara, tendo apenas perturbado e cansado o homem. Por um momento, achou que tivesse corado e se sentiu muito grato pela penumbra que cobria o quarto para o caso de ser verdade.

“Eu... Eu sempre admirei mentes brilhantes.” Tinha mergulhado em sua vergonha e sabia, xingando-se por isso, que parecia um garotinho embasbacado. Mas quando Newton lhe respondeu com modéstia e educação, Bryce foi resgatado de uma vez de sua vergonha ao perceber, rapidamente, que o outro homem poderia estar bêbado. Conseguia ouvir na fala distante, apática e levemente enrolada, ver no olhar distraído e fora de foco nos olhos grandes do

homem e perceber que Newton, quase sem demonstrar, estava ou muito bêbado – de uma forma calma e silenciosa –, ou muito doente. Foi quando repentinamente sentiu uma onda rápida de afeto – será que ele mesmo estava bêbado? – pelo homem magro e solitário. Será que Newton, também um mestre da silenciosa embriaguez matinal, estava procurando uma razão – procurando qualquer razão que fosse que desse a um homem são em um mundo insano uma razão para não estar bêbado pela manhã? Ou essa era uma das aberrações notórias de um gênio, um tipo de abstração selvagem e solitária, o ozônio de uma inteligência elétrica?

“Oliver mencionou o salário para você? E você está satisfeito com ele?”

“Ele cuidou de tudo com muito cuidado.” Levantou-se, percebendo que a pergunta de Newton encerrava a reunião. “Estou bastante contente com o salário.” E, antes de sair, pediu: “Será que eu poderia fazer uma pergunta antes de ir, sr. Newton?”.

O homem mal parecia tê-lo ouvido; ainda olhava pela janela, segurando com gentileza o copo vazio em seus dedos frágeis; seu rosto era macio e sem marcas de idade, mas ainda assim parecia muito antigo. “Com certeza, professor Bryce”, ele respondeu em voz baixa, quase um sussurro.

Bryce se viu envergonhado novamente, desconcertado. O homem era tão incrivelmente gentil. Limpou a garganta e percebeu que, do outro lado do cômodo, o papagaio estava acordado, observando-o com o mesmo olhar de curiosidade que os gatos lhe destinaram. Sentiu-se tonto e agora tinha certeza de que corara. Ele gaguejou. “Acho que não tem muita importância. Eu... Eu lhe pergunto em outra ocasião.”

Newton olhou para ele como se não o tivesse ouvido, mas ainda esperasse que ele fosse falar. “Com certeza. Em outra ocasião.”

Bryce pediu licença, saiu do cômodo e andou, com os olhos semicerrados, de volta à luz brilhante. Quando chegou ao andar de baixo novamente, os gatos não estavam mais lá.

Durante os meses seguintes, Bryce esteve mais atarefado do que jamais estivera em sua vida. A partir do momento em que Brinnarde o conduziu para fora da casa e o enviara para os laboratórios de pesquisa, do outro lado do lago, ele mergulhara, com vontade e fervor que lhe eram completamente estranhos, em uma multiplicidade de trabalhos que Newton tinha à espera. Havia ligas para serem selecionadas e desenvolvidas, testes incontáveis para serem feitos, padrões perfeitos sobrenaturais de resistência a calor e ácido para serem alcançados por plásticos, metais, resinas e cerâmicas. Eram trabalhos para os quais sua educação o havia preparado e se ajustou a eles rapidamente. Possuía uma equipe de catorze pessoas sob seu comando, um laboratório em um celeiro de alumínio enorme para trabalhar, um orçamento praticamente ilimitado, uma pequena casa particular com quatro quartos e carta branca – que ele nunca usara – para viajar de avião até Louisville, Chicago ou Nova York. É claro que havia irritação e confusão, especialmente em relação à chegada a tempo de aparelhos e materiais necessários, e brigas fúteis ocasionais entre seus assistentes, mas aquelas chateações nunca eram expressivas o suficiente para atrasar o trabalho em mais do que algumas partes de seus múltiplos aspectos. Se não estava feliz, estava ocupado demais para ficar triste. Estava envolvido, empenhado, de uma maneira que nunca estivera como professor, e tinha consciência de que muito da sua vida dependia do seu trabalho. Sabia que tinha se desprendido da academia completamente, da mesma maneira que havia rompido, anos atrás, com seu trabalho para o governo, e era impreterível que ele acreditasse no que estava fazendo agora. Estava velho demais para falhar mais uma vez, para entrar em desespero novamente; ele nunca conseguiria se recuperar. Em uma série de eventos que havia sido desencadeada por um rolo de espoletas e derivado para uma especulação absurda, pura ficção científica, ele tinha dado a sorte de cair em um emprego com o qual muitos homens sonhavam. Diversas vezes se pegava trabalhando até tarde da noite, absorvido em suas tarefas; e não bebia mais pela

manhã. Havia prazos a serem cumpridos, alguns modelos tinham que estar prontos para serem produzidos em certas datas e ele não estava preocupado. Estava muito à frente do cronograma. O fato de que o trabalho consistia em pesquisa aplicada e não em pesquisa genuinamente básica às vezes era fonte de um pouco de preocupação para ele; mas estava um pouco mais velho agora, um pouco desiludido demais para se preocupar com questões de honra e integridade. Talvez a única questão moral de verdade era se ele estava ou não trabalhando em uma nova arma, uma nova maneira de desmembrar homens ou destruir cidades. E a resposta era negativa. Estavam construindo um veículo para carregar instrumentos ao redor do sistema solar, o que, se não fosse inútil, pelo menos era inofensivo.

Uma parte rotineira de seu trabalho consistia em acompanhar seu progresso em relação ao portfólio de especificações de Newton que lhe tinha sido entregue por Brinnarde. Aqueles relatórios, aos quais se referia como “o inventário do encanador mestre”, consistiam, em sua maioria, em especificações para centenas de partes menores de refrigeração, controle de combustível e sistemas de navegação, especificações que requeriam medidas de condutividade térmica, resistência elétrica, estabilidade química, massa, temperatura de ignição e coisas do tipo. Era trabalho de Bryce encontrar o material mais perfeitamente adequado para cada caso ou, se nenhum fosse encontrado, descobrir qual era o segundo melhor. Na maioria das vezes aquilo se provava muito fácil, tanto que ele não podia deixar de pensar sobre a ingenuidade de Newton em relação a materiais; mas, em vários casos, as especificações não conseguiam ser preenchidas por nenhuma substância conhecida. Nestas ocasiões, ele era forçado a conversar sobre a questão com os engenheiros de projeto e criar a concessão mais ínfima possível. Esta seria comunicada a Brinnarde e repassada a Newton, que decidia sobre ela. Os engenheiros lhe disseram que vinham tendo aquele tipo de problema o tempo todo, durante os seis meses que o projeto estava sendo tocado; Newton era um gênio do design, o padrão geral era o mais sofisticado que já tinham visto e englobava milhares de inovações surpreendentes, mas já haviam sido feitas centenas de concessões e a construção da nave em si não estava prevista para ser iniciada por pelo menos mais um ano. O projeto inteiro estava programado para ser completado dali a seis anos – em 1990 – e todos pareciam ter suas dúvidas sobre a probabilidade de terminarem a tempo. Mas aquela hipótese não perturbava muito Bryce. Apesar da natureza ambígua do seu encontro com Newton, ele tinha uma confiança imensa nas habilidades científicas daquele estranho indivíduo.

Foi quando, em uma noite fresca, três meses depois de sua chegada no Kentucky, Bryce fez uma descoberta. Era quase meia-noite e ele estava sozinho

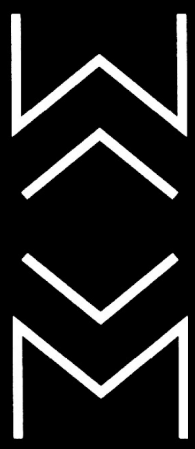
em seu escritório em uma das extremidades do prédio do laboratório, revisando exaustivamente um grupo de planilhas de especificação, ainda sem vontade de ir embora, já que a noite estava agradável e ele gostava do silêncio do laboratório. Encarava preguiçosamente uma das poucas folhas de diagramas de Newton – um esquema do sistema de resfriamento que deveria eliminar a reentrada de calor – e traçando a relação entre as partes, quando uma estranheza não identificável sobre as medidas e cálculos começou a incomodá-lo levemente. Ele ficou mordendo a ponta do lápis por vários minutos, encarando primeiro os diagramas expostos e depois a janela que tinha vista para o lago. Não havia nada de errado com os números, mas alguma coisa ali o perturbava. Já o percebera antes, bem no fundo de sua mente, mas sempre fora impossível identificar a discrepância. Do lado de fora, a meia-lua límpida se mostrava sobre o lago negro e insetos ocultos estrilavam ao longe. Tudo parecia estranho, como uma paisagem lunar. Olhou de volta para o relatório na mesa à sua frente. O grupo central de dados era uma progressão de valores térmicos – em uma sequência irregular –, especificações experimentais de Newton para um tipo de serpentina. Algo sobre a sequência era sugestivo, era como uma progressão logarítmica, mas ao mesmo tempo não era. Mas, então, o que era aquilo? Por que Newton escolheria aquele conjunto específico de valores e não outro? Tinha que ser arbitrário. Os valores específicos não serviam, de qualquer maneira. Eram apenas requisitos experimentais; cabia a Bryce encontrar os valores reais para o material que chegaria mais perto de satisfazer as especificações. Encarou as imagens no papel em um tipo de hipnose leve até os números parecerem se fundir e misturar em frente aos seus olhos e perderem qualquer significado a não ser pelo seu padrão. Piscou e, com muita força de vontade, desviou o olhar, observando novamente a noite do Kentucky pela janela. A lua havia mudado de posição e agora estava oculta pelas montanhas além do lago. Do outro lado da água escura, uma luz fraca queimava no segundo andar da grande casa, provavelmente no escritório de Newton, e acima dela as estrelas, uma miríade de pequenos brilhos, cobriam o céu preto como manchas de poeira luminosa. De repente, um sapo começou a coaxar do lado de fora da janela, assustando Bryce. O animal continuou, sem resposta nem coro, por vários minutos, clamando em uma vibração pesada e cheia de propósito, agachado e úmido em algum lugar; ele conseguia visualizar seu corpo meio reptiliano encolhido, as pernas sob o queixo, na grama fria e molhada de orvalho. O som pareceu vibrar sobre o lago, em um ritmo determinado, e parou de forma abrupta, deixando os ouvidos de Bryce descontentes por um momento, esperando pela nota final que nunca veio. Mas os insetos retornaram, em coro, ele voltou, exausto, ao relatório à sua frente e foi então que conseguiu ver com clareza, seus olhos apenas traçaram as cifras

familiares de forma automática em um momento fugaz de iluminação, o que o vinha incomodando. Eles estavam em progressão logarítmica; tinham que estar. Mas não em um logaritmo comum – não os de base dez, dois ou pi –, mas em algum desconhecido. Pegou sua régua de cálculo da mesa e, seu cansaço já esquecido, começou a fazer divisões por tentativa e erro.

• • •

Uma hora depois ele se levantou, esticou os braços e saiu do escritório, andando pela grama molhada até a margem do lago. A lua estava visível novamente; ele observou seu reflexo na água por um tempo, olhou para a janela de Newton e fez em voz alta a pergunta que vinha tomando forma em sua mente há vinte minutos: “Que tipo de homem faria cálculos com logaritmos em base doze?”. A luz na janela de Newton, muito mais fraca que a da lua, olhava de volta para ele sem expressão, e sob seus pés a água batia na margem gentilmente, em uma cadência fraca e despreocupada, monótona, silenciosa e tão antiga quanto o mundo.

RUMPLES
TILTSKIN
1988



As montanhas em volta do lago ficavam em tons de vermelho, amarelo, laranja e marrom no outono. A água, sob um céu mais frio, era mais azul; refletia, em alguns lugares, as cores das árvores nas montanhas. Quando o vento soprava, formando ondas sobre ela, as cores vermelho e amarelo piscavam sobre a água e as folhas caíam.

Da porta do laboratório, Bryce, muitas vezes perdido em seus pensamentos, observava as montanhas por sobre a água, e a casa onde T.J. Newton morava. A casa ficava a mais de um quilômetro e meio de distância do arco de prédios de alumínio e compensado do qual o laboratório fazia parte; do outro lado do arco, quando o sol brilhava, o casco polido da Coisa – o Projeto, o Veículo, seja lá o que fosse – brilhava. Às vezes, a visão do monólito prateado fazia Bryce sentir algo que parecia orgulho; outras vezes só parecia algo ridículo, como uma ilustração de um livro infantil sobre o espaço; algumas vezes aquilo o assustava. Ele conseguia ficar em sua porta e observar o contraste peculiar – que ele vira cedo e com frequência – entre as estruturas em cada ponta do panorama: à sua direita ficava a antiga mansão vitoriana, com janelas salientes, ripas brancas, pilares enormes e inúteis em seus três pórticos, uma casa erguida mais de um século antes, sobre um orgulho desastrado e de mau gosto, por algum barão do tabaco, do carvão ou da madeira desconhecido e morto há muito tempo; e à sua esquerda ficava a construção mais austera e futurística de todas, uma espaçonave. Uma espaçonave erguida em uma pastagem do Kentucky, cercada por montanhas outonais e cujo dono era um homem que escolhera viver em uma mansão com uma empregada bêbada, um secretário francês, papagaios, quadros e gatos. Entre a nave e a casa ficavam a água, as montanhas, o próprio Bryce e o céu.

Em uma manhã de novembro, quando a seriedade jovial de um de seus assistentes de laboratório o fez sentir uma pontada de seu antigo desespero em relação ao trabalho científico e a atitude dos jovens que o praticam, Bryce foi até

a porta e passou vários minutos observando a vista familiar. Decidiu caminhar um pouco; nunca tivera a ideia de andar em volta do lago. Não havia motivos para não o fazer.

O ar estava frio e, a princípio, ele achou que devia voltar ao laboratório para pegar seu casaco. Mas o sol estava quente, do jeito agradável das manhãs de novembro, e ao ficar próximo das margens, fora da sombra, ele conseguia se sentir confortável o bastante. Caminhou na direção do casarão, para longe do canteiro de obras e da nave. Usava uma camisa xadrez antiga de algodão, um presente que ganhara de sua falecida esposa dez anos antes; depois de um pouco mais de um quilômetro de caminhada, ele foi forçado a dobrar as mangas da camisa até os cotovelos, porque elas começaram a pinicar com o calor de seu corpo. Seus antebraços, finos, brancos e cheios de pelos, pareciam incrivelmente pálidos na luz do sol – os braços de um homem muito velho. Sob seus pés havia cascalho e, às vezes, mato. Viu diversos esquilos e um coelho. Um peixe pulou no lago, uma vez. Passou por alguns prédios e por um tipo de forja; alguns homens acenaram para ele. Um deles o chamou pelo nome, mas Bryce não o reconheceu. Sorriu de volta e acenou. Entrou em um ritmo lento de caminhada e deixou que sua mente vagasse sem destino. Parou e tentou fazer algumas pedras chatas quicarem na superfície do lago, conseguindo apenas que uma delas pulasse uma vez. As outras, ao bater na água de forma errada, afundaram no momento em que tocaram nela. Balançou a cabeça na direção delas, sentindo-se bobo. Muito acima dele, uma dúzia de pássaros voava silenciosamente pelo céu. Continuou a andar.

Antes do meio-dia já havia passado pela casa, que parecia estar fechada e silenciosa, a uns trinta metros da margem. Olhou para as janelas salientes do segundo andar, mas não conseguiu ver nada além do reflexo do céu no vidro. Quando o sol alcançou o ponto mais alto a que chegaria naquela época do ano, ele andava pelas margens inabitadas da parte mais longínqua do lago. O mato e as ervas daninhas eram mais espessos; havia arbustos, solidagos e alguns troncos podres. Teve um pensamento repentino sobre cobras, das quais ele não gostava, mas logo o esqueceu. Viu um lagarto imóvel sobre uma pedra, seus olhos parecendo vidro. Começou a sentir fome e imaginou preguiçosamente o que faria para saná-la. Cansado, sentou em um tronco na margem do lago, abriu os botões da camisa, secou a nuca com seu lenço e observou a água. Sentiu-se como Henry Thoreau por um momento e sorriu para si mesmo com aquele pensamento. *A maioria dos homens vive em um desespero silencioso.* Olhou de volta para a casa, agora parcialmente obstruída pelas árvores. Alguém, ainda distante, estava andando em sua direção. Piscou contra a luz forte, observou-o por alguns instantes e, aos poucos, percebeu que era T.J. Newton. Apoiou os

cotovelos nos joelhos e esperou. Começou a se sentir nervoso.

Newton carregava uma pequena cesta em seus braços. Vestia uma camisa branca de mangas curtas e calças de um cinza-claro. Andava lentamente, seu corpo alto totalmente ereto, mas com uma leve graciosidade em seus movimentos. Havia uma estranheza indescritível em seu caminhar, uma característica que lembrava Bryce do primeiro homossexual que vira, quando era novo demais para saber o que significava uma pessoa ser homossexual. Newton não andava daquele jeito, mas de uma maneira peculiar: ao mesmo tempo leve e firme.

Quando Newton estava perto o bastante para ser ouvido, disse: “Trouxe um pouco de queijo e de vinho”. Ele usava óculos escuros.

“Tudo bem.” Bryce se levantou. “Você me viu quando passei pela casa?”

“Sim.” O tronco era bastante longo e em formato de semicírculo. Newton sentou na outra ponta, apoiando a cesta a seus pés. Retirou a garrafa de vinho e um saca-rolhas e os entregou para Bryce. “Você se importaria de abrir?”

“Vou tentar.” Pegou a garrafa, percebendo que os braços de Newton eram tão finos e brancos quanto os seus, mas sem pelos. Os dedos eram muito longos e esguios, com os menores pulsos que já vira. As mãos tremiam levemente quando Newton lhe entregou a garrafa.

O vinho era um Beaujolais. Bryce segurou a garrafa fria e molhada entre seus joelhos e começou a usar o saca-rolhas. Era uma atividade na qual ele era bom o bastante, ao contrário de arremessar pedras sobre a água. Conseguiu tirar a rolha, com um *pop* belo e satisfatório, na primeira tentativa. Newton se aproximou com dois copos – não taças de vinho, mas copos – e os segurou enquanto Bryce os servia. “Seja generoso”, pediu Newton, sorrindo para ele; e ele os encheu quase até a borda. A voz de Newton era tão agradável; seu leve sotaque parecia bastante natural.

O vinho era excelente, frio e aromático em sua garganta seca. Aqueceu o estômago instantaneamente com um tom do antigo prazer duplo do álcool – físico e espiritual –, um prazer que fazia muitos homens se moverem, que o mantivera durante anos. O queijo era um tipo de queijo forte, antigo e laminoso. Comeram e beberam em silêncio por vários minutos. Estavam na sombra, e Bryce desdobrou as mangas da camisa. Agora que não estava mais andando, sentia frio novamente. Imaginava como Newton, em roupas tão leves, não demonstrava ser afetado pelo frio. Parecia o tipo de homem que ficaria sentado ao lado de uma lareira, enrolado em um xale – o tipo de pessoa que George Arliss interpretava nos filmes antigos; magro, pálido e de sangue frio. Mas quem podia dizer que tipo de pessoa ele era? Podia ser um conde ligeiramente estrangeiro em uma comédia inglesa, ou um Hamlet envelhecido; ou o cientista

louco, planejando discretamente como explodir o mundo; ou um Hernán Cortés nada espalhafatoso, construindo tranquilamente sua cidadela com mão de obra local. A ideia de Cortés o lembrou de outra ideia antiga, mas nunca esquecida, de que Newton pudesse ser um extraterrestre. Naquele momento quase qualquer coisa parecia possível; não era algo tão ridículo que ele, Nathan Bryce, pudesse estar bebendo vinho e comendo queijo com um homem vindo de Marte. Por que não? Cortés conquistou o México com aproximadamente quatrocentos homens; conseguiria apenas um homem de Marte fazê-lo sozinho? Parecia possível, enquanto estava sentado com o vinho em seu estômago e o sol em sua face. Newton sentou ao seu lado, mastigando delicadamente e bebendo um gole, com as costas eretas. Havia algo de Ichabod Crane em seu perfil. Como Bryce poderia ter certeza de que, se Newton fosse de Marte, ele seria o único vindo de lá? Por que não pensara naquilo antes? Por que não quatrocentos marcianos, ou quatro mil? Olhou para ele novamente; Newton reparou em seu olhar e sorriu abertamente. Marciano? Ele provavelmente era da Lituânia ou de Massachusetts.

Sentindo-se levemente embriagado – há quanto tempo não ficava bêbado ao meio-dia? –, olhou com ar curioso para Newton e perguntou: “Você é da Lituânia?”.

“Não.” Newton observava o lago e não desviou o olhar para responder à pergunta de Bryce. Então comentou, de forma abrupta: “Este lago inteiro me pertence. Eu o compreí”.

“Que bom.” Terminou seu copo de vinho. Era o último.

“Uma grande quantidade de água”, disse Newton. Virando-se para ele, perguntou: “Quanto você acha que tem?”.

“Quanta água?”

“Isso.” Newton partiu um pedaço de queijo distraidamente e o mordeu.

“Céus. Não faço ideia. Vinte milhões de litros? Quarenta milhões?” Ele riu. “Mal consigo estimar a quantidade de ácido sulfúrico em um béquer.” Olhou para o lago. “Oitenta milhões de litros? Diabos, não tenho que saber. Sou um especialista.” Lembrando-se da reputação de Newton, comentou: “Mas você não é. Você conhece todos os campos das ciências que existem. Talvez alguns que nem existam”.

“Besteira. Sou apenas um... inventor. Se chegar a ser isso.” Terminou de comer o queijo. “Creio que sou mais especializado que você.”

“Em quê?”

Newton não respondeu por um tempo. “Seria difícil dizer.” Sorriu de novo, misteriosamente. “Gosta de gim puro?”

“Não muito. Talvez.”

“Tenho uma garrafa aqui dentro.”

Newton pegou a garrafa da cesta aos seus pés. Bryce começou a rir. Não conseguiu se conter – Ichabod Crane com uma garrafa pequena de gim em sua cesta de almoço. Newton lhe serviu uma dose generosa e depois uma para si e declarou, ainda segurando a garrafa: “Eu bebo demais”.

“Todo mundo bebe demais.”

Bryce experimentou o gim. Não gostou; gim sempre tinha gosto de perfume para ele. Mas bebeu mesmo assim. Com que frequência um homem tem a chance de ficar bêbado com o chefe? E quantos chefes eram Ichabod Crane, Hamlet, Cortés, recém-chegados de Marte e prestes a conquistar o mundo com uma espaçonave no outono? As costas de Bryce estavam doendo e ele se deixou escorregar para a grama e recostar no tronco, os pés esticados em direção à água do lago. Uns cem milhões de litros? Bebeu outro gole de gim, pegou um maço de cigarros amassado do bolso e ofereceu um a Newton. Ele estava sentado no tronco, e do ponto de vista baixo de Bryce, parecia ainda mais alto, mais distante do que nunca.

“Fumei uma vez, há mais ou menos um ano”, disse Newton. “Me deixou muito doente.”

“Ah.” Retirou um cigarro do maço. “Prefere que eu não fume?”

“Sim.” Newton olhou para baixo na direção dele. “Você acha que vai acontecer uma guerra?”

Ele segurou o cigarro pensativamente e o jogou no lago, onde boiou. “Não tem três guerras acontecendo agora? Ou quatro?”

“Três. Estou falando sobre uma guerra de armas grandes. Existem nove países com armas de hidrogênio; pelo menos doze com armas bacteriológicas. Acha que serão usadas?”

Bryce bebeu um gole maior do gim. “Provavelmente. É claro. Não sei por que ainda não aconteceu. Não sei por que ainda não nos embriagamos até a morte. Ou nos amamos até a morte.” O Veículo estava na margem oposta do lago, mas não podia ser visto por causa das árvores. Bryce apontou com o copo na direção dele e perguntou: “Aquilo vai ser uma arma? Se for, quem precisa dela?”.

“Não é uma arma. Não de verdade.” Newton devia estar bêbado. “Não vou te dizer o que é.” E completou: “Quanto tempo falta?”.

“Quanto tempo falta para quê?” Ele também se sentia alto. Ótimo. Era uma linda tarde para ficar bêbado. Fazia muito tempo que não ficava.

“Até a grande guerra começar? Aquela que vai arruinar tudo.”

“Por que não arruinar tudo?” Derrubou sua bebida e estendeu a mão em direção à garrafa na cesta. “Talvez tudo precise ser arruinado.” Olhou para Newton enquanto pegava a garrafa, mas não conseguia ver seu rosto porque o

sol estava atrás dele. “Você veio de Marte?”

“Não. Acha que talvez em dez anos? Me ensinaram que demoraria pelo menos mais dez anos.”

“Quem ensina uma coisa dessas?” Serviu-se de uma dose cheia. “Eu diria que daqui a cinco anos.”

“Isso não é tempo o suficiente.”

“Suficiente para o quê?” O gim não tinha mais um gosto tão ruim, apesar de estar morno em seu copo.

“Não é tempo o suficiente.” Newton olhou para ele com tristeza. “Mas você provavelmente está errado.”

“Tudo bem, três anos. Você veio de Vênus? Júpiter? Filadélfia?”

“Não.” E deu de ombros. “Meu nome é Rumpelstiltskin.”

“Rumpelstiltskin de quê?”

Newton se abaixou, tomou a garrafa dele e se serviu de outra dose de gim. “Acha que ela pode acabar não acontecendo?”

“Talvez. O que a impediria de acontecer, Rumpelstiltskin? Os instintos mais elevados do homem? Elfos vivem em cavernas; você também vive em uma caverna quando não está nos visitando?”

“Trolls vivem em cavernas. Elfos vivem em todos os lugares. Eles têm o poder de se adaptar a ambientes extraordinariamente difíceis, como este aqui.” Agitou a mão na direção do lago, derramando gim em sua camisa. “Sou um elfo, dr. Bryce, e vivo sozinho em todos os lugares. Completamente sozinho em todos os lugares.” Observou a água.

Um grande grupo de patos tinha se acomodado no lago a mais ou menos quinze metros deles, provavelmente migrantes cansados em seu caminho para o extremo sul. Pareciam flutuar como pequenos balões na superfície da água, vagando, como se fossem incapazes de se locomover. “Se você fosse de Marte realmente estaria sozinho”, disse Bryce, observando os patos. Se ele fosse de lá, seria como um pato solitário no lago – um migrante cansado.

“Não é preciso.”

“O que não é preciso?”

“Ser de Marte para se sentir sozinho. Imagino que você já tenha se sentido sozinho muitas vezes, dr. Bryce. Se sentido alienado. Você veio de Marte?”

“Acho que não.”

“Da Filadélfia?”

Bryce riu. “De Portsmouth, em Ohio. É mais longe daqui do que Marte.” Sem aviso prévio, os patos começaram a grasnar no lago, confusos. Alçaram voo repentinamente, misturados a princípio, mas depois se organizando em algo que lembrava vagamente uma formação. Bryce os observou enquanto desapareciam

sobre as montanhas, ainda ganhando altitude. Pensou, confuso, nas migrações dos pássaros; sobre pássaros, insetos e pequenos animais peludos, movendo-se e seguindo caminhos muito antigos para lares antigos e novas mortes. E então o bando de patos o lembrou incomodamente de um esquadrão de mísseis que tinha visto representados na capa de uma revista anos antes, o que o fez pensar novamente na coisa que ele estava ajudando aquele homem estranho a construir, aquela nave esguia e em formato de míssil que deveria explorar, fazer experimentos, tirar fotos ou algo do tipo e, sentindo-se muito leve e bêbado sob o céu do meio da tarde, aquilo não lhe parecia nada confiável, nem um pouco confiável mesmo.

Newton se levantou, sem equilíbrio, e disse: “Podemos andar até a casa. Pedirei a Brinnarde para levá-lo de carro até a sua casa, se quiser”.

“Eu gostaria, por favor.” Levantou-se, retirando folhas de suas roupas e terminou de beber seu gim. “Estou bêbado e velho demais para voltar para casa andando.”

Andaram, cambaleando um pouco, em silêncio. Mas quando estavam perto da casa, Newton disse: “Espero que demore dez anos”.

“Por que dez anos?”, perguntou Bryce. “Se demorar tanto, as armas serão ainda melhores. Elas explodirão tudo. O planeta inteiro. Talvez até os lituanos o façam. Ou os habitantes da Filadélfia.”

Newton olhou para ele de uma maneira estranha e Bryce sentiu-se inquieto por um instante. “Se tivermos dez anos”, disse Newton, “pode ser que ela nem aconteça. Pode ser que não tenha como acontecer.”

“E o que vai impedi-la? A virtude humana? O Segundo Advento?” Por algum motivo, não conseguia encarar Newton.

Newton riu pela primeira vez, um som leve e agravável. “Talvez seja mesmo o Segundo Advento. Quem sabe não seja o próprio Jesus Cristo. Daqui a dez anos.”

“Se ele vier, é melhor tomar cuidado onde pisa”, comentou Bryce.

“Acredito que ele vai se lembrar do que aconteceu da última vez em que esteve aqui.”

Brinnarde saiu da casa para encontrá-los. Bryce estava aliviado: a luz do sol tinha começado a deixá-lo tonto.

Ele pediu a Brinnarde para levá-lo direto para casa e não parou no laboratório. Durante o trajeto, Brinnarde pareceu perguntar muitas coisas, às quais Bryce deu respostas vagas. Eram cinco horas quando ele chegou em casa. Foi para a cozinha, que estava uma bagunça completa, como sempre. Na parede estava pendurado *A Queda de Ícaro*, trazido de Iowa e, na pia, a louça do café da manhã. Pegou uma asa de frango da geladeira e, mastigando-a, se arrastou até a

cama, cansado, onde logo adormeceu com a asa comida pela metade ao lado dele, no criado-mudo. Teve muitos sonhos, todos eles confusos e muitos dele envolvendo o voo de pássaros em zigue-zague sob um céu azul e frio.

• • •

Acordou às quatro horas da manhã, despertando em meio à escuridão com um gosto ruim na boca, a cabeça doendo e o pescoço suando sob a gola de lã pesada. Seus pés estavam doloridos de tanto andar; ele estava morrendo de sede. Sentou na beira da cama, observando os ponteiros luminosos do relógio por vários minutos, e acendeu a luminária ao lado da cama cuidadosamente, fechando os olhos antes do clique. Levantou, piscando enquanto caminhava até o banheiro, encheu a pia com água fria e bebeu duas vezes o seu copo onde ficava a escova de dentes enquanto a enchia. Fechou a torneira, ligou a luz e começou a desabotoar a camisa xadrez opressiva. Pelo espelho, viu um pedaço de seu peito branco sob o decote em U da camiseta que usava por baixo e desviou o olhar. Enfiou as mãos na água e as manteve lá, deixando o frio estimular a circulação em seus pulsos. Depois uniu as mãos em concha e jogou água na nuca e no rosto. Secou-se com uma toalha áspera e escovou os dentes, tirando o gosto ruim da boca. Penteou o cabelo e foi buscar uma camisa limpa no quarto – uma camisa social azul desta vez, sem a frente adornada que a maioria dos homens usava.

Enquanto fazia tudo aquilo, um antigo ditado não saía de sua cabeça: *aqui se faz, aqui se paga*.

Arrumou o café da manhã na cozinha, dissolvendo uma pílula de café em água quente e fritando uma omelete, na qual misturou alguns cogumelos enlatados em fatias. Dobrou a omelete de forma experiente com a espátula, retirou-a do fogo enquanto o centro ainda estava mole, colocou o prato na mesa de plástico ao lado do café, sentou e comeu lentamente, deixando que seu estômago pesado de gim absorvesse a mistura amassada da forma mais gentil possível. Aceitou bem a comida e se sentiu momentaneamente satisfeito por não passar mal mesmo não tendo consumido nada desde o café da manhã do dia anterior a não ser o vinho, o queijo e o gim. Sentiu um calafrio. Podia pelo menos ter comido algumas daquelas pílulas de PA que os outros comiam quando não estavam com vontade de fazer uma refeição decente. PA era proteína de alga – um pensamento horrível, comer sujeira de lago em vez de fígado acebolado. Mas talvez ele devesse usá-las, levando em conta o tamanho da população mundial e os asiáticos cabeças de vento que tinham colocado os fascistas de volta na China – e assim mais uma vez no “mundo livre” dos ditadores, demagogos e hedonistas –, o que fazia com que fígado acebolado ou carne com batatas fossem pratos cada vez mais difíceis de serem encontrados. *Estaremos*

todos comendo sujeira de lago e óleo de peixe e carboidratos em frascos Erlenmeyer daqui a vinte anos, pensou ele ao terminar de comer a omelete. Quando não houver mais espaço para galinhas, guardarão os ovos em museus. Talvez o Smithsonian tenha uma omelete preservada em plástico. Bebeu o café, que era parcialmente sintético, e pensou na máxima dos velhos biólogos de que uma galinha é apenas uma forma que o ovo encontrou de se reproduzir sozinho. Aquilo o fez pensar, de forma sinistra, que algum jovem biólogo megalomaniaco com um corte de cabelo em estilo militar e calças de babado provavelmente descobriria um ovo muito mais eficiente do que o natural, eliminando completamente a galinha. Mas não seria um jovem megalomaniaco; T.J. Newton provavelmente seria o homem a inventar um ovo com cordão umbilical – como uma laranja-baía –, enrolá-lo em uma embalagem alegre e vendê-lo através da World Enterprises Corporation. Um ovo autorreprodutor; você o planta em água doce e ele cresce como um colar de contas de plástico, produzindo um ovo por dia. Mas ele não iria cacarejar em satisfação depois, nem poderia criar um lindo galo de briga de dar orgulho, um galo de briga ou uma galinha estúpida para ser perseguida por uma criança. Ou frango frito para o jantar.

Ao terminar o café, ergueu o olhar, viu *A Queda de Ícaro* e, entendendo agora o que o quadro passara a representar para ele, baixou o copo e disse em voz alta: “Pare de joguetes intelectuais, Bryce. *Aqui se faz, aqui se paga*: Marte ou Massachusetts?”.

E, ainda olhando para a perna e o braço do garoto caído dos céus no meio do oceano na pintura tranquila pendurada na parede, ele pensou: *Amigo ou inimigo?* Continuou a encarar o quadro. *Destruidor ou protetor?* As palavras de Newton ficaram em sua cabeça: “Talvez seja mesmo o Segundo Advento”. Mas Ícaro falhou, queimou e morreu afogado enquanto Dédalo, que não voara tão alto, escapou de sua ilha solitária. Mas não para salvar o mundo. Talvez até para destruí-lo, já que inventara os voos; e a destruição, quando viesse, seria aérea. *O brilhantismo cai do céu*, pensou; *fico doente, tenho que morrer. Que Deus tenha piedade de nós*. Sacudiu a cabeça, tentando impedir a mente de viajar. O problema agora era Marte ou Massachusetts, todo o resto era secundário. E o que ele sabia? Havia o sotaque de Newton, sua aparência, seu jeito de andar; os produtos de sua mente, indicando uma tecnologia mais alienígena do que o sistema ptolemaico de astronomia; aqueles logaritmos fantásticos; o fato de ele ter estado bêbado nas duas vezes em que Bryce o encontrara, o que sugeria a solidão indescritível que um extraterrestre sentiria ou a incapacidade de aguentar os sofrimentos para a qual entrara. Mas estar bêbado era algo condenavelmente humano e invalidava o outro argumento. Não seria improvável que um extraterrestre fosse afetado pelo álcool da mesma maneira que um humano?

Newton tinha que ser um homem – ou algo parecido com um. Se tivesse a química sanguínea de um humano, poderia ficar bêbado. Mas ainda seria mais plausível que ele fosse de Massachusetts. Ou da Lituânia. Mas por que não um marciano bêbado? O próprio Cristo bebia vinho e ele veio do Céu – um entusiasta de vinhos, diziam os fariseus. Um entusiasta do espaço sideral. Por que sua mente persistia em sair do foco? Cortés provavelmente tinha bebido tequila e era um Segundo Advento diferente: o deus de olhos azuis, Quetzalcoatl, vindo para resgatar os plebeus dos astecas. Daqui a dez anos? Logaritmos em base doze. E o que mais? *E o que mais?*

2.

Ele às vezes se sentia como se estivesse ficando louco da maneira que os humanos ficavam, mas era teoricamente impossível que um antheano ficasse louco. Não entendia o que estava acontecendo com ele, ou o que tinha acontecido. Fora preparado para a incrível dificuldade de sua tarefa, e fora selecionado para o trabalho por causa de sua força física e de sua habilidade para se adaptar. Sabia desde o começo que havia muitas maneiras pelas quais podia falhar, que tudo aquilo era um risco enorme, um plano extravagante de um povo que não tinha mais ao que recorrer; e estava preparado para falhar. Mas não fora preparado para o que de fato aconteceu. O plano em si estava indo muito bem – a grande quantidade de dinheiro que conseguira, a construção da nave iniciada quase sem dificuldades, a falha de todos eles em reconhecê-lo pelo que era (apesar de acreditar que muitos haviam suspeitado e ainda suspeitavam) – e a possibilidade do sucesso estava agora muito próxima. E ele, um antheano, um ser superior de uma raça superior, estava perdendo o controle, tornando-se um degenerado, um bêbado, uma criatura perdida e estúpida, um rebelde e, possivelmente, um traidor do seu povo.

Às vezes, colocava a culpa daquilo em Betty Jo, pela sua própria fraqueza frente àquele mundo. Como tinha se tornado humano, para racionalizar as coisas daquele jeito! Ele a responsabilizava por se tornar um nativo e um obcecado por culpas ambíguas e desconfianças ainda mais ambíguas. Ela o ensinara a beber gim e mostrara a ele um aspecto de uma humanidade forte, confortável, hedonista e impensada para o qual seus quinze anos de estudo da televisão não o tinham preparado. Mostrara a ele uma vitalidade sonolenta e embriagada a qual os antheanos, em sua sabedoria e longevidade desagradáveis, nunca souberam ou sonharam em saber. Sentia-se como um homem que estivera rodeado por animais bobos e razoavelmente amigáveis e descobrira gradualmente que seus conceitos e relacionamentos eram muito mais complexos do que seu treinamento podia tê-lo feito suspeitar. Um homem daqueles podia acabar descobrindo que,

em um ou mais aspectos de ponderação e julgamento disponíveis para uma inteligência mais elevada, os animais que o rodeiam e que destroem suas próprias tocas e comem seus próprios dejetos podem ser mais felizes e sábios que ele.

Ou será que era meramente porque um homem rodeado de animais por tempo o suficiente se tornava mais um animal do que devia? Mas a analogia não era justa nem correta. Compartilhava um ancestral com os humanos que era mais próximo do que aquele com os mamíferos e criaturas de pelo em geral. Tanto ele quanto os humanos eram criaturas articuladas e relativamente racionais, com capacidade de discernimento, previsão e emoções amplamente chamadas de amor, pena e respeito. E, como descobriu, com a capacidade de ficar bêbados.

Antheanos tinham certa familiaridade com o álcool, apesar de açúcares e gorduras terem um papel muito menor na ecologia daquele mundo. Havia um fruto doce do qual um tipo de vinho leve às vezes era feito; álcool puro podia ser sintetizado com bastante facilidade, é claro, e muito ocasionalmente um antheano se embriagava. Mas o hábito de beber não existia; nunca existira um antheano alcoólatra. Nunca em sua vida ele soubera de qualquer um em Anthea que bebesse da mesma forma que ele bebia na Terra – diariamente e com frequência.

Não ficava bêbado exatamente da mesma maneira que os humanos; ao menos, achava que não. Ele nunca quis perder a consciência, inconsequentemente feliz ou se sentir como um deus; queria apenas o alívio, e não tinha certeza de quê. Não tinha ressacas, não importa o quanto bebesse. Na maioria das vezes, estava sozinho. Podia ser difícil para ele não beber.

Depois que deixou Bryce ser levado para casa por Brinnarde, foi até a sala de estar de sua casa, nunca usada, e ficou parado em silêncio por um minuto, aproveitando o frescor e sua penumbra silenciosa. Um dos gatos levantou-se preguiçosamente do sofá, se esticou, foi até ele e começou a se esfregar em sua perna, ronronando. Olhou para ele com carinho; aprendera a gostar muito de gatos. Tinham uma característica que o lembrava de Anthea, apesar de não haver animais parecidos com eles lá. Mas eles mal pareciam pertencer a este mundo, de qualquer forma.

Betty Jo saiu da cozinha, vestindo um avental. Olhou para ele em silêncio com um olhar gentil e chamou: “Tommy?”.

“Sim?”

“Tommy, o sr. Farnsworth ligou de Nova York para você. Duas vezes.”

Ele deu de ombros. “Agora ele liga quase todos os dias, não é mesmo?”

“Ele liga mesmo, Tommy.” Ela sorriu um pouco. “De qualquer maneira, ele disse que era importante e que você devia ligar de volta imediatamente.”

Sabia muito bem que Farnsworth estava com problemas, mas eles teriam que esperar um pouco. Não estava com vontade de lidar com eles agora. Olhou para o relógio; eram quase cinco horas.

“Peça a Brinnarde para fazer a ligação às oito”, disse ele. “Se Oliver ligar de novo, diga a ele que estou ocupado e que falarei com ele neste horário.”

“Tudo bem.” Ela hesitou um pouco, mas perguntou: “Quer que eu venha sentar com você? E talvez conversar um pouco?”

Viu a expressão no rosto dela, aquele olhar esperançoso que ele sabia significar que ela dependia tanto de sua companhia quanto ele dela. Que par estranho eles haviam se tornado! Ainda assim, apesar de saber que ela era tão solitária quanto ele e que compartilhava seu sentimento de alienação, sentia-se incapaz, mesmo agora, de conceder a ela o direito de sentar em silêncio com ele. Sorriu da forma mais agradável que pôde. “Me perdoe, Betty Jo. Tenho que ficar sozinho por um tempo.” Como aquele sorriso falso estava se tornando difícil para ele!

“É claro, Tommy”, disse ela, virando-se rápido demais. “Tenho que voltar para a cozinha.” Na altura da porta, ela se virou de volta para ele. “Me avise quando quiser jantar, tá? Eu trago para você.”

“Tudo bem.”

Andou até a escadaria e decidiu usar a pequena cadeira motorizada, o que não fazia há semanas. Estava começando a se sentir muito cansado. Quando sentou nela, um dos gatos pulou para o seu colo e, por reflexo e não estar acostumado, ele o lançou para fora. O animal caiu no chão sem fazer barulho, se sacudiu e saiu dali sem se importar, não se dignando a olhar de volta para o homem. Ele pensou, olhando para o gato: *se ao menos vocês fossem a espécie inteligente deste planeta...* E então, sorrindo ironicamente: *talvez vocês sejam.*

Uma vez, mais de um ano antes, ele mencionara a Farnsworth que estava começando a se interessar por música. Aquilo era apenas parcialmente verdade, já que as melodias e a tonalidade da música humana sempre foram levemente desagradáveis para ele. No entanto, ele havia se interessado pela história da música, já que possuía um interesse histórico por quase todos os aspectos do folclore e das artes humanas – um interesse construído durante os anos estudando a televisão e continuado através de longas noites de leitura, na Terra. Farnsworth o presenteara, pouco depois da menção casual daquele fato, com um sistema de alto-falantes octafônicos incrivelmente preciso – do qual vários componentes eram baseados em patentes da W.E. Corporation – e os amplificadores necessários, fontes de som e coisas do tipo. Três homens com mestrado em engenharia elétrica instalaram os componentes para ele no escritório. Era uma chateação, mas não queria ferir os sentimentos de

Farnsworth. Haviam arrumado todos os controles em um painel de latão – ele teria preferido algo menos científico do que latão, talvez uma louça ou porcelana pintada com delicadeza – de um dos lados de uma estante de livros. Farnsworth também lhe dera uma revista automática com quinhentas gravações, todas feitas nas pequenas esferas de aço por cujas patentes a W.E. Corporation ganhara ao menos vinte milhões de dólares. Você apertava um botão e uma esfera do tamanho de uma ervilha se encaixava no cartucho. Sua estrutura molecular era seguida por um escâner pequeno e lento, e os padrões convertidos no som das orquestras, bandas, guitarristas ou vozes. Newton quase nunca ouvia música. Tentara ouvir algumas sinfonias e quartetos por insistência de Farnsworth, mas não significaram praticamente nada. Era estranho que aquilo fosse tão obscuro para ele. Algumas das outras artes, apesar de interpretadas da forma errada e condescendente pela programação de domingo (o tipo de programação mais sem graça e pretensioso de todos), tinham sido capazes de comovê-lo de forma incrível, especialmente a escultura e a pintura. Talvez ele enxergasse como os humanos, mas não pudesse ouvir da mesma forma.

Quando chegou ao seu quarto, refletindo sobre gatos e homens, decidiu, por impulso, ouvir um pouco de música. Apertou o botão para começar uma sinfonia de Joseph Haydn que Farnsworth lhe recomendara ouvir. Os sons logo chegaram, militantes e precisos e, para ele, sem consequência lógica ou estética. Era como um americano ouvindo música chinesa. Serviu-se de uma dose da garrafa de gim da prateleira e a bebeu de uma vez, tentando acompanhar os sons. Estava se preparando para se sentar no sofá quando ouviu uma batida inesperada na porta. Assustado, deixou o copo cair e ele quebrou aos seus pés. Gritou pela primeira vez na vida: “Quem diabos está aí?”. *O quão humano se tornara?*

A voz de Betty Jo, parecendo assustada, veio de trás da porta: “É o sr. Farnsworth de novo, Tommy. Ele insistiu. Disse que eu tinha que lhe chamar...”.

Sua voz estava mais leve agora, mas ainda cheia de raiva. “Diga a ele que não. Diga a ele que não vou me encontrar com ninguém até amanhã; que não vou falar com ninguém.”

Fez-se silêncio por um minuto. Olhou para o vidro quebrado a seus pés e chutou alguns dos pedaços maiores para baixo do sofá. Então veio a voz de Betty Jo: “Tudo bem, Tommy. Vou falar pra ele”. Ela fez uma pausa. “Agora descanse, Tommy. Ouviu?”

“Tudo bem”, disse ele. “Vou descansar.”

Ouviu os passos dela se afastarem da porta. Foi até a estante. Não tinha outro copo. Ia chamar Betty Jo mas, em vez disso, pegou a garrafa quase cheia, tirou a tampa e começou a beber direto dela. Tirou o Haydn do som – quem esperaria

que ele entendesse uma música daquelas? – e trocou-o por uma coleção de músicas tradicionais, músicas antigas dos negros, música Gullah. Pelo menos, havia algo nas palavras daquelas músicas que ele conseguia entender.

Uma voz rica e muito cansada saiu pelos alto-falantes:

*Every time I go Miss Lulu house
Old dog done bite me
Every time I go Miss Sally house
Bulldog done bite me...*

Sorriu abertamente; as palavras daquela música pareciam atingir algo dentro dele. Acomodou-se no sofá com a garrafa. Começou a pensar em Nathan Bryce e na conversa que tiveram naquela tarde.

Acreditava, desde o primeiro encontro, que Bryce suspeitava dele; o próprio fato de o químico insistir em conhecê-lo dava a entender aquilo. Tinha garantido, através de uma pesquisa intensa, que Bryce estava indo em interesse próprio – que não trabalhava para o FBI assim como pelo menos dois trabalhadores no local de construção do veículo, nem para qualquer outra agência do governo. Mas, se Bryce tivesse começado a suspeitar dele e de seus propósitos – como Farnsworth e provavelmente muitos outros certamente suspeitavam –, por que ele, Newton, tinha se esforçado para cultivar uma tarde íntima com o homem? E por que tinha deixado escapar algumas dicas sobre si mesmo, falando sobre a guerra e o Segundo Advento, chamando a si mesmo de Rumpelstiltskin – aquele pequeno anão maligno que aparecia do nada para tecer palha e transformá-la em ouro e salvar a vida da princesa com seu conhecimento nunca antes visto, o estranho cujo propósito final era roubar o filho da princesa? A única maneira de derrotar Rumpelstiltskin era descobrir a sua identidade, dizer o seu nome.

*Sometime I feel like a motherless child
Sometime I feel like a motherless child
Glory, Halleluja!*

E por que, pensou de repente, Rumpelstiltskin dera à princesa uma chance de escapar do acordo? Por que lhe dera aqueles três dias para descobrir seu nome? Fora apenas confiança demais – quem imaginaria ou adivinharia um nome daqueles? – ou ele queria ser descoberto, pego, destituído do objeto de sua fraude e magia? E ele, Thomas Jerome Newton, cuja magia e fraudes eram maiores do que qualquer mago ou elfo em um conto de fadas – e ele lera todos – queria ele ser descoberto?

*This man he come round to my door
He say he don't like me
He come; he standing at my door
He say he don't like me*

Por que eu gostaria de ser descoberto?, pensou Newton, com a garrafa em sua mão. Olhou para o rótulo na garrafa, sentindo-se muito estranho, tonto. Repentinamente, a gravação acabou. Houve uma pausa enquanto outra esfera rolava até o devido lugar. Bebeu um gole longo e lamentável. Foi quando uma orquestra ribombou pelos alto-falantes, atacando seus ouvidos.

Levantou-se pesadamente e piscou. Sentia-se muito fraco – parecia não ter estado tão fraco desde aquele dia, em um novembro tantos anos antes, quando estivera doente, assustado e sozinho, em um campo árido. Caminhou até o painel e desligou a música. Foi até os controles da televisão e ligou-a – talvez um faroeste...

O grande quadro de uma garça na parede ao fundo começou a desaparecer. Quando ela sumiu, foi substituída pela cabeça de um homem belo com um olhar falso de seriedade do tipo cultivado pelos políticos, curandeiros e evangelistas. Os lábios moviam-se em silêncio enquanto os olhos o encaravam.

Newton aumentou o volume. A cabeça ganhou uma voz, que dizia: “...dos Estados Unidos como uma nação livre e independente, temos que arregaçar as mangas, com o mundo livre às nossas costas, e encarar os desafios, a esperança e o medo deste mundo. Temos que lembrar que os Estados Unidos, não importa o que os desinformados possam dizer, não são uma potência de segunda linha. Temos que lembrar que a liberdade vai prevalecer, temos que...”

De repente, Newton percebeu que o homem discursando era o presidente dos Estados Unidos e que ele proferia o discurso pomposo daqueles sem esperança. Apertou um botão. A imagem de um quarto apareceu na tela. Algumas piadas velhas e sugestivas foram feitas pelo homem e a mulher, ambos de pijamas. Apertou o botão novamente, esperando encontrar um faroeste. Gostava de faroestes. Mas o que aparecia na tela era uma peça de propaganda, paga pelo governo, sobre as virtudes e forças da América. Havia imagens de igrejas brancas da Nova Inglaterra, trabalhadores rurais – sempre com uma pessoa negra sorrindo em cada grupo – e bordos. Aqueles filmes pareciam cada vez mais comuns naqueles tempos e, como muitas revistas populares, cada vez mais incrivelmente nacionalistas – mais comprometidos do que nunca com a mentira fantástica de que a América era uma nação de pequenas cidades tementes a Deus, cidades eficientes, fazendeiros saudáveis, médicos gentis, donas de casa preocupadas e milionários filantropos.

“Meu Deus”, disse ele em voz alta. “Meu Deus, seus hedonistas assustados e com pena de si mesmos. Mentirosos! Chauvinistas! Tolos!”

Apertou o botão mais uma vez e a imagem de um clube noturno apareceu na tela, com uma música suave de fundo. Não trocou de canal, observando o movimento dos corpos na pista de dança, os homens e mulheres vestidos como pavões, envolvendo uns aos outros com os braços enquanto a música tocava.

E o que sou eu, pensou, senão um hedonista assustado e com pena de mim mesmo? Terminou com a garrafa de gim e olhou para as próprias mãos segurando a garrafa, observando para as unhas artificiais que brilhavam como moedas translúcidas sob a luz tremeluzente da televisão. Observou-as por vários minutos, como se as estivesse vendo pela primeira vez.

Levantou-se e andou cambaleante até o armário. Pegou uma caixa de uma prateleira, mais ou menos do tamanho de uma caixa de sapatos. Na porta do armário ficava um espelho de corpo inteiro. Olhou para si mesmo por um momento, para sua forma alta e magra. Então voltou para o sofá e pousou a caixa na mesa de centro com tampo de mármore à sua frente. Tirou dela uma pequena garrafa de plástico. Na mesa havia um cinzeiro de porcelana chinesa em formato de tigela que Farnsworth lhe dera. Derramou o líquido da garrafa no cinzeiro, pôs a garrafa de volta na mesa e mergulhou as pontas dos dedos das duas mãos na travessa, como se fossem um pote de manicure. Ele as manteve lá por um tempo, retirou-as e bateu com força as mãos uma contra a outra. As unhas caíram na mesa de mármore com sons baixos e tilintantes. As pontas dos dedos estavam macias agora, com as pontas flexíveis, mas um pouco doloridas.

O som de jazz veio da televisão em um ritmo alto e insistente.

Levantou-se, foi até a porta e a trancou. Então voltou para perto da caixa em cima da mesa, tirou dela uma bola de algo parecido com algodão e a mergulhou no líquido por um tempo. Percebeu que suas mãos tremiam. Sabia também que estava mais bêbado do que jamais estivera. Mas, aparentemente, ainda não estava bêbado o bastante.

Foi até o espelho e pressionou a bola encharcada contra cada uma das orelhas até que as próteses sintéticas caíssem. Desabotoando a blusa, removeu os mamilos e os pelos falsos de seu peito da mesma maneira. Eles ficavam grudados sobre uma folha fina e porosa e foram removidos juntos. Pegou aquelas partes e as colocou sobre a mesa de centro. Ao andar de volta em direção ao espelho, começou a falar na própria língua, primeiro em voz baixa e depois em um tom mais alto, para sobrepor o jazz que vinha da televisão, recitando um poema que escrevera quando jovem. Os sons não saíram direito de sua língua. Estava bêbado demais, ou perdendo a habilidade de falar nos sibilantes antheanos. Respirou fundo e pegou um instrumento pequeno e parecido com

uma pinça de dentro da caixa, voltou para a frente do espelho e removeu com cuidado a fina membrana colorida de cada um de seus olhos. Ainda lutando para recitar o poema, piscou para si mesmo com os olhos cujas íris se abriam verticalmente, como as de um gato.

Olhou para si mesmo por muito tempo, até que começou a chorar. Não soluçava, mas as lágrimas rolavam de seus olhos – lágrimas iguais às dos humanos – e desciam pelas bochechas estreitas. Chorava em desespero.

Então perguntou a si mesmo em inglês e em voz alta: “Quem é você? E a que lugar você pertence?”

Seu próprio corpo o olhou de volta, mas ele não conseguia reconhecê-lo como seu. Era estranho e assustador.

Pegou outra garrafa. A música tinha acabado e um apresentador dizia “...o salão do hotel Seelbach no centro de Louisville, trazido até você ao vivo pela Worldcolor – filmes e soluções em revelação para tudo o que há de melhor em fotografia...”.

Newton não olhou para a tela; estava abrindo a garrafa. A voz de uma mulher começou a dizer: “Para guardar as lembranças das festas de fim de ano, das crianças, os tradicionais banquetes de Ação de Graças e Natal, não há nada mais agradável do que as impressões da Worldcolor, cheias de brilho e vida...”.

E Thomas Jerome Newton estava sentado no sofá com a garrafa de gim aberta, os dedos sem unhas tremendo, os olhos de gato vidrados encarando o teto em angústia.

Em uma manhã de domingo, cinco dias depois de sua conversa embriagada com Newton, Bryce estava em casa tentando ler um romance policial. Estava sentado perto do aquecedor elétrico da sala de estar pequena e pré-fabricada, vestido apenas em seu pijama de flanela e bebia sua terceira xícara de café forte. Sentia-se melhor naquela manhã do que nos últimos tempos; sua preocupação com a identidade de Newton não o assombrava tanto quanto nos dias anteriores. A questão ainda era seu principal pensamento, mas decidira se policial – se uma espera atenta pudesse ser chamada de “se policial” – e conseguira deixar o problema de lado, se não de seus pensamentos, pelo menos de sua análise contínua. O romance policial era agradavelmente tolo o bastante; o clima do lado de fora se tornara bastante frio. Sentia-se confortável perto do que deveria ser uma lareira e não sentia nenhum senso de urgência sobre nada. *A Queda de Ícaro* estava pendurado na parede à sua esquerda. Ele o tinha tirado da cozinha e levado para lá dois dias antes.

Estava mais ou menos na metade do livro quando ouviu uma leve batida na porta da frente. Levantou-se um pouco irritado, imaginando quem diabos o procuraria em um domingo de manhã. Havia certa vida social entre as equipes, mas ele a evitava rigorosamente e tinha poucos amigos. Não havia nenhum próximo o bastante para ir visitá-lo em uma manhã de domingo antes do almoço. Pegou seu roupão no quarto e abriu a porta.

Do lado de fora, sob a luz cinzenta da manhã e tremendo em um casaco fino de náilon, estava a governanta de Newton. Ela sorriu e perguntou: “Dr. Bryce?”.

“Pois não?” Ele não conseguia se lembrar do nome dela, apesar de Newton tê-lo dito uma vez na sua frente. Havia vários rumores sobre Newton e aquela mulher. “Entre e se aqueça”, disse ele.

“Obrigada.” Ela entrou rapidamente, mas com um olhar que pedia desculpas, fechando a porta atrás de si. “O sr. Newton me mandou até aqui.”

“Ah?” Ele a levou até o aquecedor. “Você precisa de um casaco mais

quente.”

Ela pareceu corar, mas talvez fosse apenas o frio deixando suas bochechas vermelhas. “Eu não saio muito.”

Depois que ele a ajudou a tirar o casaco, ela se curvou sobre o aquecedor, esticando as mãos para aquecê-las. Bryce sentou e a observou pensativamente, esperando que ela falasse sobre o motivo de sua visita. Não era uma mulher feia – lábios carnudos, cabelos pretos, um corpo voluptuoso sob o vestido azul simples. Ela devia ter a sua idade e, assim como ele, vestia-se com roupas antiquadas. Não usava maquiagem, mas não precisava devido à cor que ganhara por causa do frio. Os seios eram fartos como os das camponesas em peças de propaganda da Rússia; e teria um ar de matrona perfeito se não fosse pelos olhos tímidos e apagados, e os modos e sotaque caipira em sua voz. Sob as mangas curtas do vestido havia um vestígio de pelos negros macios e de aparência agradável nascidos em suas axilas. Gostou daquele fato, do mesmo jeito que gostou de ela não fazer as sobrancelhas.

Ela se aprumou de repente, sorriu para ele, já mais à vontade, e começou a falar: “Não parece uma lareira”.

Por um tempo, ele não entendeu o que ela quis dizer. Então, indicando o aquecedor que brilhava em vermelho, disse: “Não, realmente não parece. Sente-se, por favor”.

Ela sentou na cadeira oposta a ele, recostou-se e colocou os pés sobre o sofá otomano. “Também não tem o cheiro de uma lareira.” Ela parecia pensativa. “Vivi em uma fazenda e ainda consigo me lembrar das lareiras acesas pelas manhãs quando estava pulando de um lado para o outro e tentando me vestir. Eu colocava minhas roupas no fogão para aquecê-las e mantinha minhas costas aquecidas perto do fogo. Me lembro do cheiro do fogo. Mas não sinto este cheiro há, por Deus, uns vinte anos.”

“Nem eu”, disse ele.

“Nada cheira tão bem quanto antes”, disse ela. “Nem mesmo café, do jeito que eles fazem hoje. A maioria das coisas nem tem mais cheiro.”

“Você quer uma xícara? De café?”

“É claro”, respondeu ela. “Você quer que eu sirva?”

“Eu sirvo.” Ele se levantou, terminando a sua. “Ia buscar mais uma pra mim de qualquer maneira.”

Foi até a cozinha e preparou duas xícaras, usando as pílulas de café que era praticamente o máximo que você conseguia comprar naqueles tempos, já que o país tinha cortado relações com o Brasil. As levou em uma bandeja e ela sorriu graciosamente para ele enquanto pegava a xícara dela. Parecia bastante à vontade, como um cão velho e bem-humorado – sem orgulho ou reflexão que

atrapalhasse o seu conforto.

Ele se sentou, bebendo um gole. “Você tem razão”, disse ele, “nada tem o mesmo cheiro que antes. Ou talvez nós estejamos velhos demais para lembrar com exatidão.”

Ela continuou sorrindo e disse: “Ele quer saber se você pode ir a Chicago com ele. No mês que vem”.

“O sr. Newton?”

“Aham. Ele tem uma reunião. Ele disse que você provavelmente ia saber qual era.”

“Uma reunião?” Bebeu seu café pensativamente. “Ah. No Instituto de Engenharia Química. Por que ele quer ir?”

“Não sei”, respondeu. “ele me disse que se você quisesse acompanhá-lo, ele viria aqui hoje à tarde para conversar sobre isso. Você não vai estar trabalhando, não é?”

“Não, não. Eu não trabalho aos domingos.” Ele não alterou o tom de voz casual, mas sua mente começou a ficar agitada. Havia uma oportunidade ali, caindo em seu colo. Ele tinha elaborado um plano dois dias antes; e se Newton realmente fosse até a sua casa... “Ficarei feliz em falar sobre a reunião com ele. Ele disse a hora em que viria?”

“Não, ele não falou.” Ela terminou o café e colocou a xícara no chão ao lado de sua cadeira. *Definitivamente já está se sentindo em casa*, pensou ele, mas não se importou com o ato. Era uma informalidade genuína, não aquela artificial como a de homens como o professor Canutti e todos os seus colegas com corte militar de Iowa.

“Ele não tem falado muito ultimamente.” Havia um fio de tensão em sua voz quando disse aquilo. “Mal o vejo, para falar a verdade.” Também havia algo de sombrio na voz dela e Bryce começou a imaginar o que poderia haver entre os dois. Foi quando percebeu que o fato de ela estar ali também era uma oportunidade – uma que poderia nunca acontecer novamente.

“Ele está doente?” *Se pudesse fazer com que ela começasse a falar...*

“Não que eu saiba. Ele é engraçado, muda muito de humor.” Ela estava observando o brilho do aquecedor à sua frente, sem olhar para ele. “Às vezes, ele conversa com aquele francês, aquele Brinnarde, e outras vezes comigo. Às vezes, ele só fica sentado em seu quarto. Durante dias. Ou então ele bebe, mas você mal pode notar.”

“O que Brinnarde faz? Qual é o cargo dele?”

“Não sei.” Ela olhou para ele rapidamente e voltou a olhar para o aquecedor. “Acho que é um segurança.” Olhou de volta para ele com preocupação, ansiosa. “Sabe, sr. Bryce, ele anda com uma arma. E você pode perceber o jeito que ele

se mexe. Ele é rápido.” Ela balançou a cabeça, como uma mãe faria. “Eu não confio nele e também não acho que o sr. Newton deveria.”

“Muitos homens ricos têm seguranças. Além disso, Brinnarde é um tipo de secretário também, não é?”

Ela deu uma risada curta e seca. “O sr. Newton não escreve cartas.”

“Não. Creio que não.”

Ainda olhando para o aquecedor, ela pediu de forma doce: “Pode me dar uma bebida, por favor?”

“É claro.” Ele quase se levantou rápido demais. “Gim?”

Ela olhou para ele. “Isso, por favor, gim.” Havia algo lamentoso nela e Bryce percebeu repentinamente que ela devia ser muito solitária, sem praticamente ninguém com quem conversar. Sentiu pena dela – uma caipira perdida e antiquada – e ao mesmo tempo ficou empolgado com a constatação de que ela estava incrivelmente propícia para que ele arrancasse as informações que queria. Poderia amaciá-la com um pouco de gim, deixá-la observar o aquecedor por um tempo e esperar que ela comesse a falar. Sorriu para si mesmo, sentindo-se maquiavélico.

Quando estava na cozinha, pegando a garrafa de gim da prateleira sobre a pia, ela pediu em voz alta: “Pode colocar um pouco de açúcar, por favor?”

“Açúcar?” Aquilo era muito estranho.

“Isso. Umas três colheres.”

“Tudo bem”, ele respondeu, sacudindo a cabeça. “Eu esqueci o seu nome.”

A voz dela ainda estava embargada, como se tentasse não tremer ou chorar. “Meu nome é Betty Jo, sr. Bryce. Betty Jo Mosher.”

Havia um tipo de dignidade no jeito que ela respondera que o fez sentir-se envergonhado por não ter se lembrado do nome. Colocou o açúcar no copo, começou a enchê-lo com gim e sentiu-se mais envergonhado ainda pelo que estava prestes a fazer – por usá-la. “Você é do Kentucky?”, perguntou do jeito mais educado que podia. Encheu o copo quase até a borda e misturou o líquido.

“Sim, sou de Irvine. A mais ou menos dez quilômetros de Irvine. Fica ao norte daqui.”

Levou a bebida para ela, que a recebeu com gratidão e uma tentativa de se conter que era tão tocante quanto ridícula. Estava começando a gostar daquela mulher. “Seus pais ainda estão vivos?” Lembrou que devia estar colhendo informações sobre Newton, não sobre ela. Por que sua mente sempre divagava do que realmente importava?

“Minha mãe morreu.” Ela tomou um gole do gim, deixou que passeasse pela boca pensativamente, engoliu e piscou antes de continuar. “Eu realmente gosto de gim. Meu pai vendeu a fazenda para o governo construir uma... uma

hidro...”

“Uma estação de hidropônicos?”

“Isso. Onde eles fazem todas aquelas comidas nojentas em tanques. Enfim, ele é pensionista agora – em um conjunto habitacional em Chicago –, e eu também era em Louisville, até conhecer Tommy.”

“Tommy?”

Ela sorriu ironicamente. “O sr. Newton. Eu o chamo de Tommy de vez em quando. Eu achava que ele gostava.”

Ele respirou fundo, sem olhar para ela, e perguntou: “Quando você o conheceu?”

A mulher tomou outro gole do gim, saboreando-o e engoliu. Então riu com leveza. “Em um elevador. Eu estava subindo nesse elevador em Louisville para receber meu cheque da previdência social e Tommy estava nele. Céus, como ele era esquisito! Dava para perceber de cara. E aí ele quebrou a perna no elevador.”

“Quebrou a perna?”

“Isso mesmo. Parece engraçado pra caramba, mas foi o que aconteceu. O elevador deve ter sido demais pra ele. Se soubesse como ele era leve...”

“Muito leve?”

“Meu Deus, como ele é leve. Você pode levantá-lo com uma das mãos. Seus ossos não devem ser mais fortes que os de um pássaro. Ele é um homem peculiar, isso posso te garantir. Céus, ele é um bom homem; e é tão inteligente, rico, e tão paciente. Mas, sr. Bryce...”

“Sim?”

“Sr. Bryce, eu acho que ele está doente, acho que está doente pra valer. Acho que seu corpo está doente – Jesus, você tem que ver a quantidade de remédios que ele toma! – e que ele tem alguns... problemas na cabeça dele. Quero ajudar, mas nunca sei por onde começar. E ele nunca deixa um médico chegar perto dele.” Ela terminou o copo de gim e se aproximou, como se fosse fazer uma fofoca. Mas havia pesar em seu rosto – pesar de verdade ou como uma desculpa para a fofoca. “Sr. Bryce, eu acho que ele nunca dorme. Já estou com ele há quase um ano e nunca o vi dormindo. Ele simplesmente não é humano.”

A mente de Bryce estava se abrindo como uma lente. Um arrepio o percorreu da base do pescoço, através dos ombros, até sua espinha dorsal.

“Quer mais um pouco de gim?”, perguntou. Sentindo algo que era em parte um riso e em outra um choro, completou: “Eu bebo com você...”

Ela bebeu mais duas doses antes de ir embora. Não contou muito mais sobre o sr. Newton, provavelmente porque ele não queria perguntar mais nada para ela e sentia que não precisava. Mas quando foi embora – nem um pouco cambaleante, já que aguentava a bebida como um marinheiro – ela disse,

enquanto colocava o casaco: “Sr. Bryce, eu sou uma mulher boba e ignorante, mas gostei muito de conversar com você”.

“Também foi um prazer para mim”, respondeu. “Pode voltar quando quiser.”

Ela piscou para ele. “Posso?”

Ele tinha dito aquilo sem pensar muito, mas agora realmente estava falando sério. “Quero que você volte. Também não tenho muitas pessoas com quem falar.”

“Obrigada”, disse ela, e completou quando saiu para a tarde de inverno: “Bem, nenhum de nós três tem, não é mesmo?”.

Ele não sabia quantas horas teria antes que Newton chegasse, mas sabia que teria que agir rápido se quisesse estar pronto a tempo. Sentia-se incrivelmente empolgado e nervoso, e enquanto se vestia, ficou murmurando: “Não pode ser Massachusetts, só pode ser Marte. Só pode ser Marte...”. Ele queria que fosse Marte?

Quando terminou de se vestir, colocou o sobretudo e foi ao laboratório, uma caminhada de cinco minutos. Nevava, e o frio tirou a sua atenção das ideias que rodeavam a sua mente, do enigma que estava prestes a resolver de uma vez por todas, se pudesse montar o equipamento no jeito certo e a tempo.

Três dos seus assistentes estavam no laboratório e ele falou com eles de forma mal-humorada, recusando-se a responder seus comentários sobre o clima. Podia sentir a curiosidade deles quando começou a desmontar o pequeno objeto no laboratório de metais – o aparelho usado para testes e análise de raios X –, mas fingiu não notar as sobranceiras erguidas. Não demorou muito, ele simplesmente tinha que retirar os parafusos que mantinham a câmera e o gerador de raios catódicos em seus lugares. Foi capaz de carregá-los sozinho facilmente. Garantiu que a câmera estava carregada – com o filme de raios X de alta velocidade da W.E. Corporation – e saiu, levando a câmera em uma mão e o aparelho de raios catódicos na outra. Antes de fechar a porta, disse para os outros: “Olha, por que vocês três não tiram a tarde de folga? Ok?”.

Eles pareceram um pouco confusos, mas um deles respondeu: “Ok, é claro, dr. Bryce”. E olhou para os outros.

“Ótimo.” Fechou a porta e saiu.

Perto da imitação de lareira na sala de estar de Bryce ficava uma saída de ar-condicionado, sem uso no momento. Depois de vinte minutos de trabalho e alguns xingamentos, ele conseguiu instalar a câmera atrás da ventoinha, com a lente totalmente aberta. Felizmente, o filme da W.E. era, como muitas patentes de Newton, de uma enorme superioridade técnica em relação a seus antecessores; não era afetado em nada pela luz visível. Apenas os raios X podiam revelá-lo.

O tubo no gerador também era um aparelho da W.E. Corporation; funcionava como uma luz estroboscópica, enviando um flash instantâneo e concentrado de raios X – extremamente útil para estudos de vibração em alta velocidade. Era mais útil ainda, talvez, para o que Bryce tinha em mente. Instalou-o na gaveta de pães de sua cozinha, mirando-o, através da parede, na câmara de lente aberta. Trouxe um fio elétrico para a frente da gaveta e o ligou na tomada sobre a pia. Deixou a gaveta parcialmente aberta para que pudesse enfiar a mão nela e ligar o interruptor do lado do pequeno transformador que iria gerar energia para o tubo.

Voltou para a sala de estar e colocou sua poltrona mais confortável diretamente entre a câmara e o tubo de raios catódicos com cuidado. Então se sentou em outra poltrona e esperou por Thomas Jerome Newton.

4.

A espera foi longa. Bryce ficou com fome e tentou comer um sanduíche, mas não conseguiu terminá-lo. Andou em círculos. Pegou seu romance policial de novo, mas não conseguia se concentrar na leitura. De tempos em tempos ia à cozinha conferir a posição do tubo de raios catódicos na gaveta de pães. Em uma dessas vezes, decidindo por impulso que tinha de se certificar de que o instrumento estava funcionando da maneira correta, apertou o botão “Ligar”, esperou que o equipamento esquentasse e acionou o botão que emitia o flash invisível – que atravessaria a parede, a cadeira e as lentes da câmera, e revelaria o filme alojado no compartimento. Logo após pressionar o botão, ele se xingou em silêncio e com vigor; ao brincar de forma estúpida, tinha exposto o filme.

Demorou vinte minutos para remover novamente a ventoinha do duto de ar e retirar a câmera. Então teve que trocar o filme – sua cor amarronzada significando que tinha sido exposto da forma correta – por uma nova folha. Com medo de que Newton pudesse bater em sua porta a qualquer momento, ele reinstalou a câmera no duto, checkou a lente, apontou a câmera para a cadeira com um leve tremor, mas com cuidado, e colocou a ventoinha de volta no lugar. Fez questão de ter certeza de que a lente estivesse alinhada com o buraco da ventoinha, para que nenhum metal interferisse.

As mangas de sua camisa estavam dobradas e ele estava lavando as mãos quando ouviu a batida na porta. Forçou-se a andar com calma até ela, ainda carregando a toalha em suas mãos, e abriu a porta.

T.J. Newton estava parado na neve usando óculos de sol e um casaco leve. Sorria de leve, quase ironicamente, e ao contrário de Betty Jo, não parecia sentir nem um pouco de frio. *Marte*, Bryce pensou ao deixá-lo entrar, *Marte é um planeta frio*.

“Boa tarde”, cumprimentou-o Newton. “Espero não estar lhe atrapalhando.”

Bryce tentou manter sua voz em um tom normal e se surpreendeu por ser capaz de fazê-lo. “Não mesmo. Eu não estava fazendo nada. Quer se sentar?”

Fez um gesto em direção à cadeira em frente ao duto de ar. Enquanto fazia o gesto, pensou em Dâmocles, no trono sob a espada.

“Não”, respondeu Newton. “Não, muito obrigado. Estive sentado a manhã inteira.” Retirou o casaco e o colocou nas costas da poltrona. Usava, como sempre, uma camisa de mangas curtas. O jeito que as mangas apontavam para fora fazia com que seus braços parecessem piteiras de cachimbos.

“Me deixe pegar uma bebida para você.” Se ele bebesse algo, talvez sentasse.

“Não, obrigado. Estou... sóbrio agora.” Newton andou até a parede lateral e examinou o quadro de Bryce. Ficou parado em silêncio enquanto Bryce se sentava. “Um belo quadro, dr. Bryce. É um Bruegel, não é?”

“Sim.” É claro que era um Bruegel. Qualquer um saberia que é um Bruegel. Por que Newton não se sentava? Bryce começou a estalar os dedos e logo parou. Newton limpou algumas gotas de neve derretida de seu cabelo sem prestar muita atenção. Se ele fosse apenas um pouco mais alto, teria encostado os dedos no teto.

“Qual é o nome?”, perguntou Newton. “Do quadro.”

Newton deveria saber, o quadro era bastante famoso.

“Seu nome é *A Queda de Ícaro*. Aquele na água é Ícaro.”

Newton continuou a olhar para ele. “É muito bonito”, disse. “E a paisagem é muito parecida com a nossa. As montanhas, a neve e a água.” Virou-se olhando para Bryce. “Mas é claro que, no quadro, alguém está arando um campo e o sol está mais baixo. O dia devia estar mais adiantado...”

Incomodado e ainda nervoso, a voz de Bryce saiu atrevida: “Por que não seria mais cedo?”.

O sorriso de Newton estava muito estranho. Seus olhos pareciam focados em algo distante. “Não poderia ser de manhã, poderia?”

Bryce não respondeu. Mas Newton estava certo, é claro. O sol estava em seu pico quando Ícaro caiu. Ele devia ter caído por um bom tempo. Na imagem, o sol estava no meio do caminho em direção ao horizonte e Ícaro, com as pernas e os joelhos batendo acima da água – na qual estava prestes a se afogar, despercebido, por sua teimosia estúpida –, era mostrado no momento seguinte do impacto. Devia estar caindo desde o meio-dia.

Newton interrompeu sua especulação. “Betty Jo me disse que você está disposto a ir a Chicago comigo.”

“Sim. Mas me diga, por que você vai até Chicago?”

Newton fez um gesto que lhe pareceu muito estranho: deu de ombros e virou as palmas das mãos para a frente. Deve ter aprendido aquilo com Brinnarde. “Ah, preciso de mais químicos. Achei que seria uma boa maneira de contratá-

los.”

“E eu?”

“Você é um químico. Ou melhor, um engenheiro químico.”

Bryce hesitou antes de falar. O que ia dizer seria rude, mas Newton não parecia se importar com gentilezas. “Você tem muitos intermediários, sr. Newton”, disse ele e forçou uma risada. “Tive que passar por um exército deles antes de conseguir conhecê-lo.”

“É verdade”, disse Newton. Virou e olhou novamente para o quadro por um instante. “Talvez o que eu queira de verdade sejam... férias. Visitar um lugar novo.”

“Você nunca foi a Chicago?”

“Não, creio que eu seja um pouco recluso nesse mundo.”

Bryce quase corou com o comentário. Virou-se para o aquecedor e disse: “Chicago na época de Natal não é o melhor lugar do mundo para se tirar férias”.

“Não me oponho nem um pouco ao clima frio”, declarou Newton. “Você tem algum problema?”

Bryce riu, nervoso. “Não sou tão imune a ele como você parece ser, mas consigo suportá-lo.”

“Que bom.” Ele foi até a cadeira, pegou o casaco e começou a vesti-lo. “Fico feliz que você vá comigo.”

Ao ver o outro homem – será que era um homem? – se preparar para ir embora, Bryce começou a entrar em pânico. Ele poderia nunca mais ter outra chance como aquela. “Espere só um pouco”, pediu de forma deprimente. “Vou só... me servir uma bebida.”

Newton não disse nada. Bryce foi para a cozinha. Ao passar pela porta, virou-se para ver se Newton ainda estava parado atrás da cadeira. Ficou decepcionado: Newton voltara a examinar o quadro e estava parado em frente a ele novamente, observando-o com atenção. Estava um pouco curvado, já que sua cabeça ficava pelo menos trinta centímetros mais alta em relação à posição do quadro.

Bryce serviu-se de uma dose dupla de uísque e completou o copo com água da torneira. Não gostava de gelo em suas bebidas. Parado, ao lado da pia, jogou fora um gole do copo, xingando silenciosamente a má sorte que fizera com que Newton decidisse ficar em pé.

Quando voltou para a sala, viu que Newton tinha se sentado.

Sua cabeça estava virada para que pudesse ver Bryce. “Acho que seria melhor eu ficar”, disse Newton. “Nós devíamos conversar sobre nossos planos.”

“É claro”, disse Bryce. “Creio que sim.” Ficou estático por um momento e então disse de forma brusca: “Eu... Eu esqueci o gelo. Para a minha bebida.

Com licença”. Voltou para a cozinha.

Sua mão tremia quando a enfiou na gaveta de pães e ligou o interruptor. Enquanto o objeto esquentava, ele foi ao refrigerador e pegou um pouco de gelo da cesta. Por uma das poucas vezes em sua vida ele se sentiu grato pela tecnologia avançada; graças a Deus, não precisava mais lutar com o gelo emperrado em bandejas. Colocou dois cubos em sua bebida, derramando um pouco do líquido na parte da frente de sua camisa. Voltou para frente da gaveta, respirou fundo e apertou o botão.

Houve um zumbido momentâneo e quase imperceptível e, então, silêncio.

Desligou o interruptor e voltou para a sala. Newton ainda estava na cadeira, agora observando o fogo artificial. Por um tempo, Bryce não conseguia desviar o olhar do tubo de ventilação atrás do qual a câmera estava posicionada com o filme agora exposto.

Sacudiu a cabeça, tentando acabar com a ansiedade. Seria ridículo se entregar agora que tudo tinha sido feito. E, percebeu, sentia-se como um traidor – um homem que acabara de trair um amigo.

Newton disse: “Creio que iremos voando”.

Ele não se conteve e perguntou, seco: “Como Ícaro?”.

O homem riu. “Mais para como Dédalo, espero. Não gostaria de me afogar.”

Agora era a vez de Bryce ficar de pé. Não queria ficar sentado e ser obrigado a encarar Newton. “No seu avião?”

“Sim. Pensei em irmos na manhã de Natal. Quero dizer, se Brinnarde conseguir um espaço para o avião no aeroporto de Chicago. Acredito que vá estar movimentado.”

Bryce estava terminando sua bebida – muito mais rápido que o normal, para ele. “Não necessariamente, no Natal”, disse. “Ele é meio que entre as épocas movimentadas.” Perguntou, sem saber muito o motivo: “Betty Jo também vai conosco?”.

Newton hesitou antes de responder. “Não. Só nós dois.”

Ele estava se sentindo um pouco irracional, como no dia em que os dois beberam gim e conversaram perto do lago. “Ela não vai sentir a sua falta?” Não era da sua conta, é claro.

“Provavelmente.” Newton não pareceu ofendido pela pergunta. “Imagino que eu vá sentir a falta dela também, dr. Bryce. Mas ela não vai conosco.” Ele olhou para o fogo artificial em silêncio por mais um tempo. “Você pode estar pronto para sairmos às oito horas da manhã de Natal? Vou pedir a Brinnarde que o busque – em sua casa, se preferir.”

“Tudo bem.” Inclinou a cabeça para terminar com o restante do uísque. “Quanto tempo ficaremos lá?”

“Pelo menos dois ou três dias.” Newton se levantou e começou a vestir o casaco novamente. Bryce sentiu uma onda de alívio; começara a achar que não conseguiria mais se conter. O filme...

“Acho que vai precisar de algumas camisas limpas.” Newton ainda estava falando. “Vou cuidar das despesas.”

“Por que não?” Bryce riu, nervoso. “Você é um milionário.”

“Exatamente”, disse Newton, fechando o zíper do casaco. Bryce ainda estava sentado e, erguendo o olhar, viu como Newton se erguia sobre ele como uma estátua, bronzeado e magro. “Exatamente. Sou um milionário.”

Então ele se foi, abaixando-se sob o batente da porta e caminhando levemente pela neve.

Com os dedos tremendo de excitação e sua mente envergonhada pelos dedos estarem tão excitados, Bryce removeu a ventoinha do duto de ar, retirou a câmera, colocou-a no sofá e a esvaziou. Colocou o casaco, com o filme cuidadosamente guardado em seu bolso, e caminhou através da neve, que agora estava bem mais espessa, até o laboratório. Era tudo que ele podia fazer para se impedir de sair correndo.

O laboratório estava vazio – graças a Deus, ele tinha espantado os assistentes mais cedo! Foi direto para a câmara de revelação e projeção. Não parou para ligar os aquecedores, apesar de o laboratório estar muito frio. Não tirou o casaco.

Quando retirou o negativo do tanque de revelação, suas mãos tremiam tanto que foi quase impossível para ele colocar o filme na máquina, mas deu um jeito de conseguir.

No momento em que ligou o interruptor do projetor e olhou para a tela na parede ao fundo, suas mãos pararam de tremer e ele ficou sem ar. Olhou para aquilo por um minuto inteiro. Abruptamente, se virou e saiu da câmara de projeção e foi para o laboratório – o salão enorme e longo que agora estava vazio e muito, muito frio. Assoviava através dos dentes cerrados e, por algum motivo, a melodia era *If you knew Susie, like I know Susie...*

Sozinho no laboratório, ele começou a rir sonoramente, mas de modo calmo. “Sim”, disse ele, e a palavra veio a ele da parede distante nos fundos da câmara, veio ecoando de alguma forma, através dos tubos de ensaio e dos queimadores Bunsen, dos vidros, cadinhos, fornos e máquinas de teste. “Sim”, disse. “Sim, senhor, Rumpelstiltskin.”

Antes de retirar o filme do projetor, olhou para a imagem na parede novamente – a imagem, emoldurada pelo contorno fraco de uma poltrona, de uma estrutura óssea impossível em um corpo impossível: nenhum esterno, nenhum cóccix, nenhuma costela flutuante, apenas vértebras cervicais cartilaginosas, uma escápula pequenina e pontuda, a segunda e a terceira costelas

fundidas. *Meu Deus*, pensou ele, *Meu Deus. Vênus, Urano, Júpiter, Netuno ou Marte. Meu Deus!*

E ele viu, no canto inferior do filme, a imagem pequena e quase imperceptível das palavras “W.E. Corp.”. E seu significado, o qual ele soubera desde que perguntara pela primeira vez sobre aquele filme em cores, mais de um ano antes, voltou a ele com uma série assustadora de implicações: World Enterprises Corporation.

Conversaram muito pouco no avião. Bryce tentou ler alguns panfletos sobre pesquisa metalúrgica, mas acabava irrequieto, sua mente voando. De vez em quando, ele olhava para o outro lado da sala estreita, onde Newton estava sentado, sereno, com um copo de água em uma das mãos e um livro na outra. O livro era *Poemas*, de Wallace Stevens. A expressão de Newton era serena, ele parecia concentrado. As paredes da saleta eram decoradas com grandes fotos coloridas de pássaros aquáticos: grouns, flamingos, garças, patos. Da outra vez em que estivera a bordo do avião, em sua primeira viagem ao local do projeto, Bryce admirara os quadros pelo gosto de quem os colocara ali; agora eles o faziam se sentir desconfortável e pareciam quase sinistros. Newton bebia sua água, virava as páginas e sorria para Bryce uma vez ou outra, mas não falava nada. Através de uma pequena janela atrás de Newton, Bryce podia ver um retângulo do poluído céu cinza.

Levaram pouco menos de uma hora para chegar a Chicago e outros dez minutos para aterrissar o avião. Saíram diretamente para uma confusão de caminhões cinzentos e estranhos, multidões de pessoas de olhar determinado e neve sulcada, vítrea, congelada mais de uma vez e suja. O vento atingiu seu rosto como um soco de pequenas agulhas. Baixou o maxilar para aninhá-lo sob o cachecol, levantou a gola do sobretudo e ajustou o chapéu. Enquanto fazia aquilo, olhava para Newton. Mesmo ele parecia afetado pelo vento frio, já que pusera as mãos nos bolsos e se contraíra. Bryce estava usando um sobretudo pesado; Newton vestia um casaco de lã e calças de algodão. Era estranho vê-lo vestido daquele jeito. *Como será que ele ficaria de chapéu?*, pensou Bryce. *Talvez um marciano devesse usar um chapéu-coco.*

Um caminhão rebaixado conduziu o avião para fora da pista. O pequeno jato gracioso parecia seguir o caminhão taciturnamente, como se estivesse chateado com a infâmia de estar no chão. Alguém gritou “Feliz Natal!” para outra pessoa e Bryce percebeu com um susto que era, de fato, o dia de Natal. Newton passou

por ele, preocupado, e ele o seguiu, andando devagar e cautelosamente sobre o platô e as crateras de gelo, como pedras sujas e cinzentas sob seus pés com uma superfície que lembrava a da Lua.

O prédio do terminal estava quente, recendendo a suor, barulhento e lotado. No meio da sala de embarque, havia uma árvore de Natal enorme e giratória feita de plástico e coberta de neve de plástico, cheia de malditas luzes brilhantes. “White Christmas”, cantada por um coral invisível e doce, com sinos e órgãos eletrônicos, conseguia se fazer ouvir de tempos em tempos sobre o ruído da multidão: *“I’m dream-ing of a White Chriss-mass...”*. Aquela bela e antiga canção de Natal. Dos dutos escondidos em algum lugar vinha o odor flutuante de pinheiros – ou óleo de pinheiros, como aquele usado em banheiros públicos. Mulheres com vozes agudas vestidas com peles estavam em grupos; homens andavam obstinadamente através do salão, carregando malas, pacotes e câmeras. Um bêbado estava jogado em uma poltrona de couro falso, seu rosto inchado. Uma criança, perto de Bryce, disse para outra com muita veemência: “E você também é um!”. Bryce não ouviu a resposta. *“May your day be merry and bright, and may all your Chriss-masssss-esss be whiiite!”*

“Nosso carro deve estar na frente do prédio”, disse Newton. Sentiu algo que parecia dor em sua voz.

Bryce assentiu. Andaram em silêncio pela multidão e saíram. O ar frio foi um alívio.

O carro os esperava com um chofer uniformizado. Quando estavam confortáveis dentro dele, Bryce perguntou: “Está gostando de Chicago?”. Newton olhou para ele por um momento e respondeu: “Tinha me esquecido de toda essa gente”. Com um sorriso fino, recitou Dante: “Não sabia que a morte tinha desistido de tantos”. Bryce pensou: *Se você é Dante, entre os condenados – e provavelmente é –, então eu sou Virgílio.*

Depois de almoçar no quarto do hotel, pegaram o elevador até a recepção, onde os delegados estavam perambulando, tentando parecer felizes, importantes e calmos. A recepção estava tomada por móveis de alumínio e mogno no estilo moderno japonês que era o substituto da época para a elegância. Passaram várias horas falando com pessoas que Bryce conhecia razoavelmente bem – e de cuja maioria não gostava – e encontraram três que pareceram interessados em trabalhar para Newton. Marcaram reuniões. Newton falou muito pouco. Assentia e sorria quando apresentado e vez ou outra fazia um comentário. Atraiu um pouco de atenção – quando espalharam quem ele era –, mas pareceu não notar. Bryce teve a clara impressão de que ele estava sob uma tensão considerável; ainda assim sua expressão se mantinha tão tranquila quanto nunca.

Foram convidados para um coquetel em uma das suítes, uma comemoração

dedutível de impostos oferecida por uma empresa de engenharia, e Newton aceitou pelos dois. O homem com cara de doninha que os convidou pareceu ficar encantado e disse, olhando para Newton, que era uma cabeça mais alto que ele: “Será uma grande honra, sr. Newton. Uma grande honra ter a chance de conversar com o senhor”.

“Obrigado”, respondeu Newton, dando seu sorriso imutável. Quando o homem se foi, ele disse a Bryce: “Eu gostaria de caminhar um pouco lá fora. Você viria comigo?”.

Bryce assentiu, aliviado. “Vou pegar meu casaco.”

No caminho para o elevador, ele passou por um grupo de três homens, todos bem-vestidos em trajes executivos, falando com um ar importante e em um tom mais alto. Um deles disse, enquanto Bryce passava por eles: “...não apenas em Washington. Bem, você não pode me dizer que não há futuro na guerra química. É um campo que precisa de novos homens”.

Apesar do Natal, havia lojas abertas. As ruas estavam lotadas. A maioria das pessoas tinha os olhos fixos à sua frente e a expressão fechada. Newton parecia nervoso. Respondia à presença das pessoas como se fossem uma onda ou um campo de energia palpável de milhares de eletroímãs, prestes a engoli-lo. Continuar andando parecia exigir dele um esforço consciente.

Entraram em várias lojas e foram atingidos pelas brilhantes luzes suspensas e um calor pegajoso. “Acho que eu devia comprar um presente para Betty Jo”, disse Newton. Finalmente, em uma joalheria, comprou um pequeno relógio delicado para ela, feito de ouro e mármore branco. Bryce o levou de volta para o hotel em uma caixa de embrulho brilhante.

“Acha que ela vai gostar?”, perguntou Newton.

Bryce deu de ombros. “É claro que vai.”

Estava começando a nevar...

• • •

Aconteceram várias reuniões durante a tarde e a noite, mas Newton não comentou sobre nenhuma delas e Bryce ficou aliviado por não ter que comparecer. Nunca fora de muito uso para aquele tipo de tolice: conversas sobre “desafios” e “conceitos viáveis”. Passaram o restante da tarde entrevistando os três homens que haviam demonstrado interesse em trabalhar para a World Enterprises. Dois deles aceitaram empregos que teriam início na primavera – e não tinham motivos para recusar, levando em conta o salário que Newton oferecia. Um deles trabalharia com fluidos refrigerantes para os motores do veículo; o outro, um jovem muito inteligente e amável, trabalharia sob a direção de Bryce. Era um especialista em corrosão. Newton parecia feliz o bastante em

conseguir dois funcionários, mas também era evidente que não se importava de verdade. Estava aéreo e distraído durante as entrevistas e Bryce foi forçado a conduzir boa parte das conversas. Mas era muito difícil dizer com certeza o que ele achava de qualquer coisa. Seria interessante saber o que passava por aquela mente estranha e alienígena e o que aquele sorriso mecânico – aquele sorriso leve, sábio e melancólico – escondia.

O coquetel aconteceu na cobertura. Saíram do corredor curto para um cômodo amplo, coberto por carpete azul e cheio de pessoas de fala mansa, em sua maioria homens. Uma das paredes do cômodo era feita inteiramente de vidro e as luzes da cidade estavam espalhadas sobre sua superfície como se pintadas sobre ela na forma de um diagrama molecular elaborado. Toda a mobília seguia o estilo de Luís XV, o que agradou a Bryce. Os quadros nas paredes também eram agradáveis. Uma fuga barroca, baixa mas clara, vinha de algum alto-falante oculto; Bryce não conhecia a peça, mas gostou do que ouviu. Bach? Vivaldi? Gostou do ambiente e se sentiu mais disposto a aproveitar a festa, já que estava ali. Ainda assim, havia algo incongruente naquela parede de vidro, com Chicago piscando em sua superfície.

Um homem se destacou de um dos grupos e veio recebê-los com um sorriso aberto. Bryce percebeu, assustado, que era o homem que falava sobre guerra química na recepção. Usava um terno preto finamente ajustado e parecia alto o bastante. “Bem-vindos ao nosso refúgio dos subúrbios”, disse ele, estendendo a mão em cumprimento. Sou Fred Benedict. O bar fica ali.” Acenou para uma porta de forma conspiratória.

Bryce apertou sua mão, levemente incomodado pelo firme aperto deliberado e apresentou tanto a ele quanto a Newton para o homem.

Benedict estava visivelmente impressionado. “Thomas Newton!”, exclamou ele. “Meu Deus, tinha a esperança de que você viria. Sabe, você tem uma reputação considerável como um...” Ele pareceu envergonhado por um momento. “Como um ermitão.” Riu. Newton olhou para o homem mais baixo com o mesmo sorriso imperturbável. Benedict continuou, agora que seu desconforto se fora. “Thomas J. Newton – sabia que é muito difícil acreditar que você existe mesmo? Meu empreendimento arrenda sete patentes suas – ou melhor, da World – e a única imagem mental sua que eu tinha era a de um tipo de computador.”

“Talvez eu seja um computador”, respondeu Newton. “Qual é o seu empreendimento, sr. Benedict?”

O homem pareceu com medo de que lhe estivessem pregando uma peça. O que, pensou Bryce, provavelmente era verdade.

“Sou da Futures Unlimited. Guerras químicas, em sua maioria, apesar de

trabalharmos um pouco com plásticos – contêineres e coisas do tipo.” Fez uma leve reverência, tentando parecer impressionante. “Seus anfitriões.”

“Obrigado”, disse Newton. Deu um passo em direção à entrada do bar. “Vocês têm um belo espaço aqui.”

“Também achamos. E inteiramente dedutível.” Quando Newton começou a se afastar, ele disse: “Deixe que eu busque as bebidas, sr. Newton. Gostaria que conhecesse alguns de nossos convidados”. Parecia não ter certeza do que fazer com aquele homem alto e peculiar, mas estava com medo demais de deixá-lo escapar.

“Não se preocupe, sr. Benedict”, disse Newton. “Vamos nos reunir a você logo mais.”

O homem não pareceu satisfeito, mas também não protestou.

Ao se aproximarem do bar, Bryce comentou: “Não sabia que você era tão famoso. Quanto tentei te encontrar, um ano atrás, ninguém nem tinha ouvido falar de você”.

“Não dá para guardar um segredo para sempre”, respondeu Newton, sem sorrir.

Aquele cômodo era menor do que o outro, mas tão elegante quanto. Sobre a bancada polida do bar ficava O *Almoço sobre a Relva*, de Manet. O atendente era idoso, com cabelos brancos e aparência ainda mais distinta que os cientistas e empresários no cômodo ao lado. Sentado no bar, Bryce se deu conta do desgaste de seu terno cinza, comprado em uma loja de departamentos quatro anos antes. Sabia que o colarinho da camisa também estava gasto e as mangas eram longas demais.

Pediu um martíni e Newton um copo de água sem gelo. Enquanto o atendente pegava as bebidas, Bryce observou o ambiente e disse: “Sabe, às vezes eu penso que devia ter aceitado um emprego com uma firma dessas quando terminei meu doutorado”. Sorriu de forma seca. “Podia estar ganhando oitenta mil por ano agora e vivendo desse jeito.” Indicou o ambiente com a mão, deixando os olhos se demorarem momentaneamente em uma mulher de meia-idade lindamente vestida com um corpo calculadamente conservado e uma expressão que sugeria dinheiro e prazer. Sombra verde em seus olhos e uma boca destinada ao sexo. “Podia ter desenvolvido um novo tipo de plástico para bonecas Kewpie ou lubrificantes para motores de popa...”

“Ou gás venenoso?” Newton recebera sua água e abria uma pequena caixa prateada, de onde tirou uma pílula.

“Por que não?” Pegou o martíni, tomando cuidado para não derrubá-lo. “Alguém tem que criar gases venenosos.” Deu um gole. A bebida estava tão forte que queimou sua língua e garganta e alterou o tom de sua voz. “Não dizem

que precisam de coisas como gás venenoso para impedir guerras? Isso já foi provado.”

“Foi mesmo?”, perguntou Newton. “Você não trabalhou em alguma coisa relacionada à bomba de hidrogênio, antes de virar professor?”

“Trabalhei. Como você sabia disso?”

Newton sorriu para ele – não com seu sorriso mecânico, mas um genuíno. “Eu mandei investigarem você.”

Tomou um gole maior da bebida. “Por quê? Para saber se eu seria leal?”

“Ah... Por curiosidade.” Fez uma pausa e perguntou: “Por que trabalhou na bomba?”

Bryce parou para pensar por um momento. Então riu da situação: estava usando um marciano, em um bar, para fazer sua confissão. Mas talvez aquilo fosse apropriado. “No começo, eu não sabia que ia ser uma bomba. E naquela época eu acreditava na ciência pura. Tentar alcançar as estrelas. Os segredos do átomo. Nossa única esperança em um mundo caótico.” Terminou o martíni.

“E você não acredita mais nestas coisas?”

“Não.”

A música do outro cômodo mudara para um madrigal que ele reconhecia vagamente. Progredia delicada e intrincadamente, com a impressão falsa de ingenuidade que as antigas músicas polifônicas pareciam ter para ele. Ou será que era uma impressão falsa? Não havia as artes ingênuas e as sofisticadas? E também artes corruptas? Será que aquilo também não era verdade quando se tratava das ciências? Podia a química ser mais corrupta do que a botânica? Mas não era verdade. O que existia eram os usos, os objetivos...

“Não acho que eu acredite, também”, disse Newton.

“Acho que vou tomar outro martíni”, comentou Bryce. Um martíni belo e inquestionavelmente corrupto. De algum lugar em sua mente vieram as palavras “homens de pouca fé”. Riu para si mesmo e olhou para Newton. Ele estava sentado de forma rígida e alinhada, bebendo sua água.

O segundo martíni não queimou tanto a sua garganta. Pediu um terceiro. Afinal de contas, o homem da guerra química estava pagando. Ou seriam os contribuintes? Dependia de como você encarava o assunto. Deu de ombros. Todo mundo pagaria por aquilo de qualquer maneira – Massachusetts e Marte; todo mundo em todos os lugares iria pagar.

“Vamos voltar para lá”, disse, pegando o último martíni e tomando um gole com cuidado para não derramar. A manga da sua camisa, percebeu, estava totalmente para fora do terno, como uma pulseira enorme e desajeitada.

Quando passaram pela porta para o cômodo maior, o caminho deles foi bloqueado por um homem pequeno e atarracado que falava em um tom de voz

levemente embriagado e agitado. Bryce se virou rapidamente, na esperança de que o homem não o reconhecesse. Era Walter Canutti, da Universidade de Pendley, em Iowa.

“Bryce!”, exclamou Canutti. “Mas olhe só! Nathan Bryce!”

“Olá, professor Canutti.” Transferiu o copo de martíni para a mão esquerda de maneira desajeitada e apertou a mão do homem. O rosto de Canutti estava vermelho; obviamente estava bêbado. Usava um casaco de seda verde e uma camisa bege com babados estreitos e discretos na gola. O traje era jovial demais para ele. Parecia um manequim na capa de uma revista de moda masculina, com exceção do rosto rosado e macio. Bryce tentou manter a repulsa oculta em sua fala. “Que bom vê-lo novamente!”

Canutti olhava curiosamente para Newton e não havia mais o que fazer a não ser apresentá-los. Bryce se enrolou com os nomes, ficando furioso com sua estupidez.

O professor ficou ainda mais impressionado ao ouvir o nome de Newton do que o outro homem, Benedict, ficara. Apertou a mão de Newton com as duas dele, dizendo: “Sim. É claro que sim. World Enterprises. A maior desde a General Dynamics”. Falava como se esperasse receber um grande financiamento de pesquisa para a Pendley. Bryce sempre ficava horrorizado ao ver professores bajulando empresários – os mesmos que eles ridicularizavam em conversas entre si – quando um possível financiamento de pesquisa podia estar em jogo.

Newton murmurou e sorriu, e Canutti soltou sua mão enfim, tentando dar um sorriso jovial, e disse “*Ótimo!*”. E, passando o braço por sobre os ombros de Bryce: “Bem, faz muito tempo, Nate”. De repente, ele pareceu se dar conta de alguma coisa e Bryce se encolheu, apreensivo. Canutti olhou para os dois, Bryce e Newton, e perguntou: “Nossa, você está trabalhando para a World Enterprises, Nate?”.

Ele não respondeu, sabendo o que viria depois daquilo.

Então Newton disse: “Dr. Bryce está conosco há mais de um ano”.

“Mas...” O rosto de Canutti ficou ainda mais vermelho acima da gola adornada. “Mas que coisa. Trabalhando para a World Enterprises!” Um olhar de júbilo incontrolável percorreu a face rechonchuda e Bryce, virando o martíni de uma vez, sentiu como se fosse enfiar um prego naquele rosto. O sorriso se transformou em uma risada alta, Canutti se virou para Newton e comentou: “Ah, mas é algo impagável. Tenho que te contar isso, sr. Newton”. Riu novamente. “Tenho certeza de que Nate não vai se importar, porque tudo já passou agora. Mas sabia, sr. Newton, que quando Nate deixou a Pendley ele estava incrivelmente preocupado com exatamente as mesmas coisas que provavelmente está ajudando a criar, na World?”

“É mesmo?”, perguntou Newton, para preencher a pausa que o homem fez.

“Mas a melhor parte é o final.” Canutti esticou a mão e colocou-a sobre o ombro de Bryce. Ele sentiu como se pudesse tê-la arrancado a dentadas, mas continuou a ouvi-lo, fascinado, sabendo o que viria a seguir.

“A melhor parte é que o velho Nate aqui achava que você estava fazendo os seus produtos através de algum tipo de vodu. Não é mesmo, Nate?”

“Isso mesmo”, disse Bryce. “Vodu.”

Canutti riu. “Nate é um dos dez melhores do ramo, como tenho certeza que sabe, sr. Newton. Mas talvez estivesse ficando maluco. Achava que seus filmes coloridos tivessem sido inventados em Marte.”

“Ah é?”, indagou Newton.

“Isso mesmo, Marte ou em algum outro lugar. ‘Extraterrestre’, foi o que ele me disse.” Canutti apertou o ombro de Bryce para mostrar que não lhe queria mal. “Aposto que quando o conheceu estava esperando alguém com três cabeças. Ou tentáculos.”

Newton sorriu cordialmente. “Isso é muito divertido.” Olhou para Bryce. “Desculpe tê-lo decepcionado.”

Bryce desviou o olhar. “Não fiquei nem um pouco decepcionado.” Suas mãos tremiam e ele colocara o copo na mesa para enfiá-las no bolso do casaco.

Canutti estava falando novamente, dessa vez sobre algum artigo que tinha lido, algo sobre a World Enterprises e suas contribuições para o produto interno bruto do país. De repente, Bryce interrompeu-o. “Com licença. Acho que vou pegar outra bebida.” Virou-se e se dirigiu rapidamente para o cômodo onde ficava o bar, sem olhar para nenhum dos outros dois enquanto o fazia.

Mas, quando pegou a bebida, não a queria mais. O bar tinha se tornado opressivo para ele; o atendente não parecia mais distinto, apenas um lacaios pretensioso. A música do outro cômodo – que agora era um moteto – era nervosa e aguda. Havia gente demais no bar e as suas vozes eram muito altas. Olhou em volta, como se estivesse desesperado: todos os homens eram elegantes e presunçosos; as mulheres eram predadoras. *Que ele vá para o inferno*, pensou, *que tudo isso vá para o inferno*. Afastou-se do bar, deixando a bebida intocada e andou obstinadamente para o ambiente principal.

Newton esperava por ele, sozinho.

Bryce olhou diretamente em seus olhos, tentando não tremer. “Onde está Canutti?”

“Disse a ele que estávamos indo embora.” Deu de ombros, naquele gesto francês sem sentido que Bryce o vira fazer antes. “Ele é um homem desagradável, não é mesmo?”

Bryce continuou olhando para ele por um tempo, para seus olhos

intraduzíveis. Então disse: “Vamos sair daqui”.

Foram embora em silêncio e caminharam lado a lado, sem dizer nada pelo caminho até o corredor longo e acarpetado que dava para o quarto deles. Bryce usou a chave para destrancar a porta e, depois que a fechou atrás de si, perguntou, com a voz calma e controlada: “Bem, e você, é?”.

Newton sentou na beira da cama, sorriu para ele com a expressão exausta e respondeu: “É claro que eu sou”.

Não havia mais nada a se dizer. Bryce se pegou murmurando: “Meu Deus. Meu Deus”. Sentou em uma poltrona e encarou os próprios pés. “Meu Deus.”

Ficou sentado pelo que pareceu uma eternidade, olhando para os pés. Ele já sabia, mas o choque de ouvi-lo dizer era algo completamente diferente.

Newton perguntou: “Quer uma bebida?”.

Olhou para cima e, do nada, ele riu. “Com certeza.”

O outro pegou o telefone ao lado da cama e ligou para o serviço de quarto. Pediu duas garrafas de gim, vermute e gelo. Depois de desligar, ele disse: “Vamos ficar bêbados, dr. Bryce. É uma boa ocasião para isso”.

Não falaram mais nada até o mensageiro chegar, trazendo um carrinho com o álcool, o gelo e uma jarra de martíni. Na bandeja havia um prato de cebolas como aperitivo, casca de limão e azeitonas. Em outro prato havia castanhas. Quando o garoto se foi, Newton perguntou: “Você se importaria em servir as bebidas? Eu vou querer gim puro”. Ainda estava sentado na ponta da cama.

“É claro.” Bryce levantou, sentindo-se aturdido. “É de Marte?”

A voz de Newton parecia estranha. Ou era só Bryce que estava bêbado? “Faz alguma diferença?”

“Tenho certeza que sim. Você é... deste sistema solar?”

“Sim. Que eu saiba, não existe mais nenhum.”

“Nenhum outro sistema solar?”

Newton aceitou o copo de gim que Bryce lhe oferecera e o segurou, pensativo. “Apenas sóis”, disse, “sem planetas. Ou nenhum que eu conheça.”

Bryce estava preparando um martíni. Suas mãos estavam perfeitamente firmes agora; ultrapassara algum tipo de obstáculo. Sentia-se como se nada além daquilo pudesse atingido ou chocá-lo.

“Você está aqui há quanto tempo?”, perguntou, agitando e ouvindo o gelo estalar contra a lateral da jarra.

“O drinque já não está misturado o bastante? É melhor bebê-lo.” Newton tomou um gole do próprio copo. “Estou na sua Terra há cinco anos.”

Bryce parou de agitar a bebida e a serviu. Depois, sentindo-se alegre, colocou três azeitonas no copo. Um pouco do martíni respingou na toalha de linho que cobria o carrinho, deixando gotas marcadas. “Pretende ficar por aqui?”

Parecia que estava em um café em Paris, perguntando aquilo para mais um turista. Newton devia estar usando uma câmera em volta do pescoço.

“Sim, pretendo ficar.”

Bryce sentou e percebeu que sua visão vagueava pelo quarto. Era um quarto agradável, com paredes de um verde pálido com quadros inocentes pendurados nelas.

Concentrou o olhar em Newton. Thomas Jerome Newton, vindo de Marte. Marte ou algum outro lugar. “Você é humano?”, perguntou.

O copo de Newton estava pela metade. “Depende da sua definição”, respondeu. “Sou humano o bastante, no entanto.”

Pensou em perguntar: *Humano o bastante para o quê?*, mas mudou de ideia. Era melhor passar logo para a sua segunda maior pergunta, já que fizera a maior delas. “Por que está aqui? O que está tentando fazer?”

Newton se levantou, serviu-se de mais um pouco de gim, andou até uma poltrona e sentou novamente. Olhou para Bryce, segurando o copo delicadamente com a mão esguia. “Não tenho certeza de que sei o que estou tentando fazer.”

“*Não tem certeza de que sabe?*”, perguntou Bryce.

Newton pousou o copo na mesa ao lado da cama e começou a tirar os sapatos. “No começo eu achei que soubesse o motivo de estar aqui. Pelos dois primeiros anos eu estive ocupado, muito ocupado. Mas tive mais tempo para pensar nestes últimos anos. Provavelmente tempo demais.” Colocou os sapatos, alinhados, sob a cama. Então esticou as pernas longas sobre o colchão e recostou-se no travesseiro.

Ele *parecia* humano o suficiente naquela pose, com certeza. “A nave está sendo construída para o quê? É uma nave, não é mesmo? Não só um instrumento de exploração.”

“É uma nave. Ou uma balsa, mais exatamente.”

Bryce estava se sentindo atordoado, desde a conversa com Canutti, tudo parecia irreal. Mas agora ele começava a retomar o controle da situação e o cientista dentro dele começava a se mostrar. Pousou o copo, decidido a não beber mais por um tempo. Era importante manter a mente clara. Mas sua mão, ao baixar o copo, estava tremendo.

“Então você planeja trazer mais do seu... pessoal para cá? Na balsa?”

“Sim.”

“Existem outros de vocês aqui?”

“Sou o único.”

“Mas por que construir a nave aqui? Com certeza você deve ter outras de onde veio. Você mesmo conseguiu chegar até aqui.”

“Sim, cheguei até aqui. Mas em uma nave individual. Sabe, o problema é o combustível. Só havia o suficiente para enviar um de nós, e só para uma viagem.”

“Combustível atômico? Urânio ou algo do tipo?”

“Sim, é claro. Mas quase não temos mais nenhum. Nem possuímos petróleo, carvão, ou energia hidroelétrica.” Sorriu. “Provavelmente temos centenas de naves, muito superiores do que a que estamos construindo no Kentucky; mas não temos como trazê-las para cá. Nenhuma delas é usada há mais de quinhentos dos nossos anos. A nave em que vim não foi nem projetada para servir de transporte interplanetário. Originalmente era um veículo de emergência – como um bote salva-vidas. Destruí os mecanismos e controles depois da aterrissagem e abandonei a carcaça em um campo. Li nos jornais que um fazendeiro cobra cinquenta centavos das pessoas para vê-la. Está guardada em uma tenda e ele também vende refrigerantes. Espero que ele seja feliz.”

“Isso não é perigoso?”

“Se o FBI ou outra pessoa vai descobrir quem eu sou por isso? Acho que não. O pior que aconteceu foi um caderno de domingo absurdo em um jornal falando sobre possíveis invasores vindos do espaço sideral. Mas outras coisas mais surpreendentes para serem reportadas em um suplemento de jornal já aconteceram depois do casco de uma espaçonave ser encontrado nos campos do Kentucky. Não acho que alguém relevante tenha levado a sério.”

Bryce o observou com atenção. “E ‘invasores vindos do espaço sideral’ são apenas um absurdo?”

Newton desabotoou o colarinho da camisa. “Creio que sim.”

“Então para que o seu povo está vindo para cá? Para fazer turismo?”

O outro homem deu uma risada. “Não exatamente. Talvez possamos ajudar vocês.”

“Como?” Por algum motivo, não gostara do jeito que Newton falara aquilo. “Nos ajudar como?”

“Talvez possamos impedi-los de se destruir, se formos rápidos o bastante.” Quando Bryce ia responder, ele o interrompeu. “Deixe-me falar um pouco. Não acho que você saiba o prazer que me dá poder falar sobre isso, falar com detalhes.” Ele não pegou o copo novamente após sentar na cama. Dobrou os braços sobre a barriga e, encarando Bryce, continuou. “Sabe, tivemos nossas próprias guerras. Em uma quantidade muito maior que vocês e quase não conseguimos sobreviver a elas. Foi este o destino da maior parte dos nossos materiais radioativos, as bombas. Costumávamos ser um povo muito poderoso, muito mesmo, mas isso já não é mais verdade há algum tempo. Agora nós mal conseguimos ficar vivos.” Olhou para as próprias mãos, pensativo. “É muito

estranho que a maioria da sua literatura especulativa sobre a vida em outros planetas sempre suponha que em cada planeta só haja uma raça inteligente, um tipo de sociedade, uma língua, um governo... Em Anthea – somos de Anthea, apesar de não ter o mesmo nome nos seus livros de astronomia, é claro – tivemos, ao mesmo tempo, três espécies inteligentes e sete governos majoritários. Agora resta uma espécie viva, que é a minha. Somos os sobreviventes, após cinco guerras travadas com armas radioativas. E não há muitos de nós. Mas temos um grande conhecimento em relação a guerras, e muito conhecimento técnico.” Os olhos de Newton ainda estavam fixados nas mãos; sua voz assumiu um tom imutável, como se recitasse um discurso preparado. “Estou aqui há cinco anos, e as minhas propriedades valem mais de trezentos milhões de dólares. Daqui a cinco anos, valerão o dobro. E esse é só o começo. Se o plano der certo, por fim haverá um equivalente da World Enterprises em cada um dos países mais importantes deste mundo. Aí passaremos para a política. Depois para as forças armadas. Temos conhecimento sobre armas e defesas. O de vocês ainda é grosseiro. Podemos, por exemplo, inutilizar radares – algo que foi necessário quando pousei minha aeronave aqui e que será mais necessário ainda quando a balsa retornar. Também conseguimos criar um sistema de energia que impedirá a detonação de qualquer arma nuclear em um raio de oito quilômetros.”

“É o suficiente?”

“Não sei. Mas meus superiores não são burros e acham que pode ser feito. Desde que consigamos manter nossos aparelhos e nosso conhecimento sob o nosso próprio controle, desenvolvendo a economia de um pequeno país aqui, comprando um excesso crítico de produção de comida ali, iniciando uma indústria em outro lugar, dando uma arma a uma nação e um sistema de defesa contra ela a outro...”

“Mas, diabos, vocês não são deuses.”

“Não. Mas os seus deuses já te salvaram alguma vez?”

“Não sei. Não, é claro que não.” Bryce acendeu um cigarro. Teve que tentar três vezes; suas mãos se recusavam a parar de tremer. Respirou fundo, tentando se acalmar. Sentia-se como um calouro de faculdade, discutindo o futuro da humanidade. Mas aquilo não era exatamente filosofia abstrata. “A humanidade não tem o direito de escolher a sua própria forma de destruição?”, perguntou.

Newton aguardou um momento antes de responder. “Você realmente acredita que a humanidade tenha esse direito?”

Bryce apagou o cigarro, fumado apenas parcialmente, no cinzeiro a seu lado. “Sim. Não. Eu não sei. Não existe algo como ‘o destino do homem’? O direito de nos satisfazermos, de viver nossas próprias vidas e arcar com as

consequências?” Ao proferir aquelas palavras, percebeu de repente que Newton era a única conexão com – qual era mesmo o nome? – Anthea. Se ele fosse destruído, não haveria como prosseguir com aquele plano, tudo estaria acabado. E Newton era frágil, muito frágil. O pensamento o fascinou por um instante; ele, Bryce, era potencialmente o herói de todos os heróis – o homem que podia, com um soco forte, provavelmente salvar o mundo. Podia ser muito divertido, mas não era.

“Talvez haja algo chamado ‘o destino do homem’”, disse Newton, “mas prefiro imaginar que ele pareça com o destino do pombo-passageiro. Ou com o daquelas criaturas enormes com cérebros pequenos – acho que eram chamados de dinossauros.

Aquilo parecia um pouco arrogante. “Não vamos necessariamente nos tornar extintos. O desarmamento está sendo negociado. Nem todos nós somos doidos.”

“Mas a maioria de vocês é. Uma quantidade suficiente de vocês é; só é preciso alguns doidos nos lugares certos. Suponha que o seu amigo Hitler tivesse o controle de bombas de fusão e mísseis intercontinentais. Ele não os teria usado, não se importando com as consequências? Ele não tinha mais nada a perder perto do fim.”

“Como posso saber que os antheanos não serão como Hitler?”

Newton desviou o olhar. “É possível, mas improvável.”

“Você vem de uma sociedade democrática?”

“Não temos nada parecido com uma sociedade democrática em Anthea. Nem possuímos instituições sociais democráticas. Mas não temos nenhuma intenção de governá-los, mesmo se pudéssemos.”

“Então como vocês chamam o que vão fazer, se pretendem ter um monte de antheanos manipulando homens e governos ao redor do mundo?”

“Chamamos exatamente do que você chamou: manipulação, ou orientação. E pode não funcionar. Pode não funcionar nem um pouco. Vocês podem explodir o planeta completamente antes disso ou nos descobrir e começar uma caça às bruxas – você sabe que somos vulneráveis. Ou, mesmo se conseguirmos uma grande quantidade de poder, não podemos controlar cada acidente. Mas podemos reduzir a probabilidade de um novo Hitler e proteger suas maiores cidades da destruição. E isso”, ele deu de ombros, “é mais do que vocês podem fazer.”

“E você quer fazer isso apenas para nos ajudar?” Bryce ouviu o sarcasmo na própria voz e esperou que Newton não o percebesse.

Se ele o fez, não demonstrou. “É claro que não. Estamos vindo para nos salvar. Mas”, ele sorriu, “nós não queremos os índios queimando a nossa reserva depois de nos instalarmos nela.”

“Vocês estão se salvando de quê?”

“Da extinção. Quase não temos água, combustíveis e recursos naturais. Temos pouca energia solar – porque estamos muito longe do Sol –, mas ainda possuímos grandes reservas de comida. Só que elas estão diminuindo. Existem menos de trezentos antheanos vivos.”

“Menos de trezentos? Meu Deus, vocês realmente quase se destruíram!”

“Realmente. Da mesma forma que creio que vocês farão, e não daqui a muito tempo, se não viermos para cá.”

“Talvez vocês devam vir”, disse ele. “Talvez devam.” Bryce sentiu um caroço em sua garganta. “Mas e se algo... acontecesse com você, antes de a nave estar pronta? Não seria o fim de tudo?”

“Sim. Seria o fim de tudo.”

“Sem combustível para outra nave?”

“Sem combustível.”

“Então”, começou Bryce, tenso, “o que me impediria de acabar com isso – essa invasão, ou manipulação? Eu não deveria matar você? Sei que você é muito fraco. Imagino que seus ossos sejam iguais aos de um passarinho, pelo que Betty Jo me contou.”

A expressão de Newton se manteve impassível. “Você quer me impedir? Tem razão, poderia quebrar o meu pescoço como o de uma galinha. Você quer fazer isso? Agora que sabe que meu nome é Rumplestiltskin quer me mandar embora do palácio?”

“Eu não sei.” Ele olhou para o chão.

A voz de Newton era suave. “Rumplestiltskin realmente transformou palha em ouro.”

Bryce ergueu o olhar em uma fúria repentina. “Sim. E tentou roubar o filho da princesa.”

“É claro que tentou”, disse Newton. “Mas, se não tivesse transformado a palha em ouro, a princesa teria morrido. E não haveria nenhuma criança.”

“Tudo bem”, declarou Bryce. “Não vou quebrar o seu pescoço para salvar o mundo.”

“Sabe de uma coisa?”, perguntou Newton. “Agora eu quase queria que você pudesse. Tornaria tudo muito mais fácil para mim.” Fez uma pausa. “Mas você não pode.”

“Por que não posso?”

“Eu não vim ao seu mundo despreparado para ser descoberto. Apesar de não ter esperado que fosse contar a alguém o que contei a você. Mas aconteceram muitas coisas que eu não esperava.” Voltou o olhar para suas mãos, parecendo examinar as unhas. “Carrego uma arma, por via das dúvidas. Eu sempre a carrego.”

“Uma arma antheana?”

“Sim. Uma que é bastante eficiente. Você não conseguiria atravessar o espaço até a cama.”

Bryce respirou rapidamente. “Como ela funciona?”

Newton abriu um sorriso. “Quem conta seu segredo para o adversário?”, perguntou. “Talvez ainda tenha que usá-la em você.”

Algo no jeito que Newton acabara de falar – não a característica irônica ou levemente sinistra da declaração em si, mas uma estranheza menor do discurso – lembrou Bryce de que ele estava, de fato, falando com alguém que não era humano. A aparência de humanidade treinada que Newton assumia podia ser apenas aquilo: uma aparência muito sutil. Seja lá o que estivesse sob ela, a parte essencial de Newton, sua natureza antheana específica, podia muito bem ser inacessível para Bryce, ou para qualquer um na Terra. A maneira que Newton sentia ou pensava, de fato, podia estar além da sua compreensão, totalmente indisponível para ele.

“Qualquer que seja a sua arma”, disse ele com um cuidado maior, “espero que você não tenha que usá-la.” Olhou em volta novamente, para o grande quarto de hotel, para a bandeja de álcool praticamente intocada e de volta para Newton, recostado na cama. “Meu Deus”, exclamou. “É difícil de acreditar. Sentar nesse quarto e acreditar que estou falando com um homem de outro planeta.”

“Sim”, disse Newton. “Também pensei nisso. Eu também estou falando com um homem de outro planeta, sabia?”

Bryce levantou e se esticou. Caminhou até a janela, abriu as cortinas e olhou para a rua abaixo. Faróis de carro estavam por todo o lugar, mal se movendo. Um enorme outdoor iluminado exatamente em frente ao hotel mostrava o Papai Noel bebendo uma Coca-Cola. Grupos de luzes tremeluzentes faziam os olhos do Papai Noel piscarem, assim como a bebida. Em algum lugar ao longe, Bryce podia ouvir sinos tocando “Adeste Fideles”.

Voltou-se para Newton, que não havia se movido. “Por que me contou? Você não tinha a obrigação.”

“Queria te contar.” Sorriu. “Não tenho estado muito certo dos meus motivos neste último ano; não tenho certeza do porquê quis te contar. Antheanos não necessariamente sabem de todas as coisas. De qualquer forma, você já sabia sobre mim.”

“Está falando sobre o que o Canutti disse? Podia ter sido apenas um tiro no escuro da minha parte. Podia não ter sido nada.”

“Não estou falando sobre o que o professor Canutti disse. Apesar de ter achado a sua reação encantadora; pensei que fosse ter um ataque de apoplexia

quando ele disse ‘Marte’. Mas o discurso dele forçava uma ação sua, não minha.”

“Por que não sua?”

“Bem, dr. Bryce, existem muitas diferenças entre mim e você das quais pode não ter conhecimento. Uma delas é que a minha visão é muito mais precisa do que a sua e a gama de frequências dela é consideravelmente maior. Isso significa que não consigo enxergar a cor que vocês chamam de vermelho, mas que posso ver raios X.”

A boca de Bryce se abriu, pronta para falar, mas não disse nada.

“No momento em que vi o flash”, disse Newton, “não foi difícil desvendar o que estava fazendo.” Olhou para Bryce com um ar de curiosidade. “Como ficou a foto?”

Bryce sentiu-se bobo, como um garotinho encurralado. “A foto ficou... extraordinária.”

Newton assentiu. “Imagino. Se pudesse ver meus órgãos internos, também teria algumas surpresas. Fui a um museu de história natural uma vez, em Nova York. Um lugar muito interessante para um... para um turista. Percebi que eu era o único espécime biológico realmente distinto no prédio. Podia me imaginar sendo cutucado, dentro de uma jarra, com a etiqueta ‘Humanoide extraterrestre’. Saí de lá bem rápido.”

Bryce não conseguiu segurar o riso. E Newton, após sua confissão, de certo modo, parecia extrovertido, paradoxalmente mais “humano” agora que deixara claro que ele não era um, de fato. Seu rosto estava mais expressivo e seus modos mais relaxados do que Bryce jamais vira. Mas ainda havia aquele ar de um outro Newton, um Newton completamente antheano, inalcançável e alienígena. “Você planeja voltar ao seu planeta?”, perguntou Bryce. “Na nave?”

“Não. Não há necessidade. A nave será guiada diretamente por Anthea. Sinto que estou aqui em exílio permanente.”

“Sente falta do seu... do seu povo?”

“Sinto muito a falta deles.”

Bryce andou de volta para a poltrona e sentou novamente. “Mas irá vê-los em breve?”

Newton hesitou. “Provavelmente.”

“Por que provavelmente? Algo pode dar errado?”

“Não estava pensando nisso. Eu disse mais cedo a você que não tinha certeza do que estava fazendo.”

Bryce olhou para ele, confuso. “Não entendo o que você quer dizer.”

“Bem...” Newton deu um sorriso fraco. “Já há algum tempo que venho considerando não terminar o plano, não enviar a nave para lugar nenhum – nem

terminar a sua construção. Precisaria apenas de uma ordem.”

“Mas pelo amor de Deus, por quê?”

“Ah, o plano era inteligente, apesar de desesperado. Mas o que mais poderíamos fazer?” Newton olhava para ele sem parecer vê-lo de fato. “De qualquer maneira, tenho tido algumas dúvidas sobre o seu real valor. Há coisas sobre a cultura daqui, da sua sociedade, das quais não tínhamos conhecimento em Anthea. Você sabia, dr. Bryce”, ele mudou de posição na cama, inclinándose para perto de Bryce, “que às vezes eu acho que vou ficar maluco em alguns anos? Não tenho certeza de que meu povo conseguirá aguentar o seu mundo. Estamos isolados em uma torre de marfim há muito tempo.”

“Mas vocês poderiam se isolar do mundo. Você tem dinheiro, poderiam ficar juntos, criar sua própria sociedade.” O que ele estava fazendo? Defendendo a... invasão antheana? Logo após ter ficado aterrorizado e chocado por ela? “Poderiam construir a cidade de vocês no Kentucky.”

“E esperar as bombas caírem? Seria melhor continuarmos em Anthea. Lá pelo menos podemos viver por mais cinquenta anos. Se viermos para cá, não será como uma colônia isolada de aberrações. Teremos que nos espalhar pelo mundo inteiro, nos alojar em posições de influência. De outro modo, vir para a Terra seria algo idiota.”

“De qualquer maneira, estarão se arriscando muito. Não podem apostar que resolveremos nossos próprios problemas, já que estão com tanto medo de um contato direto conosco?” Sorriu ironicamente. “Fiquem à vontade.”

“Dr. Bryce”, disse Newton, com a expressão séria, “somos muito mais sábios que vocês. Acredite, somos muito mais sábios do que imagina. E estamos além de qualquer dúvida razoável de que o seu mundo se transformará em um monte de lixo atômico daqui a não mais de trinta anos, se não interferirmos.” Continuou, com um ar sombrio: “Para falar a verdade, ver o que vocês estão prestes a fazer com um mundo tão bonito e fértil nos desanima muito. Destruímos o nosso muito tempo atrás, mas tínhamos muito menos do que vocês têm aqui”. Sua voz agora parecia agitada e seus modos, mais intensos. “Você percebe que não irão apenas destruir a sua civilização como ela é hoje e matar a maior parte da sua população, mas que também envenenarão os peixes em seus rios, os esquilos em suas árvores, os bandos de pássaros, o solo e a água? Às vezes, vocês nos parecem macacos soltos em um museu, correndo com facas, rasgando os quadros e quebrando as estátuas com martelos.”

Bryce não conseguiu falar imediatamente. “Mas foram os humanos que pintaram os quadros e fizeram as estátuas.”

“Apenas alguns humanos”, respondeu Newton. “Apenas alguns.” Ele levantou repentinamente e declarou: “Acho que já tivemos o suficiente de

Chicago. Gostaria de voltar para casa?”.

“*Agora?*” Bryce olhou para o relógio. Meu Deus, duas e meia da manhã. O Natal tinha acabado.

“Acha mesmo que vai conseguir dormir hoje?”, perguntou Newton.

Ele deu de ombros. “Acho que não.” Lembrou do que Betty Jo lhe dissera e perguntou: “Você não precisa dormir, não é mesmo?”.

“Eu durmo de vez em quando”, respondeu Newton, “mas não com frequência.” Sentou ao lado do telefone. “Vou pedir para acordarem o nosso piloto. E precisaremos de um carro para nos levar até o aeroporto...”

Conseguir um carro foi difícil. Não chegaram ao aeroporto antes das quatro horas da manhã. A essa hora, Bryce estava começando a se sentir tonto e com um zumbido leve em seus ouvidos. Newton não mostrava sinais de cansaço. Sua expressão, como sempre, não dava indícios do que podia estar passando pela sua mente.

Houve algumas confusões e vários atrasos na liberação para a decolagem e, quando conseguiram partir, sobrevoando o lago Michigan, uma alvorada rosada e gentil começava a tomar forma.

Já estava claro quando chegaram no Kentucky, no começo de um dia limpo de inverno. A primeira coisa que viram quando o avião recebeu permissão de pouso foi a carcaça brilhante da nave – a balsa de Newton – parecendo um monumento polido sob o sol da manhã. Quando chegaram ao espaço aéreo do local, viram algo surpreendente. Um avião branco, com uma aerodinâmica graciosa e o dobro do tamanho do deles, estava estacionado de forma elegante no final da pista, ao lado do hangar de Newton. Em suas asas estavam as inscrições da Força Aérea dos Estados Unidos. “Bem”, disse Newton. “Quem será que veio nos visitar?”

Tiveram que passar pelo avião branco no caminho para o monotrilho e, ao passar por ele, Bryce não conseguiu não se impressionar com a sua beleza – as proporções perfeitas e a graciosidade dos ângulos. “Se só fizéssemos coisas bonitas assim...”, comentou.

Newton também observava o avião. “Mas vocês não fazem”, disse.

Seguiram no carro do monotrilho em silêncio. Os braços e pernas de Bryce doíam pela falta de sono; mas sua mente estava cheia de imagens afiadas e rápidas, ideias e pensamentos formulados pela metade.

Devia ter ido para casa, mas quando Newton o convidou para o café da manhã, ele aceitou. Seria mais fácil do que fazer a própria comida.

Betty Jo estava acordada, usando um quimono laranja, seu cabelo em um lenço de seda; a expressão era preocupada e os olhos estavam vermelhos e inchados. Ao abrir a porta, ela avisou: “Alguns homens estão aqui, sr. Newton.

Eu não sei...”. A voz dela sumiu. Passaram por ela e entraram na sala de estar. Cinco homens estavam sentados nas poltronas; todos se levantaram apressadamente quando Newton e Bryce entraram.

Brinnarde estava no centro do grupo. Havia outros três homens de terno e o quarto, usando um uniforme azul, era obviamente o piloto do avião da Força Aérea. Brinnarde os apresentou de forma eficiente e sem muito envolvimento. Quando terminou, Newton, ainda em pé, perguntou: “Vocês esperaram muito?”.

“Não”, respondeu Brinnarde, “não. Na verdade, tivemos que atrasar a sua partida do aeroporto de Chicago até conseguirmos chegar. A cronometragem foi muito boa. Espero que não tenha sido muito inconveniente – a espera em Chicago.”

Newton não demonstrou nenhuma emoção. “Como conseguiu fazer isso?”

“Bem, sr. Newton”, explicou Brinnarde, “eu trabalho no FBI. Estes homens são meus colegas.”

A voz de Newton pareceu hesitar um pouco. “Isso é muito interessante. Acredito que isso faça de você um... um espião?”

“Creio que sim. De qualquer forma, sr. Newton, tenho ordens de prendê-lo e levá-lo comigo.”

Newton respirou funda e lentamente, bastante humano. “Por que você está me prendendo?”

Brinnarde sorriu de forma educada. “O senhor é acusado de imigração clandestina. Acreditamos que o senhor seja um alienígena, sr. Newton.”

Newton ficou em silêncio por um longo tempo. Então perguntou: “Posso tomar café antes, por favor?”.

Brinnarde hesitou, mas sorriu de um modo que foi surpreendentemente amigável. “Não vejo porque não, sr. Newton”, disse ele. “Acho que um pouco de comida cairia bem a todos nós. Eles levantaram às quatro da manhã, em Louisville, para fazer esta prisão.”

Betty Jo preparou ovos mexidos e café para eles. Enquanto comiam, Newton perguntou casualmente se poderia ligar para seu advogado.

“Infelizmente, não”, respondeu Brinnarde.

“Não existe algum direito constitucional que garanta isso?”

“Existe.” Brinnarde baixou sua xícara de café. “Mas você não possui direitos constitucionais. Como já disse, acreditamos que você não seja um cidadão americano.”

6.

Newton deixou o livro de lado. O médico chegaria em alguns minutos e ele não estava mesmo com vontade de ler. Nas duas semanas de seu confinamento, ele fizera poucas coisas além de ler. Isso quando não estava sendo questionado ou examinado pelos doutores – médicos, antropólogos, psiquiatras – ou pelos homens em ternos conservadores que deviam ser oficiais do governo, apesar de nunca lhe responderem quem eram quando perguntava. Relera Spinoza, Hegel, Spengler, Keats, o Novo Testamento e agora estava lendo alguns livros mais recentes sobre linguística. Eles lhe traziam tudo o que pedisse, com certa velocidade e educação. Também possuía um rádio, que raramente usava, um acervo de filmes, uma televisão da World Enterprises e um bar, mas nenhuma janela para observar Washington. Disseram a ele que estava em algum lugar próximo à capital, apesar de não terem sido específicos sobre quão próximo. Via televisão à noite, em parte por um tipo de nostalgia e, às vezes, por curiosidade. De vez em quando, seu nome era mencionado nos telejornais – já que era impossível que um homem com a sua fortuna fosse preso pelo governo sem alguma repercussão. Mas as referências eram sempre vagas, vindas de fontes oficiais sem nome e usando frases como “uma nuvem de suspeitas”. O discurso era que ele era um “alienígena não registrado”, mas nenhuma fonte do governo deixava claro de onde ele era – ou de onde achavam que era. Um comentarista, conhecido pelo seu humor ácido, disse de maneira petulante: “Pelo discurso de Washington, deve-se deduzir que o sr. Newton, agora sob vigilância e custódia, é um visitante da Mongólia Exterior, ou de outro planeta”.

Também se deu conta de que aquelas transmissões seriam monitoradas pelos seus superiores em Anthea e ficava levemente encantado ao pensar em sua consternação ao descobrir sua posição e na curiosidade deles em descobrir o que realmente estava acontecendo.

Nem ele mesmo sabia o que realmente estava acontecendo, para ser sincero. Aparentemente, o governo tinha muitas suspeitas sobre ele – como deveriam,

com as informações que Brinnarde teria repassado a eles durante o ano e meio em que estivera trabalhando como seu secretário. E o homem, que fora seu braço direito no projeto, certamente devia ter posicionado uma boa quantidade de espiões em todas as partes da organização, para que o governo tivesse informações sobre suas atividades e sobre o projeto em si. Mas havia coisas que escondera de Brinnarde, coisas que eram muito improváveis que soubessem. Ainda assim, era impossível determinar o que estavam tramando. Algumas vezes ele imaginava o que aconteceria se dissesse aos seus interrogadores: “Na verdade, eu venho mesmo do espaço sideral e pretendo dominar o mundo”. Talvez produzisse reações interessantes; mas crença dificilmente seria uma delas.

Às vezes, ele imaginava o que estava acontecendo com a World Enterprises, agora que tinha perdido completamente a comunicação com ela. Será que Farnsworth a estaria conduzindo? Newton não recebia cartas, nem telefonemas. Havia um telefone em sua sala de estar, mas ele nunca tocava e não tinha permissão de fazer ligações externas nele. O telefone era de um azul pálido e ficava em uma mesa de mogno. Tentara algumas vezes, mas uma voz – uma gravação, aparentemente – sempre dizia, quando ele o tirava do gancho: “Pedimos desculpas, mas este telefone é restrito”. A voz era agradável, feminina e artificial. Nunca dizia a que o telefone era restrito. De vez em quando, quando estava se sentindo sozinho ou um pouco bêbado – não bebia tanto quanto antes, agora que um pouco da pressão fora retirada dele –, pegava o telefone apenas para ouvir a voz dizer aquelas palavras. Era uma voz muito suave, sugeria uma educação infinita e um tipo obscuro de eletrônicos.

O médico foi pontual como sempre; o guarda o deixou entrar exatamente às onze horas. Carregava sua mala e estava acompanhado por uma enfermeira com uma expressão deliberadamente impassível – o tipo de expressão que parecia dizer: “Não me importo de que você morra, tenho a intenção de ser eficiente quanto à minha participação nela”. Era loira e bonita, para os padrões humanos. O nome do médico era Martinez e ele era um fisiologista.

“Bom dia, doutor”, disse Newton. “O que eu posso fazer pelo senhor?”

O médico sorriu com uma descontração ensaiada. “Outro teste, sr. Newton. Outro pequeno teste.” Tinha um leve sotaque espanhol. Newton gostava bastante dele; era menos formal que a maioria das pessoas com quem tinha que lidar.

“Achei que saberiam tudo o que quisessem sobre mim a essa altura”, disse Newton. “Já fizeram raios X, colheram meu sangue e linfa, gravaram minhas ondas cerebrais, me mediram e tiraram amostras diretamente dos meus ossos, fígado e rins. Duvido que tenha mais alguma surpresa para vocês.”

O médico balançou a cabeça e deu uma risada casual para Newton. “Só Deus

sabe o quanto te achamos... interessante. Você possui um conjunto de órgãos bem improvável.”

“Sou uma aberração, doutor.”

O homem riu novamente; mas uma risada contida. “Não sabemos o que faríamos se você desenvolvesse apendicite ou algo do tipo. Mal sabemos onde procurar.”

Newton sorriu para ele. “Não precisam se preocupar. Eu não tenho um apêndice.” Ele se reclinou na cadeira. “Mas imagino que vocês me operariam de qualquer forma. Provavelmente ficariam encantados em me abrir e ver que novidades encontrariam.”

“Ah, não tenho certeza”, disse o médico. “Na verdade, uma das primeiras coisas que aprendemos sobre você – depois de contar o número de dedos, é claro – é que você não possui um apêndice vermiforme. Existem muitas coisas que você não possui, de fato. Temos usado equipamentos bastante avançados, sabia?” Virou-se para a enfermeira de forma abrupta e pediu: “Pode aplicar a nobucaína no sr. Newton, srta. Griggs?”

Newton se retraiu. “Doutor”, disse ele, “eu já lhe disse que anestésicos não têm efeito em meu sistema nervoso, a não ser me dar dor de cabeça. Se vai fazer algo comigo que vá doer, não há necessidade de fazer com que seja mais doloroso ainda.”

A enfermeira, ignorando-o por completo, começou a preparar uma seringa hipodérmica. Martinez abriu um sorriso condescendente, claramente reservado para os esforços e reclamações de seus pacientes para entender os ritos da medicina. “Talvez você não saiba o quanto estas coisas doeriam se não usássemos os anestésicos.”

Newton começou a ficar irritado. A sensação de ser um humano inteligente rodeado de macacos curiosos e pomposos tinha sido muito forte nas últimas semanas. Exceto, é claro, que era ele quem estava na jaula enquanto os macacos iam e vinham, examinando-o e tentando parecer inteligentes. “Doutor”, disse ele, “você não viu os resultados dos testes de inteligência que me foram aplicados?”

O médico abriu a pasta sobre a mesa e estava removendo alguns formulários. Cada folha estava visivelmente carimbada como “Ultrassegredo”. “Testes de inteligência não são o meu campo de estudo, sr. Newton. Como você provavelmente sabe, todas estas informações são altamente confidenciais.”

“Sim. Mas você sabe sobre eles.”

O médico limpou a garganta. Começara a preencher um dos formulários. Data; tipo de teste. “Bem, há alguns rumores.”

Agora Newton estava com raiva. “Imagino que existam. Também imagino que você saiba que minha inteligência é mais ou menos o dobro da sua. Não

pode acreditar que eu saiba se anestesia local faz efeito ou não para mim?”

“Estudamos a organização do seu sistema nervoso exaustivamente. Parece não haver razão para a nobucaína não funcionar tão bem para você quanto para... quanto para qualquer um.”

“Talvez vocês não saibam tanto sobre sistemas nervosos quanto imaginam.”

“Pode ser.” O médico terminou de preencher o formulário e colocou o lápis em cima dele para fazer peso. Um peso desnecessário, já que não havia janelas nem brisa. “Pode ser. Mas, de novo, isso não é do meu campo de estudo.”

Newton olhou para a enfermeira, que estava com a agulha preparada. Parecia se esforçar para fingir que não estava prestando atenção na conversa deles. Ele imaginou, momentaneamente, como eles faziam para que aquelas pessoas não contassem nada sobre seu prisioneiro curioso, mantendo-os longe dos repórteres e de mesas de carteados com os amigos. Talvez o governo mantivesse isolados todos os que trabalhavam com ele. Mas aquilo seria difícil e esquisito. Ainda assim, estavam obviamente passando por várias dificuldades por causa dele. Quase achou divertido que fosse o motivo de especulação entre as poucas pessoas que sabiam sobre suas peculiaridades.

“Qual é o seu campo de estudo, doutor?”, perguntou ele.

O médico deu de ombros. “Ossos e músculos, basicamente.”

“Parece algo agradável.” O médico pegou a agulha da enfermeira e Newton, conformado, começou a dobrar a manga da camisa.

“É mais fácil tirar a camisa”, instruiu o médico. “Vamos trabalhar as suas costas, dessa vez.”

Não protestou e começou a desabotoar a camisa. Quando estava na metade, ouviu a enfermeira prender a respiração. Olhou para a mulher. Obviamente não tinham contado muita coisa para ela, já que estava tentando ao máximo não olhar para seu peito, sem pelos ou mamilos. Haviam descoberto seus disfarces rapidamente, é claro, e ele não os usava mais. Imaginava qual seria a reação da enfermeira quando chegasse perto o bastante para reparar em suas pupilas.

Quando terminou de tirar a camisa, a enfermeira injetou a solução nos músculos de cada lado de sua coluna. Tentou ser gentil, mas, para ele, a dor foi considerável. Depois de acabarem com aquela parte, ele perguntou: “E agora, o que vai fazer?”.

O médico anotou a hora da injeção em seu formulário e disse: “Primeiro, vamos aguardar vinte minutos até a nobucaína... fazer efeito. Depois vou colher amostras da medula em sua coluna vertebral”.

Newton olhou para ele em silêncio por um momento. “Vocês ainda não aprenderam? Não há medula nos meus ossos. Eles são ocos.”

O homem piscou. “Ah, vamos lá, deve haver alguma medula óssea. Os

glóbulos vermelhos do seu sangue...”

Newton não estava acostumado a interromper as pessoas, mas o fez naquele momento. “Não sei nada sobre glóbulos vermelhos ou medula. Eu, provavelmente, sei tanto sobre fisiologia quanto você. Mas não há medula nos meus ossos. E não posso dizer que vou gostar de me submeter a alguns testes dolorosos para que vocês – ou qualquer um de seus superiores – possam satisfazer a curiosidade quanto às minhas... peculiaridades. Já disse mais de uma dezena de vezes que sou um mutante, uma aberração. Vocês não conseguem acreditar na minha palavra?”

“Sinto muito”, disse o médico. Ele parecia falar sério.

Newton olhou para além do rosto do médico, para a cópia ruim de *Uma Velha Senhora em Aries*, de Van Gogh. O que o governo dos Estados Unidos poderia querer com uma mulher de Aries? “Eu gostaria de conhecer os seus superiores algum dia”, comentou. “E enquanto aguardamos a sua nobucaína ineficiente fazer efeito, gostaria de tentar um anestésico próprio.”

A expressão do médico ficou lívida.

“Gim”, disse Newton. “Gim com água. O senhor gostaria de me acompanhar?”

O homem sorriu de forma automática. Todos os bons médicos sorriam frente aos gracejos de seus pacientes – até mesmo pesquisadores fisiologistas de lealdade impecável deviam sorrir. “Peço desculpas, mas estou de serviço agora.”

Newton ficou surpreso com a própria irritação. E ele achando que gostava do dr. Martinez. “Vamos lá, doutor. Tenho certeza de que você é um profissional muito importante em seu... campo de estudo, que tem um bar com tampo de mogno no consultório. Posso te garantir que não te daria álcool o suficiente para fazer com que a sua mão tremesse enquanto estivesse perfurando minha coluna.”

“Não tenho um consultório”, respondeu o médico. “Trabalho em um laboratório. Nós normalmente não bebemos em serviço.”

Newton encarou-o, por algum motivo desconhecido. “Não, acho que não.” Olhou para a enfermeira, mas quando ela abriu a boca para responder, agora visivelmente agitada, ele continuou: “Não, creio que não. Normas”. Levantou-se e sorriu para os dois. “Vou beber sozinho.” Era bom ser mais alto que os dois. Caminhou até o bar de canto e serviu-se de um copo de gim. Decidiu não misturar com água já que, enquanto conversavam, a enfermeira tinha posto uma série de instrumentos em um lençol que esticara sobre a mesa. Havia várias agulhas, uma faca pequena e um tipo de grampo ou prensa, todos feitos de aço inoxidável. Eles brilhavam de um jeito belo... Depois que o médico e a enfermeira se foram, ele se deitou com a barriga para baixo na cama por mais de uma hora. Não colocou a camisa de volta e as costas ainda estavam nuas, a não

ser pelos curativos. Sentia um pouco de frio – uma sensação incomum para ele –, mas não fez menção de se cobrir. A dor fora muito intensa por vários minutos e, apesar de ter acabado, estava exausto por causa dela e do medo que a precedeu. Sempre ficara apavorado com a antecipação da dor, desde a sua infância.

Passou pela sua cabeça que eles talvez soubessem da dor que causavam nele, que talvez o estivessem torturando, fazendo algum tipo mal concebido de lavagem cerebral, na esperança de deixá-lo maluco. Aquele pensamento era especialmente aterrorizante, já que aquilo seria apenas o começo; mas era muito improvável. Apesar da desculpa da Guerra Fria constante e da tirania bastante consistente que às vezes era tolerada em uma democracia, mesmo assim seria muito difícil fazerem aquilo sem consequências. E ainda era um ano de eleição. Já haviam acontecido alguns discursos de campanha fazendo alusão à tirania do partido no poder. Em um daqueles discursos, seu nome foi mencionado. A palavra “acobertar” foi usada várias vezes.

O único motivo lógico para submeterem-no aos testes dolorosos era alguma forma de curiosidade burocrática. Provavelmente, a justificativa era o desejo de provar, de maneira conclusiva, que ele não era humano, provar que ele era o que suspeitavam que fosse – suspeitavam, mas não podiam admitir por causa do absurdo da coisa. Se o raciocínio deles funcionasse daquele jeito, e provavelmente funcionava, estavam obviamente muito equivocados desde o início. Já que, não importa quantos aspectos não humanos eles encontrassem, sempre seria mais plausível que ele tivesse um tipo de anomalia física, mutação, variação ou aberração do que ter vindo de outro planeta. Ainda assim, não pareciam enxergar aquele problema. O que esperavam descobrir com tantos detalhes que já não soubessem, de forma geral? E o que poderiam provar? E, finalmente, se conseguissem provas que não deixassem dúvidas, o que fariam?

Mas ele não se importava muito – não se importava que eles descobrissem quem ele era, nem mesmo se importava muito com o que acontecesse com aquele plano muito, muito antigo, criado vinte anos antes em outro canto do sistema solar. Ele supunha, sem parar para pensar muito sobre aquilo, que já estava mesmo tudo terminado e sentia pouco mais do que alívio. O que mais queria era que eles terminassem seus experimentos, testes e questões infernais e que o deixassem em paz. Estar preso daquele jeito não era um problema para ele – era mais próximo ao seu modo de viver de muitas maneiras e muito mais satisfatório do que a liberdade.

O pessoal do FBI era educado e gentil o bastante mas, depois de dois dias de perguntas sem sentido, Bryce estava profundamente cansado, incapaz até mesmo de sentir raiva da frustração que podia perceber por trás da educação deles. Se não o tivessem libertado no terceiro dia, ele achava que teria desmoronado. Ainda assim, não o tinham colocado sob qualquer vigilância; na verdade, mal pareciam achar que ele fosse importante.

Na terceira manhã, como sempre o homem foi buscá-lo na Associação Cristã de Moços – ACM – para levá-lo por quatro quarteirões de carro até o prédio do FBI no centro de Cincinnati. A ACM tinha sido um fator extra para a sua exaustão. Se achasse que o FBI tinha imaginação o bastante para aquilo, diria que a sua estadia lá tinha sido um ato deliberado para deprimi-lo através da alegria esfarrapada que preenchia os salões públicos junto com a mobília de carvalho escuro e os infinitos panfletos cristãos que ninguém lia.

O homem o levou para uma nova sala do prédio daquela vez, uma sala que parecia com o consultório de um dentista, na qual um técnico aplicou uma agulha hipodérmica nele, mediu seu batimento cardíaco e sua pressão sanguínea e até bateu um raio X de seu crânio. Aquelas coisas eram feitas como “procedimentos rotineiros de identificação”, alguém lhe explicara. Bryce não conseguia imaginar como sua frequência cardíaca ajudaria a identificá-lo, mas sabia que era melhor não perguntar. Terminaram de forma repentina e o homem que o levava até lá disse que, no que dizia respeito ao FBI, ele estava livre. Bryce olhou para o relógio. Eram dez e meia da manhã.

Quando saiu da sala e seguiu pelo corredor que dava para a entrada principal, ele teve outro choque. Betty Jo estava sendo conduzida por uma senhora para a sala de onde acabara de sair. Ela sorriu para ele, mas não disse nada, e a senhora a forçou a seguir e entrar na sala.

Ficou impressionado com a própria reação. Apesar do cansaço, sentia um frio na barriga, um tipo de felicidade, ao vê-la – mais ainda ao ver sua forma

rechonchuda e de expressão honesta naquele corredor reflexivo e absurdamente severo do FBI.

Sentou nos degraus do lado de fora do prédio, na luz fria de dezembro, e esperou que ela saísse. Já era quase meio-dia quando ela chegou e sentou, de forma pesada e tímida, ao lado dele. Seu perfume forte e doce parecia acolhedor em meio ao vento frio. Um jovem enérgico carregando uma maleta subiu os degraus marchando, fingindo não os ver sentados ali. Bryce virou-se para Betty Jo e ficou surpreso em ver os olhos dela inchados, como se tivesse chorado há pouco tempo. Olhou para ela de forma nervosa. “Onde eles te colocaram?”

“Na ACM, no prédio das moças.” Deu de ombros. “Não gostei muito de lá.”

Era lógico que eles a mandariam para lá, mas ele não tinha pensado sobre isso. “Eu estou no outro”, disse ele. “No masculino. Como eles te trataram? O FBI, no caso.” Parecia estranho usar aquelas iniciais: ACM, FBI...

“Bem, eu acho.” Sacudiu a cabeça e molhou os lábios. Bryce gostou do gesto; ela possuía lábios carnudos, que estavam sem batom, mas avermelhados pelo vento frio. “Mas com certeza perguntaram um monte de coisa. Sobre o Tommy.”

A menção a Newton de alguma forma o deixou envergonhado. Não queria falar sobre o antheano naquele momento.

Ela pareceu perceber a sua vergonha – ou compartilhar dela. Depois de um tempo, ela perguntou: “Quer sair para almoçar em algum lugar?”

“É uma boa ideia.” Ele se levantou e ajustou o casaco sobre o corpo. Então se inclinou e ajudou-a a levantar, apoiando as mãos delas nas dele.

Por sorte, encontraram um restaurante bom e tranquilo e os dois comeram um almoço reforçado. Era tudo comida natural, sem sintéticos, e havia até mesmo café de verdade para beber depois, apesar de cobrarem trinta e cinco centavos pela xícara. Mas os dois tinham bastante dinheiro.

Conversaram pouco durante a refeição e não mencionaram Newton. Ele perguntou para ela quais eram seus planos e descobriu que não tinha nenhum. Quando terminaram de comer, perguntou: “O que fazemos agora?”

Ela parecia melhor agora, mais composta e alegre. “Por que não vamos ao zoológico?”, perguntou.

“Por que não?” Parecia uma boa ideia. “Podemos pegar um táxi.”

Havia pouquíssimas pessoas no zoológico, provavelmente porque era a época das festas de fim de ano, o que agradou muito a Bryce. Os animais estavam todos no interior dos prédios e os dois passearam de um em um, conversando agradavelmente. Ele gostava dos felinos grandes e insolentes, em especial as panteras; ela gostava dos pássaros, principalmente os de cores fortes. Ele ficou agradecido e feliz que ela se importava tão pouco com os macacos

quanto ele – que achava que eram criaturinhas obscenas –, porque teria ficado decepcionado se ela, como muitas mulheres, os achasse bonitinhos e engraçados. Ele nunca tinha visto graça nenhuma em macacos.

Também ficou feliz em descobrir que podia comprar cerveja em uma barraca na entrada do aquário. Levaram as bebidas para dentro – apesar de uma placa pedir expressamente para que não o fizessem – e sentaram sob a luz do crepúsculo em frente a um grande tanque que abrigava um bagre enorme. Era uma criatura bela, firme e de aparência tranquila, com bigodes de chinês e pele cinzenta de paquiderme. Observou-os caridosamente enquanto bebiam as cervejas.

Depois de ficarem sentados em silêncio por um tempo, observando o bagre, Betty Jo perguntou: “O que acha que vão fazer com o Tommy?”.

Percebeu que ele estivera esperando que ela mencionasse o assunto. “Não sei”, respondeu. “Não acho que vão machucá-lo ou algo assim.”

Betty Jo tomou um gole da bebida. “Eles disseram que ele não era... que ele não era americano.”

“Verdade.”

“Sabe se ele é, dr. Bryce?”

Ele ia pedir para que ela o chamasse de Nathan, mas não pareceu um bom momento para fazê-lo. “Acredito que eles estejam certos”, respondeu ele, imaginando como diabos eles o deportariam se tivessem certeza.

“Acha que vão ficar com ele por muito tempo?”

Lembrou do raio X do corpo de Newton e a obstinação com a qual o FBI o examinara no pequeno consultório de dentista e, de repente, se deu conta do motivo daqueles exames. Queriam ter certeza de que ele não era um antheano também. “Sim”, disse ele. “Acho que eles provavelmente vão ficar com ele por um bom tempo. Por quanto tempo puderem.”

Ela não respondeu e ele olhou para ela. Segurava o copo de papel em seu colo com as duas mãos e olhava para dentro dele como se fosse um poço. A luz fina e difusa do tanque do bagre não deixava marcas no rosto dela e a simplicidade macia de suas feições e da postura equilibrada e firme com a qual estava sentada no banco fazia com que ela parecesse uma estátua maciça e bonita. Ele olhou para ela em silêncio pelo que pareceu ser muito tempo.

Ela retribuiu o olhar e o motivo de ela ter chorado mais cedo ficou claro. “Creio que você vá sentir saudade dele”, comentou. Terminou de beber a cerveja.

A expressão dela não se alterou. A voz era delicada. “Com certeza vou sentir saudade”, disse ela. “Vamos ver os demais peixes.”

Viram os outros peixes, mas não houve nenhum de que gostaram mais do

que o velho bagre.

Quando foram pegar o táxi de volta para o centro, ele percebeu que não tinha nenhum endereço que pudesse dar, não tinha nenhum lugar em particular para ir. Olhou para Betty Jo, parada ao lado dele sob a luz do sol. “Onde você vai ficar?”, perguntou ele.

“Não faço a menor ideia”, respondeu ela. “Não conheço ninguém perto de Cincinnati.”

“Você podia voltar para a sua família em... onde era mesmo?”

“Em Irvine. Não é tão longe.” Olhou para ele de forma ansiosa. “Mas acho que não quero ir para lá. Nunca nos demos muito bem.”

Ele perguntou, sem se importar muito com o que aquilo significaria: “Quer ficar comigo? Talvez em um hotel? E aí, se você quiser, podemos procurar um apartamento”.

Ela pareceu atordoada e ele ficou com medo de tê-la insultado. Mas, então, ela deu um passo em sua direção e exclamou: “Sim, é claro! Acho que devemos ficar juntos, dr. Bryce”.

8.

Começou a beber muito novamente durante o segundo mês de seu confinamento, e não tinha muita certeza do motivo. Não era solidão já que, agora que confessara a história para Bryce, não sentia mais muita vontade de ter companhia. Agora que os problemas eram mais simples e que quase não possuía mais responsabilidades, também não tinha mais aquele sentimento de tensão com o qual lutara durante anos. Tinha apenas um problema significativo que podia servir como desculpa para a bebida: a questão de seguir ou não com o plano, caso algum dia o governo permitisse que o fizesse. Mesmo assim, não pensava muito naquele problema – estivesse bêbado ou sóbrio –, já que a possibilidade de ter qualquer tipo de escolha quanto àquele assunto parecia remota.

Ainda lia bastante e descobrira um novo interesse na literatura *avant-garde*, especialmente na poesia formal difícil e rígida de pequenas publicações – *sestinas*, *villanelles* e *ballades* que, apesar de serem um pouco fracas em relações às suas ideias e percepções, normalmente eram fascinantes linguisticamente. Até mesmo tentou escrever um poema, um soneto italiano em versos alexandrinos, mas descobriu que era incrivelmente desprovido de talento antes de terminar com dificuldade o segundo quarteto. Pensou que deveria tentar em antheano, algum dia.

Também lera bastante sobre ciências e história. Seus carcereiros eram bastante liberais fosse para lhe fornecer livros fosse para conseguir mais gim; nunca recebera nem mesmo uma sobancelha erguida ou tivera que esperar mais de um dia em nada que pedira ao guarda encarregado de alimentá-lo e de limpar o apartamento. Pareciam muito habilidosos em servi-lo. Uma vez, só para ver o que aconteceria, pediu uma tradução para o árabe de ...*E o Vento Levou* e o guarda, tranquilo, levou-a para ele cinco horas depois. Como não conseguia ler em árabe e não gostava muito de romances mesmo, usara a edição como suporte para os livros em uma das prateleiras; era absurdamente pesado.

As únicas objeções de verdade que tinha a seu confinamento era que, às vezes, sentia falta de estar ao ar livre e que gostaria de ver Betty Jo ou Nathan Bryce, as únicas pessoas do planeta que podia chamar de amigos. Nutria ainda alguma afeição por Anthea – tinha mulher e filhos lá –, mas o sentimento era fraco. Não pensava mais em seu lar com muita frequência. Tinha virado um nativo.

Depois de dois meses, eles pareceram concluir os testes físicos, deixando-o com algumas lembranças desagradáveis e uma leve e recorrente dor nas costas. As perguntas tinham se tornado tediosamente repetitivas; aparentemente, tinham esgotado os tópicos para interrogá-lo. Ainda assim, ninguém lhe fizera a pergunta mais óbvia; ninguém lhe perguntara se vinha de outro planeta. Tinha certeza de que suspeitavam, àquela altura, mas nunca perguntaram diretamente. Estavam com medo de serem ridicularizados ou aquilo fazia parte de alguma técnica psicológica elaborada? De vez em quando, quase resolvia contar toda a verdade para eles, na qual não acreditariam, de qualquer maneira. Ou podia dizer ser de Marte ou de Vênus e insistir naquele fato até se convencerem de que ele era maluco. Mas provavelmente não seriam tão burros assim.

Mas, em determinada tarde, eles mudaram a estratégia de interrogatório. Foi uma surpresa considerável, que logo se transformou em alívio.

O interrogatório começou do jeito normal; seu interrogador, sr. Bowen, o visitava pelo menos uma vez por semana desde o início. Apesar de nenhum dos diversos oficiais informarem seus cargos para ele, Bowen sempre lhe passara a impressão de ser uma figura mais importante do que os outros. Seu assistente parecia um pouco mais eficiente, as roupas pareciam ligeiramente mais caras e as olheiras sob seus olhos, um tom mais escuras. Talvez fosse um secretário-geral ou alguém de prestígio na CIA. Também era, obviamente, um homem de inteligência considerável.

Quando chegou, cumprimentou Newton de maneira cordial, sentou em uma poltrona e acendeu um cigarro. Newton não gostava do cheiro de cigarros, mas desistira de protestar contra eles muito tempo antes. Além disso, o cômodo era climatizado. O assistente sentou à mesa de Newton. Felizmente, o assistente não fumava. Newton cumprimentou os dois de maneira amável o suficiente, mas não se levantou do sofá quando eles entraram no cômodo. Percebeu que havia um tipo de jogo mesquinho de gato e rato naquilo tudo; mas não tinha vontade de jogá-lo.

Bowen normalmente ia direto ao ponto. “Tenho que confessar, sr. Newton”, disse ele, “que você ainda nos deixa confusos. Não sabemos quem ou de onde você é.”

Newton o encarou diretamente. “Sou Thomas Jerome Newton, de Idle Creek,

Kentucky. Sou uma aberração física. Você viu minha certidão de nascimento no cartório do condado de Bassett. Nasci lá, em 1918.”

“Isso faria com que estivesse com setenta anos de idade. Você parece ter quarenta.”

Newton deu de ombros. “Como eu disse, sou uma aberração. Um mutante. Uma nova espécie, possivelmente. Não acho que isso seja ilegal, é?” Tudo aquilo já fora dito antes, mas não se importava em dizê-lo novamente.

“Não é ilegal. Mas acreditamos que a sua certidão de nascimento tenha sido falsificada. E isto é ilegal.”

“Consegue provar?”

“Provavelmente, não. Seja lá o que faça, você o faz muito bem, sr. Newton. Se conseguiu inventar os filmes da Worldcolor, imagino que consiga falsificar um registro facilmente. Naturalmente, um registro de 1918 seria difícil de ser conferido. Por ninguém mais estar vivo, essas coisas. Mas ainda existe o fato de você não conseguir fornecer indicações de nenhum conhecido de infância. E o fato, mais estranho ainda, de não conseguirmos achar ninguém que o conheça há mais de cinco anos.” Bowen apagou o cigarro e coçou a orelha, como se estivesse pensando em outra coisa. “Você pode repetir o motivo disso para mim, sr. Newton?” Newton estava pensando se interrogadores frequentavam escolas especiais para aprender aquelas técnicas, como coçar a orelha, ou se as tinham retirado dos filmes.

Deu a mesma resposta que dera antes: “Porque eu era uma aberração, sr. Bowen. Minha mãe raramente deixava que alguém me visse. Como você pode ter percebido, não sou do tipo de pessoa que fica angustiado em relação a confinamentos. E também não era uma criança muito difícil de manter em casa naquela época. Especialmente, não naquela parte do Kentucky.”

“Você nunca foi a escola?”

“Nunca.”

“E, mesmo assim, é uma das pessoas mais instruídas que já conheci.” Antes que ele pudesse responder, continuou: “Sim, eu sei. Você tem uma mente bizarra também”. Bowen sufocou um bocejo. Parecia completamente entediado.

“Isso mesmo.”

“Você está me dizendo que se escondeu em uma cidade de marfim obscura do Kentucky até ter sessenta e cinco anos e ninguém nunca lhe viu ou ouviu falar de você até então?” Bowen sorriu para ele, exausto.

A ideia era absurda, é claro, mas não havia nada que pudesse fazer sobre aquilo. Obviamente, apenas um tolo acreditaria nela, mas tinha que ter algum tipo de história. Podia ter se esforçado mais para criar alguns documentos e subornar alguns funcionários para construir um passado mais convincente para si

mesmo, mas fora decidido, muito antes de sair de Anthea, que aquilo seria muito mais arriscado do que o necessário. Até mesmo conseguir um profissional especializado para falsificar a certidão de nascimento tinha sido algo difícil e perigoso.

“É verdade.” Sorriu. “Ninguém ouviu falar de mim, a não ser por alguns parentes mortos há muito, até que eu tivesse sessenta e cinco anos.”

Foi quando Bowen perguntou algo novo. “Foi nesse momento em que decidi começar a vender anéis de uma cidade para outra?” Sua voz se tornara dura. “Você mesmo forjou – com os materiais disponíveis, suponho – mais ou menos cem anéis de ouro, todos idênticos. E de repente decidiu, aos sessenta e cinco anos, começar a vendê-los por aí?”

Aquilo foi uma surpresa; eles nunca haviam mencionado os anéis, apesar de Newton suspeitar que sabiam sobre eles. Newton sorriu ao pensar na explicação absurda que teria que dar para aquela questão. “Isso mesmo”, respondeu.

“E imagino que você tenha cavado e descoberto ouro no seu quintal, feito as pedras com seu kit infantil de química e gravado a inscrição com a ponta de um alfinete? Tudo isso para que pudesse vender os anéis, por menos do que só o valor das pedras, para pequenas joalherias.”

Newton estava se divertindo involuntariamente. “Também sou um excêntrico, sr. Bowen.”

“Não é excêntrico a esse ponto”, disse Bowen. “Ninguém é excêntrico assim.”

“Bem, então como explicaria tudo isso?”

Bowen parou para acender outro cigarro. Mesmo com toda a sua demonstração de raiva, suas mãos estavam perfeitamente estáveis. “Eu acho que você trouxe os anéis em uma espaçonave.” Ergueu levemente as sobrancelhas. “O que acha desse palpite?”

Newton ficou chocado, mas conseguiu não demonstrar. “Acho interessante”, disse.

“Sim, é interessante. Mais ainda quando você leva em consideração que encontramos os restos de uma nave peculiar a mais ou menos oito quilômetros da cidade onde vendeu seu primeiro anel. Talvez não saiba disso, sr. Newton, mas aquela carcaça que abandonou ainda possuía radioatividade em certas frequências. Ela passou pelos cinturões de Van Allen.”

“Não sei do que você está falando”, disse Newton. Não era muito convincente, mas não havia mais nada a dizer. O FBI acabou sendo mais dedicado do que ele esperava. Houve uma longa pausa e depois ele disse: “Se eu houvesse chegado em uma espaçonave, não teria um jeito melhor de ganhar dinheiro do que vendendo anéis?”. Apesar de ter pensado por algum tempo que

não se importava se descobrissem ou não a verdade sobre ele, Newton estava surpreso em se perceber nervoso frente àquelas novas perguntas e por elas serem tão diretas.

“O que você faria”, perguntou Bowen, “se você fosse de, digamos, Vênus e precisasse de dinheiro?”

Newton começou a ter dificuldade, em uma das primeiras vezes na vida, em manter a voz firme. “Se venusianos pudessem construir espaçonaves, imagino que também pudessem falsificar dinheiro.”

“E onde você encontraria, em Vênus, uma nota de dez dólares para copiar?”

Newton não respondeu e Bowen enfiou a mão no bolso do casaco, pegou um objeto e colocou-o na mesa ao seu lado. O assistente olhou rapidamente para cima, esperando que alguém falasse qualquer coisa, para que ele pudesse registrar. Newton piscou. O que ele colocara na mesa era uma caixa de aspirinas.

“Dinheiro falso nos leva a outra coisa, sr. Newton.”

Ele sabia sobre o que Bowen ia falar e não havia muito o que pudesse fazer. “Onde conseguiu isso?”, perguntou.

“Um de nossos homens a encontrou enquanto vasculhava seu quarto de hotel em Louisville. Isso foi há dois anos, logo depois que você fraturou a perna no elevador.”

“Há quanto tempo vêm vasculhando meus quartos?”

“Há bastante tempo, sr. Newton.”

“Então vocês deveriam ter tido motivos para me prender muito antes disto. Por que não o fizeram?”

“Bem”, respondeu Bowen, “obviamente, queríamos descobrir o que você estava tramando antes. Sobre aquela nave que está construindo no Kentucky. E, como deve saber, a coisa toda é bastante complicada. Você se tornou um homem muito rico, sr. Newton, e não podemos sair prendendo homens muito ricos e ficarmos impunes – especialmente se estamos conduzindo um governo supostamente racional e nossa única acusação contra o homem rico é que ele vem de algum lugar como Vênus.” Ele se inclinou, sua voz estava mais delicada. “É mesmo Vênus, sr. Newton?”

Newton sorriu de volta para ele. Aparentemente as novas informações não tinham alterado muito a situação. “Eu nunca disse que vim de outro lugar senão Idle Creek, no Kentucky.”

Bowen olhou, pensativo, para a caixa de aspirinas. Pegou-a e sentiu o peso na palma de sua mão. “Como tenho certeza de que sabe, essa caixa é feita de platina, o que tem que admitir que é surpreendente. Também é surpreendente que, considerando a... a qualidade dos materiais e do trabalho, como se diz, é uma imitação muito inepta de uma caixa de aspirinas da Bayer. Por exemplo, é

mais larga por pelo menos meio centímetro e as cores são muito diferentes. O encaixe também não é feito da mesma maneira que a Bayer faz.” Ele encarou Newton. “Não que seja um encaixe melhor, só é diferente.” Sorriu mais uma vez. “Mas, talvez, a coisa mais surpreendente de todas é que não há letras miúdas na caixa, sr. Newton, apenas linhas espaçadas que se parecem com letras.”

Newton estava começando a se sentir desconfortável – e com raiva por não ter se lembrado de destruir a caixa. “E o que você concluiu de tudo isso?”, perguntou, sabendo muito bem o que eles teriam concluído.

“Concluímos que alguém havia falsificado a caixa da melhor maneira possível a partir de uma imagem em um comercial de televisão.” Riu um pouco. “De uma televisão em uma área muito isolada.”

“Idle Creek”, comentou Newton, “é uma área extremamente isolada.”

“Vênus também. E caixas de aspirina da Bayer, com aspirina dentro, são vendidas nas farmácias de Idle Creek por um dólar. Não há nenhuma necessidade de fazer as próprias embalagens, em Idle Creek.”

“Nem mesmo se você for uma aberração excêntrica com obsessões muito esquisitas?”

Bowen ainda parecia maravilhado – provavelmente consigo mesmo. “Não é muito provável”, declarou. “Na verdade, é melhor eu parar com essa brincadeira de uma vez.” Ele encarou Newton com um ar cuidadoso. “Uma das coisas fascinantes sobre isso é como uma... uma pessoa com a sua inteligência poderia cometer tantos erros grosseiros. Por que acha que resolvemos buscá-lo quando estava em Chicago? Você teve dois meses para pensar nisso.”

“Não sei”, respondeu Newton.

“É disso que estou falando. Aparentemente, vocês – antheanos, não é isso? – não estão nem um pouco acostumados a pensar como nós. Acredito que qualquer leitor de romances policiais teria percebido que teríamos colocado uma escuta no seu quarto em Chicago, quando você explicou tudo para o dr. Bryce.”

Ele permaneceu em silêncio por um minuto inteiro, atordoado. Finalmente, respondeu: “Não, sr. Bowen. Aparentemente, antheanos não pensam da mesma maneira que vocês. Mas, também, nós não aprisionaríamos uma pessoa por dois meses para fazer interrogatórios cujas respostas já sabemos”.

Bowen deu de ombros. “Governos modernos agem de maneiras misteriosas e fazem maravilhas. De qualquer maneira, te prender não foi ideia minha; foi do FBI. Alguém do alto escalão entrou em pânico. Estavam com medo de que você fosse explodir o mundo com aquela sua balsa. Na verdade, essa era a teoria sobre você desde o início. Os funcionários deles preenchiam relatórios sobre o projeto e os diretores assistentes tentavam decidir se você iria atacar Washington ou

Nova York.” Balançou a cabeça em uma tristeza fingida. “Tem sido o pior cenário apocalíptico desde Edgar Hoover.”

Newton se levantou rapidamente e foi se servir de uma bebida. Bowen pediu que preparasse três. O homem se levantou e, com as mãos nos bolsos, olhou para os sapatos por um tempo enquanto Newton os servia.

Ao entregar os copos para Bowen e o assistente – que evitou contato visual enquanto pegava a bebida –, Newton pensou em algo. “Mas quando o FBI ouviu a gravação – imagino que você tenha gravado a conversa – eles devem ter mudado de ideia sobre os meus objetivos.”

Bowen deu um gole na bebida. “Na verdade, nós nunca deixamos que o FBI descobrisse sobre a existência da gravação. Apenas demos a ordem para efetuarem a prisão por nós. A fita nunca saiu do meu escritório.”

Aquilo também foi surpreendente. Mas as surpresas estavam surgindo de forma tão rápida que ele começara a se acostumar a elas. “Como você impediu que eles exigissem a fita?”

“Bem”, disse Bowen, “como você deve saber, tenho a sorte de ser o diretor da CIA. Sou superior ao FBI, de certa maneira.”

“Então você deve ser... qual é o nome? Van Brugh? Eu ouvi falar de você.”

“Nós somos um grupo esquivo, a CIA”, comentou Bowen – ou Van Brugh. “De qualquer maneira, uma vez que tínhamos a fita, sabíamos o que queríamos saber sobre você. E também deduzimos, pela sua confissão, que se o FBI o pegasse – como lhe disse que estavam prestes a fazer –, você poderia contar tudo para eles. Não queríamos que isso acontecesse porque não confiamos no FBI. Vivemos em uma época perigosa; eles poderiam ter lhe matado para resolver o problema com o qual temos lutado.”

“E vocês não têm a intenção de me matar?”

“Certamente, já passou pela nossa cabeça. Nunca concordei, principalmente porque – não importa quão perigoso você pudesse ser – acabar com você podia ser o mesmo que matar a galinha que coloca ovos de ouro.”

Newton terminou a bebida e encheu o copo novamente. “O que quer dizer com isso?”, perguntou.

“Neste momento, já temos vários projetos no Departamento de Defesa que são baseados em informações que colhemos de seus arquivos pessoais há três anos. Como eu disse, vivemos em uma época perigosa; poderíamos usá-lo de muitas maneiras. Acredito que vocês, antheanos, tenham bastante conhecimento sobre armas.”

Newton ficou em silêncio por um minuto, observando sua bebida. Depois disse, calmamente: “Se me ouviu conversar com Bryce, sabe o que nós, antheanos, fizemos conosco e com as nossas armas. Não tenho nenhuma

intenção de fazer com que os Estados Unidos da América se tornem onipotentes. Na verdade, nem se quisesse eu poderia. Não sou um cientista. Fui escolhido para a viagem por causa da minha condição física, não pelo meu conhecimento. Conheço muito pouco sobre armas, acredito que menos do que você”.

“Você deve ter visto, ou pelo menos ouvido falar de armas em Anthea.”

Newton começava a se recompor, provavelmente por causa do álcool. Não se sentia mais na defensiva. “Você já viu alguns carros, sr. Van Brugh. Poderia explicar, de improviso, para um selvagem africano, como criar um? Apenas com os materiais disponíveis ali?”

“Não. Mas poderia explicar combustão interna para um selvagem. Se eu conseguisse encontrar um selvagem na África moderna. E, se fosse um selvagem esperto, seria capaz de fazer algo a partir daquilo.”

“Se matar, provavelmente”, disse Newton. “De qualquer forma, não tenho a intenção de contar a vocês nada desse tipo, não importa quão valioso isso seja para vocês.” Terminou mais um copo de bebida. “Suponho que continuarão tentando me torturar.”

“Infelizmente, seria uma perda de tempo”, disse Van Brugh. “Sabe, o motivo pelo qual venho fazendo estas perguntas idiotas para você há dois meses é para conduzir um tipo de psicanálise. Temos câmeras aqui, gravando a frequência com que pisca os olhos e coisas do tipo. Já concluímos que tortura não funcionaria. Você ficaria louco rápido demais por causa da dor; e não conseguimos aprender o suficiente sobre a sua psicologia – culpa, ansiedade e coisas do tipo – para fazer qualquer tipo de lavagem cerebral em você. Também o enchemos de drogas – hipnóticos e narcóticos – e elas não funcionam.”

“Então o que vai fazer? Atirar em mim?”

“Não. Acredito que não possamos nem fazer isso. Não sem a permissão do presidente, e ele não a dará.” O homem sorriu com tristeza. “Sabe, Newton, depois de todos os fatores cósmicos serem levados em conta, o último deles acaba sendo uma questão de simples política humana.”

“Política?”

“Acontece que estamos em 1988. E 1988 é um ano eleitoral. O presidente já está fazendo campanha para um segundo mandato e acredita firmemente – sabia que Watergate não mudou nada, *nada*, no que se refere ao presidente usar a CIA para espionar o outro partido? – que os republicanos vão transformar isso tudo em algo como o caso Dreyfus se não apresentarmos acusações suficientes contra você ou o libertarmos com imensos pedidos de desculpas públicos.”

De repente, Newton gargalhou. “E se você atirar em mim, o presidente pode acabar perdendo a eleição?”

“Os republicanos já fizeram seus amigos da Associação Nacional das

Indústrias ficarem nervosos. E estes senhores, como você deve saber, possuem muito influência. Eles também protegem uns aos outros.”

Newton começara a rir com mais vontade ainda. Era a primeira vez na vida em que realmente ria alto. Não apenas riu, deu um riso abafado ou bufo, mas gargalhou e com vontade. Finalmente, ele perguntou: “Então vocês vão ter que me deixar ir embora?”.

Van Brugh deu um sorriso sombrio. “Amanhã. Nós vamos libertá-lo amanhã.”

Por mais de um ano, foi difícil para ele saber como se sentia sobre muitas coisas. Não era uma dificuldade característica de seu povo, mas a adquirira de alguma forma. Durante aqueles quinze anos em que aprendera a falar inglês, a abotoar camisas, a dar nó em gravatas, a frequência de piscadas de olho, o nome de marcas de automóveis e outros incontáveis fragmentos de informação, tantos dos quais se mostraram desnecessários, durante todo aquele tempo, ele nunca duvidara de si mesmo, nunca questionara o plano para o qual fora escolhido. E naquele momento, cinco anos depois de realmente viver entre seres humanos, ele era incapaz de dizer como se sentia sobre o simples fato de ser libertado da prisão. E sobre o plano em si, não fazia ideia do que pensar e, conseqüentemente, mal pensava nele. Tinha se tornado muito humano.

Devolveram-lhe seus disfarces pela manhã. Parecia estranho colocá-los novamente, antes de voltar para o mundo, e também bobo, já que de quem estava se escondendo agora? Sim, estava feliz em receber as lentes de contato de volta, as lentes que faziam com que seus olhos tivessem uma aparência mais humana. Seus pequenos filtros aliviavam sua vista da luminosidade excessiva, da qual nem mesmo os óculos escuros que usava ininterruptamente podiam protegê-lo. E quando as colocou de volta e se olhou no espelho, ficou aliviado de parecer um humano novamente.

Um homem que nunca vira antes o levou do quarto e o conduziu por um corredor iluminado por painéis luminosos – feitos com patentes da W.E. Corporation – e guardado por soldados armados. Entraram em um elevador.

As luzes do elevador eram opressivamente brilhantes. Vestiu os óculos de sol. “O que vocês falaram para os jornais sobre isso tudo?”, perguntou, apesar de não se importar muito.

O homem, apesar de ter ficado em silêncio até aquele momento, se mostrou muito agradável. Era um homem baixo, troncudo e de aparência feia. “Isso não diz respeito ao meu departamento”, disse ele com gentileza, “mas acho que

disseram que você estava aqui em medida protetiva; por razões de segurança. Seu trabalho é vital para a segurança nacional. Coisas desse tipo.”

“Vai haver repórteres me esperando? Quando eu sair?”

“Acredito que não.” O elevador parou. A porta se abriu para outro corredor cheio de guardas. “Vamos te esgueirar pela porta dos fundos, por assim dizer.”

“Agora?”

“Daqui a mais ou menos duas horas. Temos que fazer alguns procedimentos de rotina antes. Vamos processar a sua saída, é para isso que estou aqui.” Continuaram seguindo pelo corredor, que era muito longo e, como o restante do prédio, iluminado demais. “Me diga uma coisa”, pediu o homem, “por que você estava sendo mantido aqui mesmo?”

“Você não sabe?”

“Essas coisas são mantidas em segredo por aqui.”

“O sr. Van Brugh não conta coisas desse tipo a vocês?”

O homem sorriu. “Van Brugh não conta nada para ninguém, a não ser talvez para o presidente, e mesmo assim só conta o que tiver vontade.”

No final do corredor – ou túnel, não tinha certeza de qual dos dois era – ficava uma porta que levava ao que parecia ser um consultório de dentista ampliado. Era impecavelmente limpo e construído em tijolos de um amarelo pálido. Havia uma cadeira do tipo que dentistas usavam, rodeada por máquinas de aparência inconfortavelmente nova. Duas mulheres e um homem o aguardavam, sorrindo educadamente e vestindo aventais amarelos iguais aos tijolos. Não sabia por que, mas esperava ver Van Brugh, só que ele não estava na sala. O homem que o acompanhara até ali o conduziu até a cadeira. Ele sorriu. “Sei que parece horrível, mas não vão fazer nada que vá doer. Só alguns testes de rotina, a maioria para identificação.”

“Meu Deus!”, exclamou Newton. “Vocês já não me testaram o suficiente?”

“Nós não, sr. Newton. Peço desculpas se houver alguma repetição do que a CIA esteve fazendo. Mas nós somos do FBI e temos que obter estas informações para nossos arquivos. Tipo sanguíneo, digitais, eletroencefalograma, essas coisas, sabe?”

“Tudo bem.” Ele se sentou na cadeira, resignado. Van Brugh dissera que o governo operava de maneira misteriosa e fazia maravilhas. Não ia demorar muito, de qualquer maneira.

Por um tempo, o picaram e inspecionaram usando agulhas, equipamento fotográfico e vários equipamentos metálicos. Colocaram sensores em sua cabeça para medir as ondas cerebrais e em seus pulsos para medir o batimento cardíaco. Alguns dos resultados deveriam ser surpreendentes, mas eles não demonstraram surpresa. Era tudo, como o homem do FBI dissera, uma questão de rotina.

Depois de uma hora, eles levaram uma máquina para a frente dele, aproximando-a bastante, e pediram para que removesse os óculos. A máquina possuía duas lentes, com um espaçamento parecido com o de dois olhos, o que o deixou um pouco confuso. Havia uma espécie de ventosa preta de borracha, como se fosse para encaixar nos olhos, em volta de cada lente.

Ele se desesperou rapidamente. Se eles não soubessem sobre as peculiaridades de seus olhos... “O que vai fazer com isso?”

O técnico de jaleco amarelo pegou uma pequena régua de seu bolso e a segurou sobre o nariz de Newton, tirando medidas. Sua voz não tinha emoção. “Vamos só tirar algumas fotos de você. Não vai doer”, disse ele.

Uma das mulheres, sorrindo com profissionalismo, esticou a mão na direção de seus óculos escuros. “Pronto, senhor, vamos só tirar estes óculos agora...”

Ele jogou a cabeça para trás, afastando-se dela e erguendo a mão para se defender. “Só um momento. Que tipo de fotos?”

O homem operando a máquina hesitou a princípio. Então olhou para o funcionário do FBI, sentado próximo à parede, que assentiu de forma amável. Ele explicou: “Dois tipos de fotos, na verdade, senhor, as duas ao mesmo tempo. Uma é uma foto de identificação rotineira das suas retinas, para gravar os padrões dos vasos sanguíneos. A outra é um raio X. Queremos ver os sulcos no fundo do seu occipício, a parte de trás do seu crânio”.

Newton tentou sair da cadeira. “Não!”, exclamou. “Você não sabe o que está fazendo!”

Mais rápido do que imaginava ser possível, o homem agradável do FBI estava atrás dele, empurrando-o de volta para a cadeira. Não conseguia se mover. Provavelmente, o funcionário do FBI não sabia, mas a mulher podia tê-lo imobilizado com a mesma facilidade. “Desculpe, senhor”, disse o homem por trás dele. “Mas temos que tirar estas fotos.”

Ele tentou se acalmar. “Vocês não foram informados sobre mim? Não foram avisados sobre meus olhos? Eles certamente sabem sobre os meus olhos.”

“O que tem os seus olhos?”, perguntou o homem do jaleco amarelo. Ele parecia impaciente.

“Eles são sensíveis a raios X. Esse aparelho...”

“Nenhum olho consegue ver raios X.” O homem pressionou os lábios, visivelmente irritado. “Ninguém consegue enxergar nessas frequências.” Ele acenou para a mulher e, sorrindo de maneira desconfortável, retirou os óculos de Newton. A luz do ambiente o fez piscar.

“Eu consigo”, disse ele, se contorcendo. “Eu enxergo de maneira completamente diferente de você. Deixe-me mostrar como meus olhos são. Se você me soltar, eu posso remover minhas... minhas lentes de contato.”

O homem do FBI não o soltou. “Lentes de contato?”, perguntou o técnico. Ele se aproximou, observando os olhos de Newton por um bom tempo e depois recuou. “Você não está usando lentes de contato.”

Estava sentindo algo que não sentia há muito tempo: pânico. A luminosidade da sala se tornara opressiva; parecia pulsar ao seu redor no ritmo de seu coração. Sua fala saiu embargada, como se estivesse embriagado: “Elas são um... novo tipo de lente. Uma membrana, não um plástico. Se me soltar só por um instante, eu posso te mostrar”.

O técnico ainda estava com os lábios comprimidos. “Não existe uma coisa dessas”, declarou. “Eu tenho vinte anos de experiência com lentes de contato e...”

Atrás dele, o funcionário do FBI disse algo maravilhoso, soltando seus braços: “Deixe o homem tentar, Arthur. Afinal, ele paga seus impostos”.

Newton deixou escapar um suspiro e declarou: “Preciso de um espelho”. Começou a mexer em seus bolsos e, de repente, entrou em pânico de novo. As pequenas pinças ópticas especiais não estavam com ele, as que eram feitas para retirar as membranas... “Perdão”, disse ele, para ninguém em especial. “Perdão, mas tenho que usar um instrumento. Talvez no meu quarto...”

O homem do FBI sorriu pacientemente. “Ah, vamos lá”, disse. “Não temos o dia todo. Eu não conseguiria voltar para aquele quarto nem se quisesse.”

“Tudo bem”, disse Newton. “Você tem uma pinça óptica pequena? Talvez eu consiga removê-las com ela.”

O técnico fez uma careta. “Só um momento.” Ele murmurou mais alguma coisa e foi até uma gaveta. Logo depois ele havia reunido um conjunto formidável de instrumentos brilhantes: pinças ópticas, pinças estranhas e ferramentas que pareciam com pinças ópticas de função desconhecida. Colocou-as na mesa ao lado da cadeira de dentista.

Uma das mulheres já entregara a Newton um espelho redondo. Ele pegou uma das pequenas pinças ópticas de ponta cega da mesa. Não era muito parecida com a que ele usava, mas talvez funcionasse. Uniu as pontas, testando-as algumas vezes. Talvez fossem um pouco grandes demais, mas teriam que servir.

Então, percebeu que não conseguia segurar o espelho no lugar. Pediu a mulher que o dera para ele para segurá-lo. Ela chegou mais perto e pegou o espelho, aproximando-o de seu rosto. Pediu a ela que se afastasse um pouco, e depois teve que pedir para que reajustasse o ângulo para conseguir se ver direito. Ainda estava tendo que semicerrar os olhos. O homem de jaleco amarelo começou a bater o pé no chão. As batidas pareciam acompanhar a pulsação das luzes da sala.

Quando levou a mão com a pinça em direção ao olho, seus dedos começaram

a tremer de forma incontrolada. Chegou a mão para trás rapidamente. Tentou de novo, mas não conseguia aproximá-la do olho. Sua mão tremia violentamente. “Perdão”, disse. “Só mais um minuto...” A mão dele se afastou do olho involuntariamente, por medo do instrumento e dos malditos dedos descontrolados e trêmulos. A pinça caiu de sua mão para seu colo. Tateou em busca dela e, com um suspiro, olhou para o funcionário do FBI, cuja expressão estava impassível. Limpou a garganta, ainda de olhos semiabertos. Por que as luzes tinham que ser tão fortes? “Você acha que eu poderia tomar uma bebida?”, perguntou. “Um copo de gim?”

O homem riu de repente. Mas dessa vez a risada não pareceu amigável. Foi seca, fria e brutal. E ficou no ar da sala de tijolos.

“Ah, vamos lá!”, exclamou o homem, sorrindo de maneira complacente. “Vamos lá.”

Desesperado, ele pegou a pinça. Se conseguisse remover apenas uma parte de uma das membranas, mesmo se machucasse seu olho, eles poderiam entender... *Por que Van Brugh não contou para eles?* Seria melhor arruinar um dos olhos do que submeter os dois àquela máquina, àquelas lentes que queriam ver dentro de seu crânio para contar, por algum motivo idiota, os sulcos na parte de trás dele, pelo lado de dentro, atravessando seus olhos muito, muito sensíveis.

De repente, as mãos do homem do FBI estavam em volta de seus pulsos e seus braços – com tão pouca força quando confrontados com a força de um ser humano – tinham sido colocados novamente para trás de seu corpo e imobilizados. Foi quando alguém colocou um grampo em volta da sua cabeça, apertando-o nas têmporas. “Não!”, exclamou em voz baixa, tremendo. “Não!” Ele não conseguia mexer a cabeça.

“Me desculpe”, disse o técnico. “Me desculpe, mas temos que manter sua cabeça imobilizada para isso.” Ele não parecia querer pedir desculpas. Empurrou a máquina diretamente para o rosto de Newton. Então apertou um botão de controle que fez com que as lentes e as ventosas de borracha se encaixassem nos olhos de Newton, como binóculos.

E Newton, pela segunda vez em dois dias, fez algo inteiramente novo para ele, e muito humano. Ele gritou. Gritou sem proferir nenhuma palavra a princípio, mas logo proferiu algumas. “Vocês não sabem que eu não sou humano? *Eu não sou um ser humano!*” As ventosas bloqueavam a luz de sua visão. Não podia ver nada, nem ninguém. “*Eu não sou nem um pouco humano!*”

“Ah, vamos lá”, disse o homem do FBI atrás dele.

Foi quando houve um flash de luz prateada que foi mais brilhante, para Newton, do que o sol do meio-dia no auge do verão é para um homem que saiu de um quarto escuro e foi obrigado a olhar para ele, de olhos arreganhados, até

que seus olhos ficassem pretos. Ele sentiu a pressão abandonar seu rosto e sabia que tinham afastado a máquina.

Ele caiu duas vezes até que testaram sua visão e descobriram que ele estava cego.

Ele foi mantido incomunicável em um hospital do governo por seis semanas, onde médicos não foram capazes de fazer nada por ele. As células sensíveis das suas retinas tinham sido quase completamente queimadas; não eram mais capazes de fazer distinções visuais do que uma película fotográfica superexposta. Podia, após algumas semanas, distinguir vagamente a luz da escuridão, e podia dizer, quando um grande objeto escuro era colocado à sua frente, que ele era de fato um objeto grande e escuro. Mas era apenas aquilo – não conseguia ver nenhuma cor ou forma.

Foi durante aquele período que começou a pensar novamente em Anthea. Primeiro, sua mente começou a reunir lembranças antigas e aleatórias, a maioria de sua infância. Lembrava de um tipo de jogo parecido com o xadrez, que amava quando criança – um jogo composto de cubos transparentes em um tabuleiro circular – e se pegou lembrando das regras complexas pelas quais os cubos verde-claros vinham primeiro do que os cinza, quando suas configurações formavam polígonos. Lembrou-se dos instrumentos musicais que estudara, dos livros que lera, especialmente dos livros de história, e o fim automático da sua infância aos trinta e dois anos antheanos – ou quarenta e cinco na contagem humana – ao se casar. Não escolhera a própria esposa, como era feito às vezes, mas permitira que a família o fizesse. O casamento foi eficaz e agradável o bastante. Não houve paixão, mas os antheanos não eram uma raça apaixonada. Cego, em um hospital nos Estados Unidos, começou a pensar em sua esposa com mais carinho do que em toda a sua vida. Sentia falta dela e desejava que ela estivesse com ele. Algumas vezes, ele chorava.

Não conseguindo assistir televisão, ele às vezes ouvia rádio. O governo, ele descobrira, não foi capaz de manter a sua cegueira em segredo. Os republicanos estavam usando-o consideravelmente em sua campanha. Chamaram o que aconteceu com ele de “um exemplo de tirania administrativa e irresponsabilidade”.

Na primeira semana, não sentiu nenhum rancor contra eles. Como poderia ficar com raiva de crianças? Van Brugh pediu desculpas, cheio de vergonha; tinha sido um erro; não sabia que o FBI não fora informado das peculiaridades de Newton. Ele sabia que Van Brugh não se importava de verdade, que estava apenas preocupado com o que Newton pudesse dizer para a imprensa, com quais nomes podia citar. Newton garantiu a ele, cansado, que não diria nada a não ser que foi um acidente inevitável. Que não era culpa de ninguém, fora apenas um acidente.

Um dia Van Brugh disse a ele que destruiu a gravação. Sabia desde o início, contou, que ninguém acreditaria nela, de qualquer forma. Achariam que era falsa ou que Newton era maluco, ou em qualquer coisa que não fosse a verdade.

Newton perguntou se ele achava que era verdade.

“É claro que eu acredito”, disse Van Brugh em voz baixa. “Pelo menos seis pessoas sabem e acreditam nela. O presidente é uma delas, e também o secretário de Estado. Mas vamos destruir a gravação.”

“Por quê?”

“Bem”, Van Brugh riu friamente, “entre outras coisas, não queremos entrar para a história como a maior reunião de malucos que já governou esse país.”

Newton baixou o livro com o qual vinha praticando braile. “Posso voltar ao trabalho? No Kentucky?”

“Provavelmente. Não sei. Vamos vigiá-lo a cada momento do restante da sua vida. Mas se os republicanos assumirem, eu serei substituído. Então, não sei.”

Newton pegou o livro novamente. Ele se interessara, por um momento, pela primeira vez em semanas, no que estava acontecendo ao seu redor. Mas o interesse se foi tão rápido quanto viera, sem deixar rastros. Riu gentilmente. “Que coisa interessante”, disse.

• • •

Quando deixou o hospital, conduzido por uma enfermeira, havia uma multidão aguardando do lado de fora do prédio. Na clara luz do dia, ele conseguia distinguir suas silhuetas e ouvir suas vozes. Uma passagem foi aberta em meio à multidão para ele, provavelmente por policiais, e a enfermeira o levou até o carro. Ouviu aplausos distantes. Tropeçou duas vezes, mas não caiu. A enfermeira o conduzia com experiência; ficaria com ele por meses ou anos, por quanto tempo precisasse. Seu nome era Shirley e tudo o que podia dizer era que era gorda.

De repente alguém segurou sua mão e ele sentiu um aperto gentil. Uma pessoa grande estava em frente a ele. “É bom tê-lo de volta, sr. Newton.” A voz de Farnsworth.

“Obrigado, Oliver.” Sentia-se muito cansado. “Temos alguns negócios para discutir.”

“Sim. Creio que saiba que está aparecendo na televisão agora, sr. Newton.”

“Oh, eu não sabia.” Olhou em volta, tentando distinguir o formato de uma câmera. “Onde está a câmera?”

“À sua direita”, disse Farnsworth, *sotto voce*.

“Coloque-me na direção dela, por favor. Alguém quer me fazer uma pergunta?”

Uma voz, que evidentemente pertencia a um comentarista de televisão, falou, na altura de seu cotovelo: “Sr. Newton, sou Duane Whitely do canal CBS. Pode me dizer como é estar livre novamente?”

“Não”, respondeu Newton. “Ainda não.”

Seu interlocutor não pareceu abalado. “Quais são os seus planos para o futuro? Depois da experiência pela qual acabou de passar?”

Newton finalmente conseguira identificar a câmera, e agora olhava para ela, quase completamente inconsciente de sua audiência humana, tanto em Washington quanto atrás de telas por todo o país. Estava pensando em outra audiência. Sorriu de leve. Nos cientistas antheanos? Em sua esposa? “Eu estava trabalhando, como vocês sabem, em um projeto de exploração espacial. Minha empresa estava envolvida em um empreendimento muito complexo, com o objetivo de enviar uma nave para o sistema solar e medir as radiações que têm feito com que viagens interplanetárias fossem impossíveis até agora.” Parou para respirar e percebeu que sua cabeça e ombros estavam doendo. Talvez fosse a gravidade novamente, depois de tanto tempo na cama. “Durante o meu período de confinamento – que não foi nem um pouco desagradável –, eu tive a chance de refletir.”

“Então?”, instigou o entrevistador, preenchendo a pausa.

“Então...” Deu um sorriso gentil e genuíno, até mesmo feliz, para a câmera, para a sua casa. “Então decidi que o projeto era ambicioso demais. Vou abandoná-lo.”

ÍCARO
AFOGADO
1990



Nathan Bryce descobriu Thomas Jerome Newton pela primeira vez através de um rolo de espoletas. Descobriu-o novamente em uma gravação fonográfica. Encontrou a gravação de maneira tão acidental quanto encontrara as espoletas, mas o que ela significava – pelo menos em parte – ficou evidente muito mais rapidamente do que fora o significado delas. Aconteceu em outubro de 1990, em uma farmácia Walgreen em Louisville, a alguns quarteirões do apartamento onde Bryce e Betty Jo Mosher moravam juntos. Sete meses depois do pequeno discurso de despedida de Newton na televisão.

Tanto Bryce quanto Betty Jo haviam poupado a maior parte de seus salários da World Enterprises, então não era realmente necessário que Bryce trabalhasse, pelo menos não por um ano ou dois. Mas ele aceitara um emprego de consultor para uma fábrica de brinquedos científicos – um trabalho que ele sentia, com certa satisfação, que tinha levado a sua carreira na química a completar um círculo perfeito. Estava a caminho de casa em uma tarde, saindo do trabalho, quando parou em uma farmácia. Seu objetivo era comprar um par de cadarços, mas parou na entrada da loja quando viu uma grande cesta de metal com discos fonográficos abaixo de um aviso no qual se lia “Queima de estoque: 89 centavos”. Bryce sempre fora um caçador de pechinchas. Passou os dedos por alguns dos cartões de gravações, brincando com um ou outro, e foi quando encontrou um de aparência amadora virado para si que o assustou imediatamente por seu título. Desde o tempo em que as gravações fonográficas tinham se transformado em pequenas esferas de metal, as produtoras normalmente as embalavam em pequenas caixas de plástico ligadas a um grande cartão de plástico. A etiqueta normalmente mostrava uma imagem artística e quase sempre comentários ridículos sobre os álbuns quadrifônicos antiquados que estavam dentro delas. Mas o cartão dessa era simplesmente de papelão e não havia nenhuma imagem. Em uma tentativa barata de arte, o título da gravação fazia uso do mecanismo banal de usar minúsculas em todo o texto. Nele, se lia:

poemas do espaço sideral. E, na parte de trás do cartão: garantimos que você não entenderá a língua, mas vai desejar que conseguisse! sete poemas do outro mundo, escritos por um homem que chamamos de “o visitante”.

Sem qualquer hesitação, Bryce levou a gravação para a cabine de testes, colocou a esfera no equipamento e acionou o botão. A língua que ouviu era realmente estranha – triste, líquida, com vogais longas, erguendo-se e diminuindo em tons estranhos, completamente ininteligível. Mas a voz, sem dúvida, era a de T.J. Newton.

Desligou o equipamento. Na parte de baixo do cartão estava impresso: *gravado por “a terceira renascença”, rua sullivan, vinte e três, nova york...*

A “terceira renascença” ficava em um sótão. A equipe do escritório consistia somente em uma pessoa, um jovem negro estiloso com um bigode enorme. Essa pessoa felizmente estava com um humor extrovertido quando Bryce foi até a sua sala e ele lhe explicou prontamente que “o visitante” da gravação era um ricoço maluco chamado Tom alguma-coisa que morava em algum lugar do Village. Esse maluco, parecia, tinha abordado a gravadora pessoalmente e bancado os custos para produzir e distribuir a gravação. Podia ser encontrado na cafeteria-e-bar na esquina, um lugar chamado The Key and Chain...

Uma relíquia das antigas cafeterias que tinham sido extintas nos anos 1970, The Key and Chain conseguira sobreviver, assim como algumas outras, ao instalar um bar e vender bebida alcoólica barata. Não havia tambores bongô, nem declamações de poesia – aquele tempo já passara há muito –, mas havia pinturas amadoras nas paredes, mesas baratas de madeira posicionadas de forma aleatória pelo salão e os poucos clientes que estavam ali se vestiam cuidadosamente como mendigos. Thomas Jerome Newton não estava entre eles.

Bryce pediu um uísque com soda no bar e o bebeu lentamente, decidido a esperar por pelo menos várias horas. Mas tinha apenas começado o segundo copo quando Newton entrou. Bryce não o reconheceu de primeira. Ele estava levemente curvado e tinha um andar mais pesado do que antes. Usava os óculos escuros habituais, mas agora também carregava uma bengala branca e estava usando, por mais absurdo que fosse, um chapéu Fedora cinza. Uma enfermeira gorda uniformizada o conduzia pelo braço. Levou-o até uma mesa isolada no fundo do salão, sentou-o e foi embora. Newton olhou na direção do bar e disse: “Boa tarde, sr. Elbert”. E o atendente retrucou “Já vou até aí, mestre”. O homem abriu uma garrafa de gim Gordon, colocou-a na bandeja com uma garrafa de bitter Angostura e um copo, e levou-a para a mesa de Newton. Ele tirou uma nota do bolso da camisa, entregou para o atendente, sorriu de forma vaga e disse: “Pode ficar com o troco”.

Bryce o observou diretamente do bar enquanto o homem tateou à procura do

copo, encontrou-o e serviu-se de meio copo de gim, completando-o com uma porção generosa de bitter. Não colocou gelo, nem misturou a bebida, apenas começou a tomar alguns goles imediatamente. Bryce começou a imaginar, de repente e quase em pânico, o que diria a Newton, agora que o encontrara. Poderia correr em direção a ele, segurando sua bebida e dizer “Mudei de ideia no último ano. Quero que os antheanos controlem tudo, no fim das contas. Tenho lido os jornais e agora quero que os antheanos controlem tudo”. Parecia ridículo agora que estava com o antheano, de fato, novamente – e Newton agora parecia uma criatura tão patética. Aquela conversa assustadora em Chicago parecia ter acontecido em um sonho ou em outro planeta.

Olhou para o antheano pelo que lhe pareceu muito tempo, lembrando da última vez em que vira o Projeto, a balsa de Newton, sob o avião das Forças Armadas que o carregara do campo no Kentucky, ao lado de Betty Jo e mais cinquenta pessoas.

Pensando naquilo, quase se esqueceu de onde estava. Lembrou daquela bela e enorme nave absurda que estiveram construindo no Kentucky, lembrou do prazer com o qual fizera seu trabalho, da maneira que estivera tão absorvido na resolução daqueles problemas sobre metais, cerâmicas, temperatura e pressão, por um tempo, que sentira como se sua vida realmente estivesse envolvida com algo importante, algo que valesse a pena. Agora, as partes da nave deviam estar começando a enferrujar, provavelmente – se o FBI não tivesse isolado a coisa toda em termoplástico e a enviado para ser catalogada no porão do Pentágono. Mas seja lá o que tivesse acontecido, certamente não tinha sido a primeira possível chance de salvação a receber o tratamento oficial do governo.

Foi quando, no clima em que aquela linha de pensamento o tinha deixado, ele pensou *mas que diabos?*, levantou-se, caminhou até a mesa de Newton, sentou e disse, com a voz calma e límpida: “Olá, sr. Newton”.

A voz de Newton também parecia calma. “Nathan Bryce?”

“Exatamente.”

“Bem...” Newton terminou a bebida que tinha nas mãos. “Fico feliz por você ter vindo. Achei que talvez viesse.”

Por alguma razão, algo na voz de Newton, provavelmente o tom casual e despreocupado, incomodou Bryce. Percebeu que estava se sentindo desajeitado repentinamente. “Encontrei a sua gravação”, disse ele. “Os poemas.”

Newton sorriu fracamente. “Ah, é? E o que achou deles?”

“Não gostei muito.” Estava tentando ser corajoso em sua declaração, mas apenas pareceu irrelevante. Limpou a garganta. “Mas por que a fez?”

Newton continuou a sorrir. “É incrível como as pessoas não pensam sobre as coisas”, disse. “Ou, pelo menos, é o que um homem que trabalhava na CIA me

disse.” Começou a se servir de outra dose de gim, e Bryce percebeu que sua mão tremeu um pouco quando o fez. Baixou a garrafa com dificuldade. “A gravação não é composta de poemas antheanos. Está mais para uma carta.”

“Uma carta para quem?”

“Para a minha esposa, sr. Bryce. E para algumas das pessoas sábias que me treinaram para essa... para essa vida, em minha casa. Eu esperava que tocasse em uma rádio FM em algum momento. Sabia que apenas a FM viaja entre os planetas? Mas pelo que sei, ela nunca foi tocada.”

“O que ela diz?”

“Ah, ‘adeus’, ‘vá para o inferno’, coisas do tipo.”

Bryce estava ficando cada vez mais desconfortável. Desejou por um momento que Betty Jo estivesse com ele; ela era ótima para restaurar sua sanidade, para fazer as coisas serem compreensíveis e até toleráveis. Mas Betty Jo acreditava estar apaixonada por T.J. Newton, e aquilo poderia se tornar ainda mais desconfortável do que já estava. Ficou em silêncio, não sabendo o que podia falar.

“Bem, Nathan – acho que você não se importa que eu o chame de Nathan. Agora que me encontrou, o que quer de mim?” Sorriu sob os óculos e o chapéu ridículo. Seu sorriso parecia tão antigo quanto a lua; mal se parecia com um sorriso humano.

De repente, Bryce sentiu vergonha do sorriso e do tom de voz grave e incrivelmente cansado de Newton. Serviu uma bebida para si antes de responder, batendo a boca da garrafa sem querer no copo. E bebeu, encarando Newton e o verde sem reflexo dos óculos dele. Segurou o copo de plástico transparente com as duas mãos, apoiou os cotovelos sobre a mesa e disse: “Quero que salve o mundo, sr. Newton”.

O sorriso de Newton não se alterou e a resposta dele foi imediata. “Vale a pena salvá-lo, Nathan?”

Não fora até ali para trocar ironias. “Sim”, respondeu. “Acho que vale a pena salvá-lo. Quero viver a minha vida inteira, pelo menos.”

Newton se inclinou sobre a cadeira na direção do bar repentinamente. “Sr. Elbert”, chamou. “Sr. Elbert.”

O atendente, um homem pequeno com a expressão triste e repuxada, ergueu o olhar de seus devaneios e respondeu amavelmente: “Sim, mestre?”

“Sr. Elbert”, disse Newton, “sabia que eu não sou um ser humano? Sabia que vim de outro planeta, chamado Anthea, e que vim pra cá em uma nave?”

O homem deu de ombros. “Ouvi algo do tipo”, respondeu.

“Bem, eu não sou e vim mesmo. Ah, mas vim mesmo.” Ele fez uma pausa e Bryce o encarou – chocado não pelo que Newton falara, mas pelo tom infantil e

bobo de sua voz. *O que fizeram com ele? Tinham só o cegado?*

Newton chamou o atendente de novo. “Sr. Elbert, sabe por que eu vim para este mundo?”

Dessa vez ele nem ergueu o olhar. “Não, mestre”, respondeu. “Isso eu não sei.”

“Bem, eu vim salvá-lo.” A voz de Newton era firme, irônica, mas havia um traço de histeria nela. “Vim salvar todos vocês.”

Bryce pôde ver o homem sorrir para si mesmo. Ainda de trás do bar, comentou: “Então é melhor correr, mestre. Precisamos ser salvos logo”.

Newton inclinou a cabeça, Bryce não sabia se em vergonha, desespero ou cansaço. “Ah, de fato”, disse, quase em um sussurro. “Precisamos ser salvos logo.” Ergueu o rosto e sorriu para Bryce. “Tem visto Betty Jo?”

Aquilo o pegou desprevenido. “Sim...”

“Como ela está? Como está Betty Jo?”

“Ela está bem. Sente a sua falta. Como o sr. Elbert disse, ‘precisamos ser salvos logo’. Você consegue?”

“Não, sinto muito.”

“Não há nenhuma chance?”

“Não. É claro que não. O governo sabe tudo sobre mim...”

“Você contou para eles?”

“Talvez tenha contado, mas não foi preciso. Eles pareciam saber já há bastante tempo. Acho que fomos inocentes.”

“Quem? Eu e você?”

“Você. Eu. Meus companheiros em casa, meus sábios companheiros...”
Falou alto: “Fomos ingênuos, sr. Elbert”.

A resposta do homem foi um carinhoso “Foram mesmo, mestre?” Parecia realmente preocupado, como se acreditasse, por um momento, no que Newton estava falando.

“Você teve uma longa jornada.”

“Ah sim, com certeza. E em uma pequena nave. Navegando, navegando, navegando... E foi uma viagem muito longa, Nathan, mas passei a maior parte do tempo lendo.”

“Sim, eu sei. Mas não estava falando disso. Estava falando do período em que estive aqui. O dinheiro, a nova nave...”

“Ah, ganhei muito dinheiro. Ainda ganho muito. Mais do que nunca. Tenho mais dinheiro em Louisville e mais dinheiro em Nova York e quinhentos dólares no bolso e uma pensão do governo. Sou um cidadão agora, Nathan. Eles me tornaram um cidadão. E talvez eu possa receber um auxílio-desemprego. Ah, a World Enterprises é uma preocupação constante, sem que eu a dirija, Nathan.

World Enterprises.”

Bryce, chocado com o jeito estranho da aparência e da fala de Newton, achava difícil continuar encarando-o, então baixou o olhar. “Você não consegue terminar de construir a nave?”

“Acha que eles deixariam?”

“Com todo o seu dinheiro...”

“Acha que eu quero?”

Bryce ergueu o olhar. “Bem, você quer?”

“Não.” De repente, a expressão de Newton voltou à sua antiga aparência, mais humana e composta. “Ou quero. Acho que quero, Nathan. Mas não o bastante. Não o bastante.”

“Mas e o seu povo? E a sua família?”

Newton deu aquele sorriso inumano de novo. “Acredito que vão todos morrer. Mas, mesmo assim, provavelmente ainda viverão mais que você.”

Bryce ficou surpreso com as próprias palavras. “Eles estragaram sua mente da mesma maneira que estragaram seus olhos, sr. Newton?”

A expressão do homem não se alterou. “Você não sabe nada sobre a minha mente, Nathan. E isso porque você é um ser humano.”

“O senhor mudou, sr. Newton.”

O homem deu uma risada leve. “E virei o quê, Nathan? Virei algo novo ou voltei a ser algo antigo?”

Bryce não sabia o que dizer, então se manteve em silêncio.

Newton se serviu de uma dose pequena e a colocou na mesa. “Este mundo está tão condenado quanto Sodoma, e eu não posso fazer absolutamente nada sobre isso.” Ele hesitou. “Sim, parte da minha mente está arruinada.”

Bryce, tentando argumentar, disse: “Mas a nave...”

“A nave é inútil. Teria que ser concluída no cronograma e não há mais tempo para isso. Nossos planetas não estarão próximos o suficiente por outros sete anos. Já estão se distanciando. E os Estados Unidos nunca me deixariam construí-la. Se eu a construísse, eles nunca deixariam que eu a lançasse. E se eu a lançasse, eles aprisionariam os antheanos que voltassem nela, e provavelmente os cegariam também. E arruinariam suas mentes...”

Bryce terminou a bebida. “Você disse que tinha uma arma.”

“Sim, eu disse. Estava mentindo. Não tenho arma nenhuma.”

“Por que você mentiria...?”

Newton se inclinou para a frente, colocando os cotovelos na mesa com cuidado. “Nathan, Nathan... Eu estava com medo de você. Estou com medo agora. Tenho estado com medo de todos os tipos de coisas o tempo todo. Fui exaurido neste planeta, neste planeta monstruoso, lindo e aterrorizante com todas

as suas criaturas estranhas e sua água abundante, e todos os seus humanos. Agora tenho medo. Terei medo de morrer aqui.”

Ele fez uma pausa e, quando Bryce ainda assim não respondeu nada, voltou a falar: “Nathan, pense como seria viver com macacos por seis anos. Ou pense em viver com os insetos, em viver com as brilhantes, atarefadas e idiotas formigas”.

A mente de Bryce estava se iluminando já há vários minutos. “Acho que está mentindo. Não somos insetos para você. Talvez tenhamos sido no começo, mas não somos mais.”

“Ah, é claro, eu amo vocês, com certeza. Alguns de vocês, Mas são insetos mesmo assim. Apesar disso, talvez eu seja muito mais parecido com vocês do que comigo.” Ele deu aquele sorriso antigo e irônico. “Afinal de contas, vocês são o meu campo de estudo, humanos. Eu os estudei a vida inteira.”

De repente, o atendente perguntou, do bar: “Vocês querem copos limpos?”.

Newton virou o dele. “É claro, nos traga dois copos limpos, sr. Elbert”, pediu ele.

Enquanto o sr. Elbert secava a mesa com um grande pano laranja, Newton disse: “Sr. Elbert, decidi que não vou tentar nos salvar, no fim das contas”.

“Mas que pena”, disse Elbert. Colocou os copos limpos na mesa seca. “Sinto muito pelo senhor.”

“É uma pena, não é?” Tateou em busca da nova garrafa de gim que fora colocada na mesa, encontrou-a e se serviu. Ao fazê-lo, perguntou: “Você vê Betty Jo com frequência, Nathan?”.

“Sim. Eu e Betty Jo moramos juntos agora.”

Newton tomou um gole da bebida. “Como amantes?”

Bryce deu uma risada curta. “Sim, como amantes, sr. Newton.”

A expressão de Newton estava impassível, em um nível que Bryce aprendera ser uma máscara para seus sentimentos. “Então a vida segue.”

“Bem, o que, pelos céus, você espera?”, disse Bryce. “Claro que a vida segue.”

Foi quando Newton começou a gargalhar. Bryce estava chocado; nunca o vira rir daquele jeito. Ainda trêmulo pelas risadas, Newton comentou: “É uma coisa boa. Ela não vai mais se sentir sozinha. Onde ela está?”.

“Em casa com os gatos, em Louisville. Bêbada, provavelmente.”

A voz de Newton ficou séria novamente. “Você a ama?”

“Você está tentando ser ridículo”, disse Bryce. Não gostara da risada. “Ela é uma boa mulher. Sou feliz com ela.”

Newton sorria agora, gentilmente. “Não interprete mal a minha risada, Nathan. Acho que é algo bom, os dois estarem juntos. São casados?”

“Não. já pensei nisso.”

“Por favor, case-se com ela. Case-se com ela e saiam em lua de mel. Precisam de dinheiro?”

“Não foi por isso que não me casei com ela. Mas poderia fazer uso de um pouco de dinheiro, é claro. Quer me dar um pouco?”

Newton riu novamente. Parecia incrivelmente entretido. “É claro que sim! Quanto você quer?”

Bryce deu um gole na bebida. “Um milhão de dólares.”

“Vou fazer um cheque para você.” Newton enfiou a mão no bolso da camisa, tirou um talão de cheques e o colocou na mesa. Era do Chase Manhattan. “Eu costumava assistir àquele programa sobre o cheque de um milhão de dólares na TV, lá em casa.” Empurrou o talão na direção de Bryce. “Você preenche e eu assino.”

Bryce tirou sua caneta esferográfica do bolso, escreveu seu nome no cheque e o valor em números: US\$ 1.000.000,00. Depois escreveu, com cuidado, “Um milhão de dólares”. Empurrou o talão de volta para Newton. “Já está feito.”

“Você vai ter que guiar minha mão.”

Ele se levantou, andou até o outro lado da mesa, colocou a caneta na mão de Newton e a segurou enquanto o antheano assinava “Thomas Jerome Newton” em uma letra legível e firme.

Bryce colocou o cheque em sua carteira.

“Você se lembra de um filme que passou na televisão chamado *Quem é o Infiel?*”, perguntou Newton.

“Não.”

“Bem, em Anthea, eu aprendi a escrever em letra cursiva copiando de uma fotografia da carta que aparece nesse filme, vinte anos atrás. Tínhamos um sinal claro, vindo de vários canais que exibiam aquele filme.”

“Você tem uma letra muito bonita.”

Newton sorriu. “É claro que tenho. Fazíamos tudo muito bem. Nada era feito às pressas e trabalhei muito para me tornar uma imitação de ser humano.” Ergueu o rosto na direção de Bryce, como se pudesse vê-lo. “E é claro que obtive sucesso.”

Bryce não disse nada e voltou para o seu lugar. Sentia que devia mostrar empatia ou algo do tipo, mas não conseguia sentir nada. Continuou calado.

“Para onde você e Betty Jo vão? Com o dinheiro?”

“Não sei. Talvez para o Pacífico, para o Taiti. Provavelmente levaremos um ar-condicionado conosco.”

Newton começava a abrir seu sorriso de lua, aquele sorriso inumano, de novo. “E ficar bêbados o tempo todo, Nathan?”

Bryce estava incomodado. “Podemos tentar fazer isso”, respondeu. Não

sabia o que iria fazer com um milhão de dólares. As pessoas costumavam se perguntar o que fariam se alguém lhes desse um milhão de dólares, mas ele nunca se perguntara aquilo. Talvez ele realmente fosse para o Taiti ficar bêbado em uma cabana, se ainda houvesse cabanas no Taiti. Se não houvesse, eles poderiam ficar no hotel Hilton do Taiti.

“Bem, eu lhe desejo boa sorte”, disse Newton. E completou: “Fico feliz em poder fazer algo com o dinheiro. Tenho uma quantidade imensa dele”.

Bryce se levantou para ir embora, se sentindo cansado e um pouco bêbado. “E não há nenhuma chance...?”

Newton abriu ainda mais aquele sorriso estranho para ele; a boca sob os óculos e o chapéu era como uma linha estranhamente curva em um desenho infantil de um sorriso. “É claro, Nathan”, disse ele. “É claro que há alguma chance.”

“Bem...”, disse Bryce. “Obrigado pelo dinheiro.”

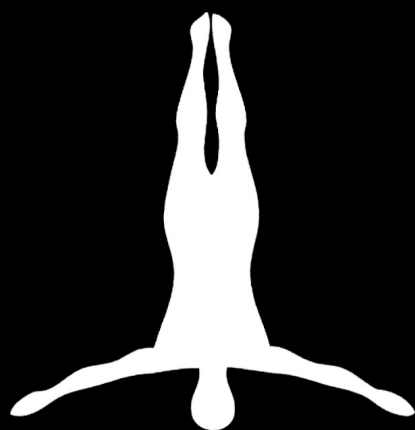
Por causa dos óculos escuros, Bryce não conseguia ver os olhos de Newton, mas parecia que ele estava olhando para todos os lugares. “O que vem fácil, vai fácil, Nathan”, disse ele. “O que vem fácil, vai fácil.” Newton começou a tremer. Seu corpo angular começou a se inclinar e o chapéu de feltro caiu silenciosamente na mesa, revelando seu cabelo branco como giz. Foi quando a cabeça antheana pousou nos longos braços antheanos e Bryce percebeu que ele estava chorando.

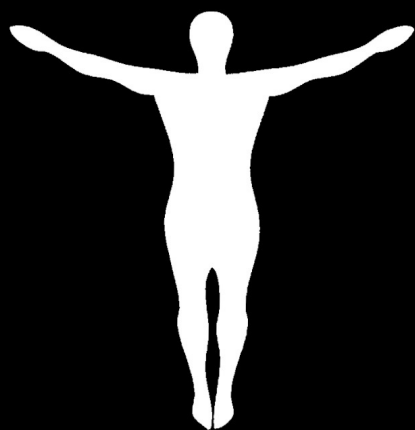
A princípio, Bryce ficou em silêncio, olhando para ele. Então deu a volta na mesa e, ajoelhando, colocou os braços em volta das costas de Newton e o segurou gentilmente, sentindo o corpo leve tremer sob suas mãos como se fosse o corpo de um pássaro delicado, esvoaçante e aflito.

O atendente tinha vindo para perto deles e, quando Bryce olhou para cima, o homem disse: “Acho que o amigo precisa de ajuda”.

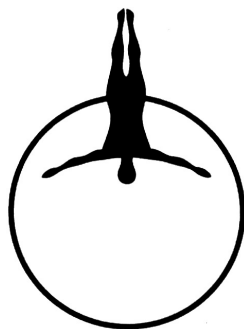
“Sim”, disse Bryce. “Acho que ele precisa.”

Σ<O>Σ





WALTER TEVIS (1928-1984) nasceu em São Francisco, Califórnia. Foi professor de literatura na Universidade de Ohio e autor de romances e contos traduzidos em pelo menos 18 idiomas. Três dos seis romances que escreveu foram adaptados para o cinema: *The Hustler* (1959), *The Color of Money* (1984) e *O Homem que Caiu na Terra* (1963). Este, dirigido por Nicolas Roeg em 1976, marca a estreia de David Bowie como ator. O filme logo se tornou um clássico e influenciou a cultura pop como poucas outras obras de ficção científica. Saiba mais em waltertevis.com.



“O universo não foi feito à medida do ser humano, mas tampouco lhe é adverso: é-lhe indiferente.”

– Carl Sagan

CAÍMOS NA TERRA E PRECISAMOS DE AJUDA. INVERNO TERRESTRE
DARKSIDEBOOKS.COM

Copyright © 1963 by Walter Tevis
Copyright renewed 1991 by Eleanora Tevis

Imagem de capa:
© CBW / S.Schapiro / Alamy Stock Photo

Publicado mediante acordo com SUSAN SCHULMAN,
A LITERARY AGENCY, NEW YORK, NEW YORK, USA

Tradução para a língua portuguesa
© 2016, Taíssa Reis

Título original: The Man Who Fell to Earth

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor Comercial
Chico de Assis

Editor
Bruno Dorigatti

Capa e Projeto Gráfico
Retina 78

Designer Assistente
Pauline Qui

Revisão
Ana Kronemberger
Retina Conteúdo

Impressão e acabamento
Gráfica Geográfica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Tevis, Walter

O homem que caiu na Terra / Walter Tevis ; tradução de Taissa Reis.

– Rio de Janeiro : DarkSide Books, 2016.

224 p.

ISBN: 978-85-9454-005-8

Título original: *The Man Who Fell to Earth*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica

I. Título II. Reis, Taissa

16-0594 CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

I. Ficção norte-americana

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

DarkSide® Entretenimento LTDA.

Rua do Russel, 450/501 – 22210-010

Glória – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

www.darksidebooks.com

Digitalização e eBook: Argon

ePub v1a